



Jorge Hessen

O ESPIRITISMO DIANTE DA CENTENÁRIA E DESPÓTICA SAGA ROUSTANIANA



Autores Espíritos Clássicos



www.luzespirita.org.br

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O Espiritismo diante da centenária e despótica saga roustaniana

Jorge Hessen

1ª edição: 28 de janeiro de 2020
São Paulo, Brasil

Revisão: **Irmãos W.**
Formatação: **Ery Lopes**

Produção digital e distribuição gratuita por:
Autores Espírita Clássicos
Portal Luz Espírita



Jorge Hessen

O ESPIRITISMO DIANTE DA CENTENÁRIA E DESPÓTICA SAGA ROUSTANIANA

*“Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face,
em todas as épocas da humanidade”.*

— Allan Kardec —

BRASIL – 2020

ÍNDICE

Prefácio — pág. 6

1. Entrevistando os presidentes da FEB — pág. 8
2. Os primórdios do “Espiritismo” — pág. 10
3. Possível intervenção ideológica na obra *Brasil, Coração do mundo pátria do Evangelho* — pág. 12
4. Volvamos aos primórdios do movimento espírita — pág. 14
5. Torteroli, um italiano líder dos “científicos” no Brasil — pág. 16
6. Grupo Confúcio — pág. 18
7. Diversos grupelhos espíritas — pág. 20
8. Federação espírita brasileira — pág. 21
9. Rememoremos os nomes dos presidentes da FEB — pág. 22
10. A oportunista arrumação de um “pacto” — pág. 23
11. A “Grande Conferência Espírita” imposta por Wantuil de Freitas foi muito embaraçosa e grotesca! — pág. 25
12. Um livro, uma tática, uma paródia histórica — pág. 27
13. “Bula papalina”? — pág. 28
14. Trechos de duas entrevistas, dois presidentes, dois comentários desiguais — pág. 31
15. Caravana da “fraternidade” — pág. 34
16. Os espíritas estamos unidos? — pág. 35
17. É inadiável refletir — pág. 38
18. Consequência — pág. 39
19. Movimento espírita Pós Kardec: episódios e declínio doutrinário na França — pág. 40
20. Entrevista polêmica do presidente Feb — pág. 49
21. Roustaing – o sesquicentenário tão aguardado na Feb — pág. 53
22. Roustaing - uma eterna desilusão febeana — pág. 57
23. O roustainguismo e seus problemas — pág. 67
24. Os quatro pontos a que refere são estes — pág. 68
25. Os erros metodológicos de Roustaing — pág. 70
26. Os quatro Evangelhos de Roustaing — pág. 77

27. A esse respeito, esclarece Kardec — [pág. 78](#)
28. Mexeu com "um" mexeu com todos? Uma reflexão pró-Kardec — [pág. 85](#)
29. Observemos como foram as confabulações — [pág. 86](#)
30. Superioridade da natureza de Jesus — [pág. 87](#)
31. Nota do Editor — [pág. 89](#)
32. Repercussão — [pág. 91](#)
33. O articulista e discípulo de Roustaing J. Leite, frequentador da FEB, manifestou-se “oficiosamente” nos seguintes termos — [pág. 93](#)
34. Eis Roustaing ofendendo Allan Kardec — [pág. 101](#)
35. Inocuidade Febeana e dos órgãos de “unificação” espírita no Brasil — [pág. 113](#)

PREFÁCIO

Nesta obra historiamos o movimento espírita a fim de alertar os futuros candidatos à militância doutrinária sobre o malogro dos coercitivos e desgastantes programas federativos que ainda subsistem sob o tacão do famigeradíssimo “Pacto áureo”.

Durante a escavação dos dados históricos, buscamos aferir algumas particularidades dos estatutos da FEB (hoje já reformado), a estrutura administrativa da direção, as ideologias individuais de uns e outros administradores e diretores (antigos e atuais).

Entrevistamos o atual presidente da FEB e seu antecessor. Ao tempo que descrevemos os primórdios do “Espiritismo” no Brasil. Acendemos necessárias reflexões sobre as possíveis intervenção ideológica na obra *Brasil coração do mundo pátria do Evangelho*.

Lembramos do Grupo Confúcio e anotamos o panorama da época, mesclada de diversos grupelhos espíritas se rivalizando entre si até o surgimento da Federação Espírita Brasileira por sugestão de um lusitano.

Advertimos sobre a oportunista instalação do “pacto aventureiro” no Rio de Janeiro, advinda após uma intrigante e cognominada “Grande Conferência Espírita” infligida por Wantuil de Freitas, então presidente da FEB, aliás um evento assaz imprevisto e embaraçoso além de inteiramente burlesco.

No tal “pacto” foi assinado coletivamente um documento com intensões unificadoras, todavia, na verdade, nada mais era que uma pauta coercitiva e ultramontana, uma paródia histórica denominada por Herculano Pires de “Bula papalina”.

Improvizamos aqui no livro um breve paralelo factual, relembrando o Movimento Espírita pós-Kardec e o declínio doutrinário na França, confirmando que Pierre-Gaëtan Leymarie – foi definitivamente o “Coveiro” de Kardec, propagando nos mesmos canais de difusão que o Codificador criou a teosofia e a ideologia roustanguista.

Através de uma entrevista que fizemos com o atual presidente da FEB comprovamos que Roustaing e sua esdrúxula tese permanecem ainda hoje atualíssimas, esplendorosas e soberanas nas mentes e sentimentos de alguns dos

eternos “donos” e influentes diretores da Federação Espírita Brasileira.

Jorge Hessen

Brasília, 23 de janeiro de 2020

1

ENTREVISTANDO OS PRESIDENTES DA FEB

Por que pretexto escrevemos esta obra? Em verdade, certa vez fomos convidados escrever um texto e proferir palestra no centro dirigido por um grande amigo cujo tema proposto era falar sobre o tal *Pacto Áureo*. Admitimos que não tinha antes abeirado tal tema, nem para historiar, nem para interpretar. Acolhemos a solicitação e debruçamos nas diversas fontes disponíveis (orais, livros, jornais, revistas, vídeos, e-books etc.).

Antes, porém, de expormos qualquer juízo sobre o tema, informamos que por longos anos fui assessor especial dos presidentes das federações espíritas de Mato Grosso e Distrito Federal, portanto, temos experiência e distinguimos relativamente bem algumas propostas de programação visando a organização do movimento espírita sob o ponto de vista da “unificação” do movimento e da “união” dos espíritas.

Durante a escavação dos dados históricos, procuramos avaliar as minudências dos estatutos da FEB, a estrutura administrativa da direção, as ideologias individuais de uns e outros administradores e diretores (antigos e atuais).

Conseguimos entrevistar o ex-presidente Antônio César Perri. A entrevista pode ser acessada na íntegra através do link:

<http://aluznamente.com.br/luz-na-mente-entrevistou-cesar-perri-presidente-da-feb/>.

Ante as suas respostas e fraternal acolhimento ficamos entusiasmados, mormente com a lucidez e consciência gerencial sobre a dinâmica federativa. César Perri demonstrou nas respostas elevada consciência, afetuosa paciência e insólita sapiência. Sim, o ex-presidente da FEB demonstrou ótima retórica nas elocuções doutrinárias, competência de síntese nas explicações fornecidas aos questionários, sobretudo sobre o tema “Roustaing”.

Através da imprensa espírita fomos acompanhando a gestão do César na presidência da autoproclamada “casa madrasta” até o dia das novas eleições para a presidência. Conversando com amigos no ambiente febeano deparamos que por motivos banais os diferentes membros do “conselho superior” febeano foram previamente, segundo entendemos, contaminados de subsídios negativos sobre o

procedimento administrativo e a personalidade do Perri.

Escutamos aqui e acolá alguns títulos atribuídos ao César, tipo: “arrogante”, “ vaidoso”, “prepotente” e paradoxalmente quase todos disseram-me que ele era um excelente administrador. Resultado: foi deliberada de maneira “fraternal e democrática” pela não reeleição do César Perri. Da disputa pelo cargo foi eleito para assumir a presidência o roustonista Jorge Godinho, um desconhecido do Conselho Federativo Nacional.

Na oportunidade igualmente entrevistamos o presidente recém-eleito. A entrevista pode ser acessada na íntegra através do link <http://aluznamente.com.br/entrevista-do-recem-eleito-presidente-da-feb-na-integra>, que percebemos nas respostas “digitadas” a mim enviadas (via e-mail) que o presidente designado era recruta nas questões federativas, portanto sem maiores experiências para arrostar o compromisso federativo da suposta “casa-mãe”.

Por causa das respostas enviadas a mim (via e-mail), provindas do presidente eleito e sabendo que na sede da FEB (em Brasília) há claras divisões e conflitos entre os eternos “donos daquela espécie de basílica”, os “autocráticos” e eternos diretores roustonistas versus trabalhadores e frequentadores contrários à imposição das reuniões públicas das tradicionais “terças-feiras”, consagradas ao “estudo” (lavagem cerebral?) dos quatro evangelhos do Roustaing.

Ante esse panorama tão “fraternista” deliberamos catalogar os subsídios históricos sobre a trajetória do movimento espírita no Brasil. Na pesquisa esbarramos com inusitados fatos relacionados à autodenominada “casa madrasta” dos “espíritas brasileiros” e a “cereja do bolo”, admitimos que foi o episódio que culminou inexplicavelmente no tal “pacto áureo”.

Percorramos a seguir quais foram os caminhos que percorremos e que destino alcançamos.

2

OS PRIMÓRDIOS DO “ESPIRITISMO”

Segundo Mary Del Priore, ex-professora de História na Universidade de São Paulo (USP) e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales, os franceses, radicados ou não entre os brasileiros, principalmente entre o Primeiro e Segundo Reinados, não se dedicaram apenas ao comércio de produtos de consumo de "luxo", mas tiveram grande participação no desenvolvimento da cultura. A eles ficamos devendo não apenas a circulação de livros e jornais em francês, mas as primeiras livrarias e bons encadernadores. A Garnier, casa editora, foi a primeira a publicar a tradução de O Livro dos Espíritos, traduzido por Joaquim Carlos Travassos, que se assinava Fortúnio.

Para Mary Del Priore, entre os franceses, havia o grupo de leitores e adeptos de Kardec. Um dos grandes entusiastas foi Casimir Lieutaud, amigo pessoal de Garnier. Homem de cultura, pedagogo e dono do renomado Colégio Francês, ele logo se interessou pelas experiências efetuadas por Kardec. Em 1860, arriscando seu prestígio de educador, Lieutaud publicou o primeiro livro de divulgação espírita impresso no Brasil: Os tempos são chegados (Les temps sont arrivés). Foi correspondente de um pioneiro do espiritismo, o baiano Teles de Menezes, a quem incentivava contra as forças conservadoras da Igreja.

O jornal Courrier logo se tornou a correia de transmissão de ideias espíritas: em 1861, Adolphe Hubert, seu editor, admitia sua condição de espírita. A eles se juntou a médium-psicógrafa Madame Perret Collard. Sua adesão seguiu-se a de outros comerciantes, todos intocáveis por sua posição social. Jornalistas e professores franceses revestiam o espiritismo de um halo de progresso. Eles se integraram aos primeiros centros espíritas formados na Corte, a partir dos anos 70. Afinal, o que era bom — livros, roupas vinha da França. Bem-educados, burgueses, em boa situação financeira, muitos franceses tinham contato com o palácio imperial e com a fina flor da sociedade. A propaganda espírita atingia “o creme do creme” da sociedade.

De conformidade com as fontes compulsadas, identificamos os primórdios do movimento precursor do Espiritismo no Brasil nas experiências dos partidários do

mesmerismo.¹ Dentre os seus adeptos, encontramos os médicos homeopatas Benoît Jules Mure (francês) e João Vicente Martins (português). Ambos chegaram ao Brasil em 1840. Havia mais apaixonados pela técnica de Mesmer, a exemplo de José Bonifácio de Andrada e Silva (o “Patriarca da Independência”), igualmente adepto à homeopatia, e Mariano José Pereira da Fonseca (Marquês de Maricá), este último publicou um livro de essência “pré-codificação espírita”, em 1844. O “Espírito” Humberto de Campos² explanou em *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho* que Benoît Jules Mure e João Vicente Martins “fariam da medicina homeopática verdadeiro apostolado. Muito antes da Codificação Espírita já conheciam os tranSES mediúnicos e o elevado alcance da aplicação do magnetismo espiritual. Introduziram vários serviços de beneficência no Brasil e traziam por lema, dentro da sua maravilhosa intuição, a mesma inscrição divina da bandeira de Ismael — “Deus, Cristo e Caridade”.

Aplicavam aos doentes os passes como um ato religioso. Não o faziam por charlatanismo. Samuel Hahnemann recomendava esse processo auxiliar da Homeopatia. Foram os homeopatas que lançaram os passes, não os espíritas. Estes continuaram a tradição.

¹ Técnica terapêutica criada pelo médico vienense Franz Anton Mesmer (1734-1815), que consiste em utilizar o “magnetismo animal” como fonte de tratamento de saúde. Assemelha-se, como técnica, ao hipnotismo.

² Xavier, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

3

POSSÍVEL INTERVENÇÃO IDEOLÓGICA
NA OBRA BRASIL CORAÇÃO DO
MUNDO PÁTRIA DO EVANGELHO

Ante de prosseguirmos propomos uma breve digressão aqui: Com atributos de historiador identificamos em Brasil coração do mundo pátria do Evangelho distintas e prováveis interpolações, isto é, percebemos possíveis “adaptações” a partir da psicografia original, desta forma, identificamos um conjunto controlado de informações e ideologias místicas impostas ao texto de Humberto de Campos. Há indícios evidentes de inserções descontextualizadas nos capítulos, prejudicando inclusive os fatos históricos propostos pelo autor espiritual.

Dentre algumas interferências externas ao autor, há insofismável evocação da primazia injustificável de uma instituição espírita sobre todas as instituições coirmãs no Brasil. Nada, categoricamente nada, justifica tal hegemonia. O próprio Chico Xavier, que doou de boa-fé para a FEB as suas mais importantes produções psicográficas, mormente na gestão de Guillon Ribeiro, deliberou a partir da década de 1960, por livre iniciativa, nunca mais enviar suas psicografias para a “casa madrasta”, afastando-se em caráter definitivo da FEB. Até o ano de 2002 (ano da sua desencarnação) nunca mais o médium mineiro retomou os vínculos com a “corte teológica e dogmática brasiliense”.

Tal circunstância fez-me recordar uma advertência de Emmanuel contido em A Caminho da Luz, capítulo 16, observemos a coincidência histórica:

A igreja de Roma, que antes da criação oficial do Papado considerava-se a eleita de Jesus, ao arvorar-se em detentora das ordenações de Pedro, não perdia ensejos de firmar a sua injustificável primazia junto às suas congêneres de Antioquia, de Alexandria e dos demais grandes centros da época. herdando os costumes romanos e suas disposições multisseculares, procurou um acordo com as doutrinas consideradas pagãs, pela posteridade, modificando as tradições puramente cristãs, adaptando textos, improvisando novidades injustificáveis e organizando, finalmente, o Catolicismo sobre os escombros da doutrina deturpada.

Nas sondagens investigativas que fiz aqui na Av. L-2 Norte de Brasília (sede da FEB) houve quem afiançasse que o Chico jamais advertiu à FEB sobre as possíveis e alegadas interpolações em *Brasil coração do mundo...*. Desconhecemos maiores detalhes dos bastidores desse intercâmbio entre o médium e a FEB. Há inclusive os que atestam a anuência do Chico sobre a inserção de Roustaing em *Brasil Coração do Mundo*, citando supostas correspondências entre o Chico e o Wantuil de Freitas, contidas na obra *Testemunhos de Chico Xavier*. Todavia, descobrimos que foram repassadas para Suely Caldas Schubert, autora da obra, tão-somente algumas fontes secundárias, fragmentos das cartas datilografadas e intencionalmente selecionadas e elaboradas pelos roustonistas Zeus Wantuil e Francisco Thiesen.

E mais, forjaram a autenticidade da inserção do Roustaing no livro *Bíblia do Pacto Áureo*, quando diretores da FEB visitaram o Chico a fim de que o médium mineiro “autenticasse” o livro ou a página do capítulo 22 de *Brasil Coração do mundo...* visando corroborar a autenticidade da psicografia original (incinerada pela FEB), porém Chico “autenticou” a possível interpolação apenas com a “robusta” confirmação: “Com um abraço do servidor menor Chico Xavier”.

4

VOLVAMOS AOS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA

Foi no Rio de Janeiro que se formaram os precursores do movimento espírita brasileiro, mormente pelo grupo fundado pelo médico e historiador Alexandre José de Mello Moraes, cujos integrantes eram Pedro de Araújo Lima (Marquês de Olinda), Bernardo José da Gama (Visconde de Goiana), José Cesário de Miranda Ribeiro (Visconde de Uberaba) e outros destacados personagens do Segundo Reinado. Há fontes que remontam ao ano de 1845, quando no distrito de Mata de São João, Província da Bahia, foram registradas as primeiras manifestações do “além-túmulo”.

Destaque-se que alguns fenômenos das mesas girantes que ocorriam especialmente nos Estados Unidos da América e na Europa foram noticiados pela primeira vez no Brasil entre 1853 e 1854 no *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, no *Diário de Pernambuco*, Recife, e em *O Cearense*, em Fortaleza. Porém, somente a partir de “1860 que encontramos as primeiras publicações espiritistas”.³

Na capital do Brasil, as primitivas sessões espíritas foram realizadas na década de 1860, por franceses, muitos deles exilados políticos do regime de Napoleão III de França.⁴ Desses precursores, mencionamos o jornalista Adolphe Hubert, editor do periódico *Courrier do Brésil*, o professor Casimir Lieutaud⁵, e a médium psicógrafa, Madame Perret Collard.⁶ O primeiro periódico com trechos traduzidos das obras de Allan Kardec foi “A Verdadeira Medicina Física e Espiritual associada a Cirurgia”, um jornal científico sobre as ciências ocultas e especialmente de propaganda

³ Xavier, Francisco Cândido. Brasil, *Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

⁴ Sobrinho e herdeiro de Napoleão Bonaparte. Foi o primeiro presidente francês eleito por voto direto. Suas primeiras tentativas de golpe de Estado falharam, mas, na sequência da Revolução de 1848, conseguiu estabelecer-se na política, sendo eleito deputado e, em seguida, presidente da República. Finalmente, o bem sucedido Golpe de 1851 pôs fim à Segunda República e permitiu a restauração imperial em favor de Luís. Seu reinado, inicialmente autoritário, progrediu de forma gradativa após 1859 para o chamado “Império Liberal”. Implementou durante seu reinado a filosofia política publicada em seus ensaios *Idées napoléoniennes* e *L'Extinction du Paupérisme* - mistura de romantismo, liberalismo autoritário e socialismo utópico.

⁵ Fundador e diretor do Colégio Francês no Rio de Janeiro, Em 1860, publicou a tradução, em língua portuguesa, das obras *Os tempos são chegados (Les Temps sont arrivés)* e *O Espiritismo na sua mais simples expressão (Le Spiritisme à sa plus simple expression)*.

⁶ Palmeira, Vivian. “Curiosas Histórias do Espiritismo”. in: *Universos Espírita*, nº 49, ano 5, 2008. pp. 8-12.

magnetoterapia, publicado de janeiro a abril de 1861 por Eduardo Monteggia.⁷

Em 1865 (mesmo ano do lançamento da obra ***O Céu e o Inferno***), Luiz Olímpio Teles de Menezes (um amigo e distribuidor das obras de J.-B. Roustaing, no Brasil) criou em Salvador o Grupo Familiar de Espiritismo (considerada a primeira instituição espírita brasileira). Em 1866, Teles de Menezes publicou o opúsculo *O Espiritismo – Introdução ao Estudo da Doutrina Espírita*, contendo páginas extraídas e traduzidas de ***O Livro dos Espíritos***. No mesmo ano, na cidade de São Paulo, a Tipografia Literária publicou *O Espiritismo reduzido à sua mais simples expressão*, de Allan Kardec (sem indicação de tradutor).

Em julho de 1869 (ano da desencarnação do Codificador), Luís Olímpio publicou o primeiro jornal espírita do Brasil: o *Eco do Além-Túmulo*. O *Eco* contava com 56 páginas e chegou a circular em Londres, Madri, Nova Iorque, Paris. Em novembro de 1873 foi fundada em Salvador a Associação Espírita Brasileira (extensão do Grupo Familiar do Espiritismo) e, no ano seguinte (1874), alguns membros dessa Associação fundaram o Grupo Santa Teresa de Jesus.

⁷ Eduardo Monteggia era um homem eclético.

5

TORTEROLI, UM ITALIANO LÍDER DOS
“CIENTÍFICOS” NO BRASIL

Um dos divulgadores da Doutrina dos Espíritos no século XIX foi Afonso Angeli Torteroli, fundador do Centro da União Espírita do Brasil, instituição que tinha a intenção de coordenar o movimento espírita brasileiro. Para esse objetivo (união e unificação) Torteroli organizou em 1881, no Rio de Janeiro, o 1º Congresso Espírita Brasileiro. Sob sua influência e liderança, “ocorreu certa oposição ao trabalho da edificação evangélica (roustanista) no Brasil”.⁸ Torteroli, então líder dos “científicos” (antirroustanista), investiu contra Bezerra de Menezes tido como “místico” (neorroustanista), e sob a liderança do genovês ocorreram discordâncias.

No século passado costumava-se denominar os espíritas que compartilhavam do aspecto científico (antirroustaing) do Espiritismo de “científicos”. Os que encaravam o Espiritismo como religião (roustanistas) eram denominados “místicos”. Chegou-se mesmo a denominar espíritas apenas os que aceitavam *O Livro dos Espíritos* como expressão da Doutrina Espírita, e Kardecistas os que se dedicavam com mais afinco ao estudo das demais obras escritas por Allan Kardec. Essas ramificações não mais existem, pois atualmente emprega-se o vocábulo *espírita* para identificar os que aceitam o Espiritismo ou Doutrina Espírita como um todo, em seu tríplice aspecto de ciência, religião e filosofia.

Após a desencarnação de Torteroli, este se manifestou pela mediunidade de Chico Xavier, expressando algum pesar pelas dissensões ocorridas por invigilância de todos (“místicos” roustanistas e “científicos”). A carta foi psicografada no dia 4 de abril de 1950. Nela o italiano reconhece ter entendido o Espiritismo como ciência e filosofia⁹ (por causa das alucinações de *Os Quatro Evangelhos*). Sobre isso, os simpatizantes do “academista” afirmam que a carta psicografada contém conteúdo anímico do médium de Uberaba. Para tais, a posição doutrinária assumida por Torteroli (estritamente “científica” e “filosófica”, portanto antirroustaing) não

⁸ Torteroli nasceu em Gênova, Itália, em 23 de setembro de 1849 e desencanado no Rio de Janeiro em 11 de janeiro de 1928; há pesquisadores que citam o seu nascimento no dia 2 de junho de 1849 no Rio de Janeiro.

⁹ O conteúdo da mensagem foi publicado no *Reformador* de julho de 1950 e republicada na mesma revista em novembro de 1977.

prejudicou sua militância espírita, tanto no que diz respeito à divulgação da obra de Allan Kardec quanto à prática do assistencialismo.

6

GRUPO CONFÚCIO

Reza as tradições do movimento espírita brasileiro que os “Benfeitores” supostamente “sugeriram aos espíritistas brasileiros a necessidade de criar, no Rio de Janeiro, um núcleo central das atividades, que ficasse como o órgão orientador (federação) de todos os movimentos da doutrina no Brasil”.¹⁰ Tal instituição pioneira foi a Sociedade de Estudos Espíritos – Grupo Confúcio, em 1873.

Aliás, “Confúcio” aqui não era uma homenagem ao grande filósofo chinês, mas a um Espírito que comparecia há algum tempo nos trabalhos particulares do Dr. Sequeira Dias, sugerindo alguns princípios de moral. Conforme previsto nos estatutos do Grupo, devia seguir os princípios e as formalidades expostos em ***O Livro dos Espíritos*** e em ***O Livro dos Médiuns***. A divisa da sociedade era: “Sem caridade não há salvação”. Suas atividades incluíam ainda o receituário gratuito de homeopatia e a aplicação de passes aos necessitados.

Entre os feitos do “Confúcio” providenciou-se a tradução das obras básicas de Kardec para a língua portuguesa, realizada por Fortúnio (pseudônimo do médico Joaquim Carlos Travassos); o lançamento da *Revista Espírita*,¹¹ organizada e dirigida por Antônio da Silva Neto, constituindo o segundo periódico espírita do Brasil e o primeiro do Rio de Janeiro.

Na *Revista Espírita* foram publicados artigos doutrinários e de refutação aos oponentes da Doutrina, duramente atacada pelo *Jornal do Comércio*, nos anos de 1874/5, que tachava o Espiritismo de “epidemia mais perigosa que a febre amarela”, “verdadeira fábrica de doidos”.¹² Ao Confúcio deve o Espiritismo brasileiro os serviços de tradução das obras de Kardec e assistência gratuita homeopática.

Ainda sob o guante da tradição o Grupo Confúcio tornou-se o embrião da autoproclamada “casa-mãe” dos espíritas no Brasil, “constituindo (supostamente) a

¹⁰ Xavier, Francisco Cândido. Brasil, ***Coração do mundo, Pátria do Evangelho***, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

¹¹ Publicação mensal de Estudos Psicológicos, nos moldes da ***Revue Spirite***, de Allan Kardec.

¹² O *Jornal do Commercio*, tradicional periódico da então Capital brasileira, em artigo publicado em 23 de setembro de 1863 na seção “Crônicas de Paris”, abordou os espetáculos acerca dos espíritos então populares nos teatros de Paris e, em seguida, passava a tecer comentários em torno do Espiritismo. Esse artigo é citado pela ***Revue Spirite***, onde Allan Kardec comenta que o autor do artigo não se aprofundou no estudo do Espiritismo, de cuja parte teórica ignorava os processos.

base da obra “tangível” do suposto “espírito” “Ismael” (nome criado animicamente e alcunhado pelo “médium” Frederico Junior), na terra brasileira”.¹³ No grupo participavam, entre outros roustanistas, Bittencourt Sampaio, Joaquim Carlos Travassos, Francisco de Siqueira Dias Sobrinho, Antônio da Silva Neto, Casemiro Lieutaud. Todos lutaram contra a opinião antirroustanista, contra o insulto, sobretudo, contra as ondas de dissensões”.¹⁴

¹³ XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

¹⁴ *Idem.*

7

DIVERSOS GRUPELHOS ESPÍRITAS

Ao Grupo Confúcio seguiu-se a Sociedade de Estudos Espíritas “Deus, Cristo e Caridade”, criado em 1876.¹⁵ “Sob a direção de Bittencourt Sampaio, que juntamente com Bezerra de Menezes¹⁶, tivera a sua tarefa previamente determinada no Alto. A ele se reuniu outro roustanista, Antônio Luiz Sayão, em 1878, para a imposição do livro de Roustaing nas terras do Cruzeiro. Foram reorganizadas as energias existentes, para fundarem em 1880 a Sociedade Espírita Fraternidade, com a qual se carregava o lema do estandarte do emissário do Divino Mestre”.¹⁷

Nesse contexto (1880), Antônio Luís Sayão fundou, com os roustanistas Frederico Pereira Júnior, João Gonçalves do Nascimento, Francisco Leite de Bittencourt Sampaio e outros, o chamado “Grupo dos Humildes”, popularmente conhecido como “Grupo do Sayão”, e posteriormente a confraria veio a chamar-se Grupo Ismael. A ele juntou-se Bezerra de Menezes, Frederico Júnior, Domingos Filgueiras, Pedro Richard e outros.

Naquela época, era uma verdadeira epidemia a criação de grupelhos espíritas. O confrade Pedro Richard descreveu que “no século XIX os espíritas, ou por discordância de ideias, ou por criminosa pretensão, criaram considerável número de grupos (facções), cujos membros, em sua maioria, desconheciam os preceitos mais rudimentares da Doutrina. Qualquer espírita formava um grupo, só para satisfazer a vaidade de dar-lhe por título um nome que ele venerava. De grupos produtivos apenas se contavam alguns, em número por demais reduzido”.¹⁸

¹⁵ Em 1877 Um grupo de dissidentes da Sociedade de Estudos Espíritas Deus, Cristo e Caridade funda a Congregação Espírita Anjo Ismael. Em 1878 outros componentes da mesma instituição reúnem-se no Grupo Espírita Caridade. Essas instituições, bem como o Grupo Confúcio, desaparecem em 1879.

¹⁶ Em 1875, Bezerra de Menezes lê, pela primeira vez, *O Livro dos Espíritos*, que lhe fora oferecido por Joaquim Carlos Travassos, seu primeiro tradutor em língua portuguesa.

¹⁷ Xavier, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

¹⁸ Disponível em http://www.guia.heu.nom.br/no_rio_de_janeiro.htm, acesso em 22/08/2014.

8

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

Em 1883, Augusto Elias da Silva, fotógrafo português radicado no Brasil, lança, com seus próprios recursos financeiros, o informativo **Reformador**. No ano início do ano subsequente, em reunião em que participaram Francisco Raimundo Ewerton Quadros, Manoel Fernandes Filgueiras, João Francisco da Silveira Pinto, Maria Balbina da Conceição Batista, Matilde Elias da Silva, Luís Cólica, Elvira P. Móllica, José Agostinho Marques Porto, Francisco Antônio Xavier Pinheiro, Manoel Estêvão de Amorim e Quádrio Léo, foi proposta a criação da Federação Espírita Brasileira. A partir desse projeto, “as divergências tenderam a diminuir, para que a fleuma voltasse a todos os centros de experimentação e de estudo”.¹⁹

A primeira diretoria da FEB foi composta por Ewerton Quadros (presidente), Domingos Filgueiras (vice-presidente), Silveira Pinto (secretário), Augusto Elias da Silva (tesoureiro), e Xavier Pinheiro (arquivista). Em 1895, Bezerra de Menezes assumiu a presidência e imprimiu à Instituição a orientação doutrinário-evangélica (lamentavelmente com ênfase nos *Quatros Evangelhos* de Roustaing). O Grupo Ismael acompanhou Bezerra, apoiando-o na direção da federação e integrando-se a ela. Paulatinamente, todos os grupos afinados com a filiação ideológica roustanista foram-se reunindo em torno da FEB.

¹⁹ Xavier, Francisco Cândido. *Brasil, Coração do mundo, Pátria do Evangelho*, ditado pelo Espírito Humberto de Campos, Rio de Janeiro: Ed. FEB, 1938.

9

REMEMOREMOS OS NOMES DOS
PRESIDENTES DA FEB

À guisa de ilustração, registramos aqui na sequência os nomes dos presidentes da FEB (após Ewerton Quadros e Bezerra de Menezes) são eles: Dias da Cruz, Leopoldo Cirne (apresentou o trabalho “Bases de Organização Espírita em 1904”, estimulou a fundação de Federações Estaduais e em 1913 inaugurou a sede Histórica no Rio de Janeiro, na Av. Passos)²⁰, Aristides Spínola, Manuel Quintão, Guillon Ribeiro, Luiz Barreto, Paim Pamplona, Antônio Wantuil de Freitas (permaneceu 27 anos no cargo, formalizou o *Pacto Áureo*,²¹ instalou o Conselho Federativo Nacional da FEB. Durante sua gestão foi efetivada a “Caravana da Fraternidade”), Armando de Assis (criou os Conselhos Zonais do CFN e inaugurou as dependências da FEB em Brasília), Francisco Thiesen (transferiu o Conselho Federativo Nacional e a sede da FEB para Brasília, transformou os Conselhos Zonais em Comissões Regionais), Juvanir Borges de Souza, Nestor Mazotti e Cesar Perri, Jorge Godinho.

²⁰ A grande aspiração da quase totalidade dos espíritas brasileiros era a realização do congraçamento geral de todas as instituições espíritas do Brasil. Desde os primórdios da propaganda, manifestando-se em diferentes ocasiões, esse tema da união entre todos permaneceu na ordem do dia, sendo Bezerra de Menezes um dos seus paladinos.

²¹ A expressão “pacto áureo” é atribuída a Artur Lins de Vasconcellos Lopes.

10

A OPORTUNISTA ARRUMAÇÃO DE UM “PACTO”

No início do século XX surgiram vários líderes do Espiritismo, entre eles: Batuíra, Cairbar Schutel e Eurípedes Barsanulfo. No meado de século, Deolindo Amorim fundou o Instituto de Cultura Espírita do Brasil (ICEB) e atuou na Liga Espírita do Brasil (patrocinadora do II Congresso da CEPA), realizado no Rio, em 1949. Na década de 1940 o movimento espírita paulista começou a se organizar através de congressos e concentrações de mocidades espíritas. Leopoldo Machado foi um dos grandes incentivadores das mocidades espíritas. Toda essa movimentação doutrinária culminou com a criação, em 1947, da União Social Espírita (atual USE).²²

As três primeiras décadas do século XX foram caracterizadas por abertas batalhas no âmbito do movimento espírita brasileiro em busca de sua organização e ambição pela hegemonia do mesmo. Destacamos como grande exemplo das lutas deste período, os embates entre a FEB e a Liga Espírita do Brasil, fundada em 31 de março de 1926, durante o Primeiro Congresso Constituinte Espírita Nacional, realizado na cidade do Rio de Janeiro. Posteriormente denominada: Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Ambas instituições (FEB e a LIGA) com o desígnio de unificar o movimento espírita no território nacional. A FEB tinha mais instituições adesas e avançou mais nesse escopo.

O ponto instigante do processo unificacionista ocorreu na década de 1940, caracterizado pelo crescimento em importância e influência por parte das federações dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo. Todas convocaram encontros e congressos buscando a unificação do movimento tanto a nível estadual como em domínio nacional. Com a consolidação da União Social Espírita, em São Paulo, a nova federativa convocou em 1948 o Congresso Brasileiro de Unificação Espírita, realizado de 31 de outubro a 5 de novembro, com a participação de 16 Estados, por conseguinte, 1 ano antes do *pacto áureo*. Portanto a consolidação do *pacto áureo* foi antecedida por vários eventos, a saber: fundação da Liga Espírita

²² Resultado do acordo de união da Liga Espírita do Estado de São Paulo, União Federativa Espírita Paulista, Federação Espírita do Estado São Paulo e Sinagoga Espírita Nova Jerusalém.

(1926), fundação da USE (1947), Congresso Espírita Brasileiro de Unificação (1948), I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil (1948) e o II Congresso da CEPA (1949).

Decorridos várias décadas do adventicíssimo *pacto áureo*, ainda hoje se ouvem vozes coerentemente discordantes, motivo pelo qual retrocedemos ao evento histórico, a fim de identificarmos o ideal que animou aqueles espíritas na busca da “unidade doutrinária”.

Para descrever o “pacto”, não há como esquivar de citar o episódio ocorrido no início de outubro de 1949. Realizava-se no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro, o II Congresso Espírita Pan-americano — à revelia da Federação Espírita Brasileira. Participavam desse conclave vários confrades que no congresso da USE defenderam a proposta de fundar-se a Confederação Espírita Brasileira.

Esses mesmos confrades, após uma reunião no Hotel Serrador com Carlos Jordão da Silva, dirigiram-se à Federação Espírita Brasileira — sem nada revelar aos demais companheiros que se encontravam no Congresso Pan-americano (com o objetivo de terem uma conversa sigilosa com Wantuil de Freitas). Lins de Vasconcelos fora incumbido de promover o encontro. Leopoldo Machado, que estava, casualmente, na porta da livraria da FEB, acompanhou-os displicentemente. Eram três horas da tarde (isso mesmo! 15 horas) do dia cinco de outubro de 1949.

Participavam desse evento alguns confrades que no congresso da USE defenderam a proposta da criação de uma “Confederação Espírita Brasileira”, pois se avaliava no contexto que as articulações doutrinárias da FEB nada mais eram do que de um Centrão-Laboratório, e não uma federativa aglutinadora. A propósito, sobre isso, a Federação Espírita do Rio Grande do Sul, a qual teve sustada sua adesão à FEB por aderir ao congresso espírita de São Paulo e apresentar uma tese propondo a criação da Confederação Espírita Brasileira capaz de ordenar e coordenar com eficiência os trabalhos de unificação do movimento doutrinário.

Quanto à FEB, na proposta gaúcha, restringiria sua ação apenas ao Rio de Janeiro. A ideia era vigente porque nesse mesmo congresso a União Espírita Mineira propusera a criação de uma Confederação Nacional do Espiritismo e a tese da USE apoiava a proposta da Federação Espírita do Rio Grande do Sul — proposta que não saiu do papel, morreu com o congresso, mas, como a mitológica Fênix, poderia ressuscitar de suas próprias cinzas.

Tenho a convicção que um dia isso vai ocorrer, seja mais cedo ou mais tarde. Confesso que alimento um sonho de ver a criação de uma legítima COMISSÃO CENTRAL (alvitrada por Kardec) que fique bem afastada do atual e suntuoso centrão espírita localizado na Av. L-2 Norte.

11

A “GRANDE CONFERÊNCIA ESPÍRITA” IMPOSTA POR WANTUIL DE FREITAS FOI MUITO EMBARAÇOSA E GROTESCA!

O titular da FEB “ouviu” os confrades, um por um. Depois foi contundente ao tirar do bolso e infligir uma surrada agenda “áurica”, propondo um novo Conselho Federativo “Nacional”. Tal entidade (CFN), além de umbilicalmente ficar vinculado à Federação Espírita Brasileira, seria presidido pelo próprio “proprietário” da FEB. E mais, cada federação estadual deveria apresentar uma lista tríplice com o nome de candidatos para que Wantuil de Freitas escolhesse um para representá-la no CFN. A Liga Espírita do Brasil deixaria de ser federativa nacional e sua atuação não ultrapassaria os limites do Estado do Rio de Janeiro e a sigla deveria sofrer alteração.

O patético da situação é que nenhum dos itens expostos por Wantuil de Freitas foi contestado pelos pactuantes que subscreveram a leonina ata da “Grande conferência espírita do Rio de Janeiro”: Wantuil de Freitas (FEB); Lins de Vasconcelos (Liga); Vinícius e Carlos Jordão da Silva (USE); Bady Cury e Noraldino de Melo Castro (União Espírita Mineira); João Ghignone e Francisco Raitani (Federação Espírita do Paraná); Oswaldo Melo (Federação Espírita Catarinense); e os confrades da Federação Espírita do Rio Grande do Sul: Felisberto Peixoto, Jardelino Ramos e os autores da tese propondo a fundação da confederação: Roberto Pedro Michelena, Marcílio Cardoso de Oliveira e Francisco Spinelli.

A proposta dessa agenda pré-elaborada com anuência sem maior amadurecimento dos compartes, foi firmada a 5 de outubro de 1949,²³ e posteriormente Artur Lins de Vasconcelos Lopes (vice-presidente da Liga) batizou

²³ Os protagonistas do “pacto áureo” foram: Antônio Wantuil de Freitas, presidente da Federação Espírita Brasileira; Arthur Lins de Vasconcelos Lopes, por si e pelo Sr. Aurino Barbosa Souto, presidente da Liga Espírita do Brasil; Francisco Spinelli, pela Comissão Executiva do Congresso Brasileiro de Unificação Espírita e pela Federação Espírita do Rio Grande do Sul; Roberto Pedro Michelena; Felisberto do Amaral Peixoto; Marcílio Cardoso de Oliveira; Jardelino Ramos; Oswaldo Mello, pela Federação Espírita Catarinense; João Ghignone, presidente e Francisco Raitani, membro do Conselho da Federação Espírita do Paraná; Pedro Camargo — Vinícius e Carlos Jordão da Silva, pela União Social Espírita de S. Paulo (USE); Bady Elias Curi, pela União Espírita Mineira; Noraldino de Melo Castro, presidente do Conselho Deliberativo da União Espírita Mineira.

com o aparatoso título de “pacto áureo”.

12

UM LIVRO, UMA TÁTICA, UMA PARÓDIA HISTÓRICA

O fustigado “Pacto não CONTROVERTIDO” foi uma agenda com dezoito itens, sendo que no primeiro constava:

“Cabe aos espíritas do Brasil colocarem em prática a exposição contida no livro *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*.

Aqui abrimos um parêntese por entendermos que neste dispositivo houve uma proposição passível de consequência indesejável, considerando o foco da unidade entre os espíritas. Ora, o mais razoável seria constar no primeiro item que os espíritas colocassem em prática a exposição contida em ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, de maneira a acelerar e consolidar a marcha evolutiva do Evangelho.

13

“BULA PAPALINA”?

Dizem que os pactuantes temiam a CEPA, que suprimira o Cristo dos seus cânones ideológicos. Há os que dizem que a adoção do livro *Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, pode ter dois pretextos, o primeiro porque um grupo dos que discutiram a questão queria adotar *Os Quatro Evangelhos*, o segundo porque os “partidários” da CEPA (Confederação Espírita Pan-Americana) não aceitavam e nem aceitam ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, nesse caso, portanto, o livro de Humberto de Campos estaria na linha de equilíbrio e colocava o Brasil uma posição central da expansão do Evangelho.

Será mesmo? Foi isso que os levou a assinar sem discussão o pacto do qual Herculano Pires batizou de “bula papalina”? Ou será que o excesso de misticismo criara sentimento de culpa e os pactuantes passaram a admitir infalibilidade no presidente da FEB? Ou será que a presença autocrática de Wantuil (que foi uma espécie de “único dono” da FEB) teria entorpecido a consciência dos signatários? Ou será que careciam todos os pactuantes de maior amadurecimento doutrinário? Uma coisa, porém, temos certeza absoluta: se Herculano Pires, Deolindo Amorim, Júlio Abreu Filho tivessem participado da “encantada” reunião tebana de 1949, outro teria sido o rumo das definições doutrinárias para o Brasil.

Pois é! Volvamos aos signatários do Pacto que concluíram sem melhor DEBATE e maturação de que o livro ***Brasil Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*** continha dados interessantes e demonstrava qual seria a missão do Espiritismo no Brasil. Porém os pactuantes não se preocuparam com os detalhamentos ufanistas e controversos do livro, talvez aí o “X” da questão.

Não levantamos este ponto para contestar os conteúdos originais da obra (**os que não foram alterados por agentes externo ao texto legítimo**). Infelizmente é difícil provar fisicamente a interpolação porque a psicografia original foi incinerada pela FEB. Urge ressaltar aqui que **amamos a literatura de Humberto de Campos** (sem as inserções febeanas, é óbvio!), e tem mais, urge apartar bem as coisas, pois a ingênua entronização de Roustaing pelo suposto “autor espiritual” contraria completamente a tese de Kardec contido no Cap. XV da obra ***A Gênese***, sobretudo as edições originais (da 1ª à 4ª) (advertimos que a 5ª edição é uma edição bastante

adulterada).

Sobre *Os Quatro Evangelhos*, historicamente chegou ao Brasil muito cedo, (via Luiz Olímpio Telles de Menezes, que era amigo de Roustaing e encerrava um pacto de revenda da obra no Brasil) quase ao mesmo tempo em que os livros de Kardec. Os espíritas “místicos” — à frente dos quais se achava Bittencourt Sampaio — tomaram *Os Quatro Evangelhos* como *vade-mécum* e o levaram à altura de última palavra sobre a doutrina de Jesus.

Considerando que inexistiam maiores quantidade de livros espíritas para serem lidos à época, o livro do advogado de Bordeaux apresentava para os neófitos de Kardec, o mesmo valor doutrinário de ***O Livro dos Espíritos***, isto é, ambos atribuíam o que estava escrito a uma revelação ditada. Mas os roustanistas concebiam ter sobre a obra de Kardec uma “vantagem”, ou seja, todas as explicações de *Os Quatro Evangelhos* eram dadas como advindas supostamente dos próprios “evangelistas”, assistidos pelos “apóstolos”, e estes, a seu turno, assistidos por “Moisés”. Os roustenistas dispensaram as provas, o bom senso, a lógica kardeciana. Contentaram-se com a presunção de boa-fé sob ausência de maior bom senso.

Se fossem mais prudentes perceberiam, sem muito esforço de raciocínio, que o autor de *Os Quatro Evangelhos* afirma na sua ÚNICA obra literária editada pela FEB, no volume III, na pág. 65 e 66 que “*A Igreja católica terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante, podereis dizer: ‘Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio’.*”

Os Quatro Evangelhos que defende a tese da INVOLUÇÃO ou metempsicose (quando menciona um tal de criptógamos carnudos); defende o PANTEISMO (uma espécie de monismo plotínico e ubaldiano), Roustaing que afirma a absoluta DESNECESSIDADE DA REENCENAÇÃO, além de defender o caduco e antiquíssimo ECLETISMO (a Gnose do Cristo APARENTE). Recordemos que Kardec jamais admitiu tais alucinações (Vide ***Revista Espírita*** 1867, 1868 e 1869 e principalmente ***A Gênese***, cap. XV).

O rustanismo conseguiu assim, graças a pouca discussão mais inteligente, ganhar adeptos entre os “místicos”. Se jamais os prepostos, e muito menos o seu líder, afirmaram que na obra de Roustaing estava o verdadeiro sentido da vida e doutrina de Jesus, também omitiram assertiva em contrário. Acreditavam, talvez, se tal fizessem, perderiam o tempo e apagariam a leve chama de uma fé doutrinariamente insipiente, que cumpre alimentar cuidadosamente.

A obra de Roustaing concorreu e ainda concorre para dividir os espíritas inclusive no ambiente da própria sede da FEB na Av. L-2 norte de Brasília, e criar dificuldades invencíveis à desejada harmonia de vistas.

Como vemos, foi uma estratégia precipitada do suposto autor espiritual (H. Campos), a nosso ver, citar o emblemático João Batista Roustaing como “organizador” do trabalho da “fé espírita” ao lado de um Léon Denis, que efetuaría o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos.

Óbvio que não houve critério mais acurado, segundo cremos. E afirmamos isso de forma pacífica e bem à vontade, pois Humberto de Campos é o responsável espiritual do grupo mediúnico que dirigimos há muitos anos no Posto de Assistência Espírita. Vide o link:

<http://paespirita.blogspot.com.br/2016/01/roustaing-sob-otica-de-jose-passini.html>.

A questão é que o suposto Humberto de Campos evoca “as tradições do mundo espiritual”, conforme o próprio autor espiritual assevera na Introdução do livro *Brasil, coração do mundo....* Obviamente esse argumento de “tradições de além” não esclarece, e sequer abona, as ingerências da obra.

E isso fica claro se compararmos o livro *Brasil, coração do mundo...* com *Crônicas de Além-Túmulo* e *Boa Nova*, de autoria do mesmo Espírito, nos quais Humberto de Campos utiliza de algumas informações obtidas das chamadas “tradições do mundo espiritual”, mas sem cometer os vários lapsos presentes em *Brasil, Coração do Mundo...*

A propósito da obra *Crônicas de Além-Túmulo*, no capítulo 21 intitulado “O Grande Missionário”, publicado antes de *Brasil, Coração do Mundo...*, são citados como colaboradores de Allan Kardec somente os missionários Camille Flammarion, Léon Denis e Gabriel Delanne, sem nenhuma menção a Roustaing. Isso indica desconfiada interpolação ingênua na obra *Brasil Coração do Mundo...*

Mauro Quintella, um amigo de longa data, em *Breve História da Unificação: de Torteroli a Thiesen*, afirma que logo pós o pacto áureo, dois periódicos assumiram posições contrárias ao evento: *O Poder* e *Almenara*. O primeiro fundado em Belo Horizonte por Arlindo Correia da Silva, no ano de 1947.

Arlindo Silva foi um dos primeiros a criticar o Pacto, através de uma série de artigos contra o novo plano federativo em 1952, ficando conhecido no meio espírita, por ser o responsável pelo trocadilho “Pato Áureo” utilizado até os dias de hoje quando se quer subestimar o inusitado acordo. O *Almenara* foi fundado no Rio de Janeiro, em 1952, por Antônio Pereira Guedes e possuía uma linha editorial ainda mais combativa em relação ao pacto. Por cerca de oito anos, esse jornal advertiu continuamente contra a FEB, o CFN e a adoção da obra de Roustaing.

14

TRECHOS DE DUAS ENTREVISTAS, DOIS PRESIDENTES, DOIS COMENTÁRIOS DESIGUAIS

Há alguns anos entrevistamos o circunspecto Cesar Perri, ex-presidente da FEB, e indagamos se diante da clara divisão que existe no Movimento Espírita, algumas vezes manifestada em posturas radicais, como a FEB deveria conduzir clara e publicamente o tema Roustaing. Que iniciativas faltavam para apaziguar ânimos?

Perri respondeu o seguinte: “Nós já vivemos momentos bastante delicados no Movimento Espírita, que eu acompanhei muito de perto. Sobrevieram momentos muito complicados em algumas gestões. Houve nessa interconexão um momento em que o presidente Thiesen decidiu junto com o CFN que a base dos trabalhos federativos é a obra de Allan Kardec, e isso tem sido seguido até hoje.

Nessas condições, fica muito claro que o CFN em termos de movimento nacional trabalha com a obra de Allan Kardec. Respeitamos perfeitamente e convivemos com pessoas que gostam e estudam a obra de Roustaing, mas não usamos isso como ponto de atrito ou desunião; procuramos buscar hoje o ponto de convergência, e esse eixo de estabilização do Movimento Espírita é a obra de Kardec.

As obras de Roustaing, embora continuem sendo republicadas, e ainda constem do catálogo da FEB, não há mais sua divulgação, por exemplo, nas páginas da revista **Reformador**, e essa foi uma decisão adotada em gestões anteriores, mas respeitamos aqueles que pensam ou que adotam as obras de Roustaing.²⁴

Perguntamos ao atual presidente da FEB, o roustanista Jorge Godinho, se o *pacto áureo* ainda pode ser avaliado como o grande marco da Unificação. Godinho respondeu que o pacto áureo é a expressão mais lúcida de entendimento e concórdia entre os espíritas, que podem divergir nas discussões das ideias, mas que não devem fazer da divergência motivo de discórdia, intolerância e incompreensão. O pacto áureo veio compatibilizar a vivência da Doutrina dentro do princípio da liberdade, sem jamais deixar de considerar o amor fraterno, a união e a Unificação. Ele foi e será

²⁴ Disponível em: <http://jorgehessenestudandoespiritismo.blogspot.com.br/2013/04/luz-na-mente-entrevistou-cesar-perri.html> - acesso 29/08/2014.

sempre o grande marco da Unificação que consolidou os esforços iniciais de Bezerra de Menezes.

Em seguida indagamos ao Godinho se o livro inspirador do “Pacto” — *Brasil coração do mundo...* — conseguirá “UNIR” o Movimento Espírita Brasileiro?

Godinho pronunciou que o Livro ***Brasil coração do mundo, pátria do evangelho*** veio esclarecer as origens remotas da formação da Pátria do Evangelho com informações colhidas nas tradições do mundo espiritual e se destina a explicar a missão do Brasil no mundo moderno. Dessa forma, quando folheamos suas belas páginas e verificamos que o Brasil está destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta e a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e fé raciocinada fica a dedução lógica de que essa tarefa não pode ser uma obra individual ou de personalismos incabíveis, mas daqueles que se propõem a estarem unidos e unificados no Evangelho do Senhor.

Naquele contexto inquirimos ainda se diante da clara divisão que existe dentro da sede da FEB e no Movimento Espírita, muitas vezes manifestada em posturas radicais, como a FEB deve conduzir objetiva e publicamente o tema Roustaing? Que iniciativas faltam para apaziguar ânimos?

Godinho alegou que não devemos esquecer que no Capítulo 22 do Livro ***Brasil Coração do mundo pátria do evangelho***, o espírito Humberto de Campos narra que Jesus destacou um dos Seus grandes discípulos, Allan Kardec, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo e que o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.

Em seguida questionamos ao atual presidente da FEB se as obras de Roustaing permanecerão sendo republicadas? O titular da FEB afirmou que sim e que jamais a FEB deixou de publicá-las, desde a sua primeira edição. Não podemos olvidar que Allan Kardec, dentro da lucidez e do espírito de grandeza que o caracterizam afirmou: proibir a leitura de um livro é dar mostras de que o tememos.

A Doutrina Espírita é, por natureza, a doutrina da liberdade, da livre-escolha, nada impõe, nada proíbe. O apóstolo Paulo já recomendava em seu tempo: lede tudo e retende o que for bom.

Tornemos ao tal *pacto áureo*. Na cláusula segunda do “Acordo do Rio de

Janeiro” ficou decidido que a FEB criaria um Conselho Federativo Nacional permanente, com a finalidade de executar, desenvolver e ampliar os planos da sua Organização Federativa. Com efeito, em janeiro do ano seguinte instalou-se o Conselho Federativo Nacional (CFN), congregando os representantes das Federações Espíritas Estaduais signatárias com o objetivo de promover e trabalhar pela “união” dos espíritas e pela “unificação” do Movimento Espírita.²⁵

Em verdade, com a instalação na FEB do Conselho Federativo Nacional houve a primeira eclosão dos instintos vaticanistas. O CFN começou a baixar bulas papalinas sobre questões doutrinárias, a conceder licenças para realização de concentrações e congressos e a negar aos jovens o direito de deliberar em seus movimentos, etc.

²⁵ Atualmente o CFN é composto pelas Entidades Federativas espíritas de todos os Estados do Brasil e do Distrito Federal, bem como de um quadro de Entidades Especializadas de Âmbito Nacional.

15

CARAVANA DA “FRATERNIDADE”

Para a tentativa de união dos espíritas, durante a década de 1950, houve um trabalho de convencimento junto às entidades espíritas sobre a importância e as diretrizes da tarefa de organização e unificação do movimento espírita brasileiro. A tarefa coube ser realizada, principalmente, pela chamada “Caravana da Fraternidade”. Em 31 de janeiro de 1950, o grupo “fraternista”²⁶ partiu do Rio de Janeiro com destino a Salvador, e depois a todas as capitais dos onze Estados do Nordeste e Norte do país.

Dentre os planos da missão estavam as finalidades da maior “aproximação dos spiritistas”, visando o ideal da “unificação social” da Doutrina, da divulgação cultural do Espiritismo na sociedade laica e estímulo às obras de assistência social. Entretanto, a rigor, o Conselho Federativo Nacional, como vimos alcunhado de *pacto áureo*, que, a bem da verdade, não passou e não passa de um bucólico e inexpressivo departamento da Federação Espírita Brasileira, sem maior significância, sem poderes sequer de compor o “conselho superior” da arquidiocese “espírita” candanga, sem autorização para eleger o próprio presidente da “casa madrasta”. Coisa de brasileiro mesmo! Hoje a burocrática reunião do CFN só serve para as populares palestras distritais do octogenário Divaldo Franco.

²⁶ Os caravaneiros foram Arthur Lins de Vasconcelos (PR), que regressou de Recife, sendo substituído por Luiz Burgos Filho (PE), Ary Casadio (SP), Carlos Jordão da Silva (SP), Francisco Spinelli (RS) e Leopoldo Machado (RJ).

16

OS ESPÍRITAS ESTAMOS UNIDOS?

Dez anos após o irrisório “Pacto” foram realizados simpósios regionais e alguns congressos para endinheirados, na tentativa de “união” e “unificação” do Movimento Espírita Brasileiro. Atualmente o CFN reúne-se ordinariamente uma vez por ano na sede da “basílica” da FEB em Brasília, durante três dias, para tratar de assuntos burocráticos (leituras fadigas de relatórios de atividades regionais).

Como diria Herculano Pires, “o metro que melhor mediu Allan Kardec”, não há como deixar de reconhecer que firmado o pacto com a FEB, as federativas submeteram-se ao Conselho Federativo Nacional e através dele a “casa madrasta” começou a baixar bulas papalinas sobre a Doutrina e decretos cardinalícios sobre a organização do M. E. B.

No princípio do processo “unificacionista” houve atritos sérios da FEB com Federações estaduais, contudo o pacto continua em vigor. Um contrassenso evidente. O movimento livre das federativas entregou-se à FEB, retornou ao jugo da carne, segundo expressão do apóstolo Paulo aos hebreus (cristãos judaizantes). As estruturas abalaram e as antigas federativas suicidavam-se num pacto imposto, entregando-se atualmente aos rabinos do templo candango, ou se desejarem, entregando-se aos arcebispos da cúria febeana.

Seguindo o pensamento herculanista urge reconhecer que para o verdadeiro trabalho de unificação espírita é indispensável a luta constante em favor do esclarecimento doutrinário dos próprios espíritas. Não alimentemos ilusões a respeito. Se cuidarmos apenas do aspecto externo da unificação, da reunião pura e simples de organismos menores em torno dos maiores, estaremos sujeitos a cair na arapuca do formalismo e do autoritarismo.

Não é finalidade do Espiritismo criar na Terra uma nova igreja ou uma nova “ordem oculta”, com sacerdotes ou graus-de-iniciação. A tarefa do Espírito de Verdade é semear nos corações a semente do Reino de Deus e emancipar espiritualmente os homens de todas as sujeições inferiores, pois somente num clima de liberdade aquela semente conseguirá germinar, crescer, florescer e dar frutos.

O maior empecilho para uma verdadeira unificação do movimento espírita é a existência de uma série de numerosas interpretações pessoais da doutrina,

formando pequenos quistos que prenunciam futuros cismas. A vaidade humana e a generalizada ignorância da verdadeira estrutura filosófica da doutrina alimentam sem cessar essas dissidências em gestação. Precisamos, por isso mesmo, estabelecer as linhas do pensamento doutrinário sempre de maneira bem clara, alertando os que realmente desejam ser espíritas, contra os atalhos do caminho.

As obras de Allan Kardec são o alicerce irremovível da III Revelação. O codificador desempenhou a sua missão terrena da maneira mais completa possível. O verdadeiro espírita deve ter, ou esforçar-se continuamente para ter, o conhecimento completo da codificação kardeciana, orientando-se por ela, no movimento espírita, como o marinheiro se orienta pela bússola em alto mar. Toda a estrutura da Doutrina dos Espíritos encontra-se nas obras de Kardec. Elas podem ser desenvolvidas, como o próprio codificador o disse. Denis, Delanne, Bozzano, Flammarion e outros fizeram em suas obras esse desenvolvimento.

Outras verdades também podem ser reveladas, e Kardec foi o primeiro a nos advertir disso. Mas o ponteiro da bússola está nas suas obras. E assim como as velhas escrituras eram a única pauta para se verificar a legitimidade do Novo Testamento, assim como os Evangelhos são o único crivo pelo qual podemos legitimar a III Revelação, assim também a Codificação kardeciana é o único instrumento de que dispomos para nos orientar no desenvolvimento do Espiritismo.

E tem mais, o hilário da história é que o significado da palavra “pacto” apelidado no acordo de 1949 não faz jus ao evento. Compulsando o dicionário para buscar o sentido do termo “pacto” encontramos os seguintes significados: “ajuste, contrato, convenção entre duas ou mais pessoas; Etimologia: lat. *pactum*, *i’ajuste*, acordo, convenção”.

Ora, na significação aqui proposta pelos dicionaristas será que um pacto pode ser coercitivo, imposto, obrigado?

O que se observa no Movimento Espírita no Brasil é um sistema federativo unilateral da FEB se impondo como a poderosa instituição possuidora da maior chancela doutrinária e procurando atuar no campo espírita como porta-voz autorizada (por Jesus? por Kardec? por Humberto de Campos?).

Em virtude desse grave equívoco histórico e daqueles que são contrários a atual situação quando todos se curvam à “supremacia” febeana, é que indagamos, até quando será imposta a hegemonia da FEB no Brasil? Precisamos de fraternidade, solidariedade, trabalho e tolerância e não de sujeição passiva a pretensas autoridades doutrinárias que se arrogam o direito de dirigir o movimento espírita brasileiro.

É justo informar que salvo engano todas as Entidades que, direta ou indiretamente integram o CFN (Entidades Federativas Estaduais, Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, Centros e demais Sociedades Espíritas), não adotam as obras de Roustaing, mantêm a sua “autonomia vigiada”, independência

restrita e liberdade de (ré)ação (meno male – menos mal).

17

É INADIÁVEL REFLETIR

As advertências dos Benfeitores do além são evidentes. Os Bons Espíritos permitiram o fechamento do parque gráfico da FEB no Rio de Janeiro, e isso foi uma debacle econômica gigantesca (houve um prejuízo de alguns milhões de reais). Esse aniquilamento financeiro é, sem sombra de dúvida, uma intervenção do Cristo.

18 CONSEQUÊNCIA

Hoje em dia temos que ver as publicações das obras de Kardec e Chico Xavier através de outras editoras. Aliás, muitas editoras não têm nenhum compromisso com o Evangelho. São empresas laicas que visam exclusivamente o ganho financeiro (o lucro pelo lucro) e para isso publicam qualquer livro, inclusive apelos licenciosos.

Que tristeza! Jesus, Kardec, Chico Xavier e Humberto de Campos não mereciam isso!

19

MOVIMENTO ESPÍRITA PÓS-KARDEC: EPISÓDIOS E DECLÍNIO DOUTRINÁRIO NA FRANÇA

Pierre-Gaëtan Leymarie - O "Coveiro" de Kardec

A propósito do declínio do Movimento Espírita francês pós-Kardec, inicialmente entronizamos a figura de Ermance Dufaux, ela que conheceu Allan Kardec no dia 18 de abril de 1857, ao comparecer à pequena recepção festiva organizada pelo Codificador em sua residência, com a finalidade de comemorar o lançamento de ***O Livro dos Espíritos***. No final dessa reunião, Dufaux psicografou bela página ditada pelo Espírito São Luís, que se tornaria, a partir de então, o diretor espiritual dos trabalhos experimentais de Allan Kardec.

No final de 1857, Dufaux receberia outra importante mensagem, estimulando o Codificador a prosseguir no ideal de lançar mensalmente um periódico espírita. Com efeito, no início de 1858, Kardec lançou a ***Revue Spirite***, surgindo assim a matriz da propaganda da Terceira Revelação e o embrião do Movimento Espírita Mundial.

Na França, o nome de espíritas foi gradualmente abatido ao longo dos séculos XIX e XX. Concorreram para isso alguns fatos, como a desencarnação de Kardec em 1869, bem como a mudança de regime político, porquanto após a queda do Segundo Império, a República é proclamada em 1871.

Momentos antes, porém, em 19 de julho de 1870, cerca de quinze meses após a desencarnação de Kardec, o Imperador Napoleão III, provocado por Bismarck, declarou guerra à Prússia. Em face disso, a divulgação espírita sofreu enormes prejuízos, destacando-se que à época, como se não bastasse a fatídica guerra franco-prussiana, de maneira simultânea havia uma onda de pensamentos oriundos da Revolução Francesa, intensificando a ideia do laicismo, proibindo-se, portanto, qualquer relação entre as entidades estatais com “religião”.

Diante de outras “pistas”

Apontaremos algumas outras “pistas” para opinar sobre o declínio do Movimento Espírita francês pós-Kardec. Em princípio, cremos que os legados históricos do Espiritismo sofreram as implicações danosas, por terem sido tratados como bens de família, estabelecendo espólios e, por conseguinte, sujeitando a herdeiros. Tudo sugere que Kardec pretendia evitar isso ao idealizar uma sociedade impessoal, mas não teve tempo. Faleceu antes de concretizar seus planos e, conseqüentemente tudo o que pertencia à Codificação Espírita (Sociedade parisiense de estudos espíritas, livros, revistas, correspondências, documentos etc.) tornaram-se herança da viúva Amélie-Gabrielle Boudet.

De início, Boudet se propôs administrar o projeto do esposo; mas, inexplicavelmente, deliberou por confiar o legado nas mãos de Pierre-Gaëtan Leymarie, que organizou a (não espírita) Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, que depois se transformou na Sociedade Científica do Espiritismo. Mas Boudet sugeriu a criação da Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec.²⁷ Após a desencarnação de Amélie Boudet, em 1883, Leymarie tornou-se o dono absoluto dos espólios e dos documentos de Kardec, na condição de único remanescente da tal sociedade. Uma parte, dos documentos originais do Codificador foi sendo publicada por Leymarie na *Revue Spirite*, e outra parte transformou na inquietante *Obras Póstumas*.

O declínio do Movimento Espírita francês pós-Kardec, na minha percepção e de alguns outros pesquisadores, se deve precipuamente à imaturidade doutrinária de Pierre-Gaëtan Leymarie que teve o encargo, portanto, de cuidar da propagação do Espiritismo após a desencarnação do mestre de Lyon. Neste sentido, parece-nos que administrou “inocentemente” uma razoável quantidade financeira que lhe foi entregue por Amélie-Gabrielle Boudet para o custeio da divulgação das obras espíritas.

Os expressivos recursos econômicos deveriam ser empregados na propaganda criteriosa do Espiritismo. Mas isso não foi claramente realizado. Motivo pelo qual, provavelmente em 1882, Gabrielle Boudet, inteiramente descontente, convidou à sua casa Gabriel Delanne e esposa, a fim de propor a criação do periódico *Le Spiritisme*, para que o Movimento Espírita não dependesse apenas da já agonizante *Revue Spirite* dirigida por Leymarie.

A liderança do Movimento Espírita poderia ter sido compartilhada entre

²⁷ Calsone Adriano. *Madame Kardec*, SP: Viva Luz Editora, 2017. “Eis que em 18 de outubro de 1873, a Assembleia Geral Anual concordou com a decisão de substituir o polêmico nome, Sociedade Anônima – criação da viúva Kardec –, para o extenso, Sociedade para a continuação das obras espíritas de Allan Kardec, anônima e capital variável. Com a nova recriação, sugerida novamente por Amélie, a mesma deixava claro que tudo deveria convergir para a divulgação, propagação e continuação das obras espíritas do marido.”

Leymarie e Gabrielle Boudet, mas, a rigor, Boudet ficou historicamente em plano secundário, numa condição de humilhante subalternidade e gradualmente Leymarie foi afastando Amélie-Gabrielle das decisões.²⁸

Leymarie, protagonista para o desmoronamento doutrinário

Leymarie imergiu na invigilância, gerando o desfalecimento do Movimento Espírita já quase totalmente desintegrado. Cremos que a sucessão de Kardec deveria caber a Alexandre Delanne, até porque era vizinho e amigo de longa data da família Kardec, jamais a Leymarie.

Delanne viajava bastante, esteve nas cidades onde existiam centros de divulgação espírita como, Lyon, Bordeaux, Bruxelas entre outros locais em que visitava simultânea havia com certa frequência os centros espíritas. Concebemos que Delanne tenha sido bloqueado "politicamente" por Leymarie. Sim, talvez o invigilante Leymarie tenha articulado nos "bastidores" com Boudet a fim de "puxar o tapete" do pai de Gabriel Delanne.

Mas, quem era Leymarie?

Era um praticante de Teosofia de Blavatsky, defendia as alucinações de Roustaing²⁹ e era apaixonado pela maçonaria.

Importa mencionar que quando Kardec desencarnou Gabriel Delanne tinha apenas 12 anos de idade enquanto Léon Denis tinha 23 anos e serviria o exército na guerra franco-prussiana de 1870 e, apesar de já espírita, Denis ainda não estava satisfatoriamente integrado ao Movimento Espírita. Desta forma, ambos, Delanne e Denis, passaram a exercer maior influência no Movimento Espírita somente por volta da década 1890, e tiveram sua maior projeção a partir de 1900.

A França enfrentou três grandes guerras (a "franco-prussiana" de 1870 e as duas grandes guerras mundiais), o que, sem dúvida, dificultou muito a propagação do Espiritismo. Na Primeira Guerra Mundial muitos grupos e sociedades espíritas tiveram que ser fechados. Sob esse clima houve brutal sufocação do Movimento Espírita em francês.

Como se não bastasse, no contexto dos idos de 1910, podemos pontuar as

²⁸ Calsone Adriano. *Madame Kardec*, SP: Viva Luz Editora, 2017.

²⁹ Leymarie tinha muita afinidade com o Brasil, particularmente no Rio de Janeiro onde esteve exilado em 1851, quando houve o golpe do Luís Napoleão. Ademais, nunca escondeu amizades e afinidades roustinguistas.

propostas filosóficas materialistas, abrindo espaço para o niilismo, existencialismo, pessimismo e ceticismo extremos, enfim — os embates ideológicos. Portanto, as guerras foram categóricas para o declínio do Movimento Espírita francês pós-Kardec, mas antes delas, como vimos, a liderança do movimento sofreu tragicamente, principalmente pela falta de lucidez doutrinária, especialmente veiculada pela **Revue Spirite**, sob a gerência de Leymarie.

Repetimos que Leymarie foi o protagonista para o desmoronamento doutrinário, por conseguinte muitos espíritas franceses perderam o rumo sob o guante do misticismo imponderado. Para ilustrar, notemos o infame “Processo dos Espíritas”, resultante das reais fraudes reproduzidas por fotógrafos de má-fé e publicadas de maneira descuidada por Leymarie na **Revue Spirite**. Naturalmente esse episódio foi traumático de consequências gravíssimas, ferindo mortalmente o moribundo Movimento Espírita francês.

Nesse caótico quadro de declínio doutrinário há quem assinale outro aspecto especial. Trata-se da questão das excessivas pesquisas científicas em torno dos fenômenos mediúnicos. Havia prioridades nas experimentações laboratoriais com os médiuns. O próprio Gabriel Delanne seguiu esse caminho de pesquisa. Não obstante, tenha se declarado “arrepentido”, numa entrevista concedida ao brasileiro Canuto Abreu, afirmando que a experiência científica não teria sido a sua melhor opção para o revigoramento do Movimento Espírita.

Gabriel Delanne, um depoimento de além-tumba

Sobre isso, André Luiz entrevistou o Delanne no além, notemos:

Muitos amigos na Terra são de parecer que os Mensageiros da Espiritualidade Superior deveriam patrocinar mais amplas manifestações da mediunidade de efeitos físicos para benefício dos homens, como sejam materializações e vozes diretas. Que pensa a respeito?

Delanne (Espírito) - *“Creio que a mediunidade de efeitos físicos serve à convicção, mas não adianta ao serviço indispensável da renovação espiritual. Os Espíritos Superiores agem acertadamente em lhe podando os surtos e as motivações, para que os homens, nossos irmãos, despertem à luz da Doutrina Espírita, entregando a consciência ao esforço do aprimoramento moral. Devemos estimular os estudos em torno da matéria e da reencarnação, analisar o reino maravilhoso da mente e situar no exercício da mediunidade as obras da fraternidade, da orientação, do consolo e do alívio às múltiplas enfermidades das criaturas terrestres”*.³⁰

Nos primórdios do século XX houve um surto de crescimento do Movimento Espírita na França até meados da década de 1920, esmaecendo de forma célere

³⁰ Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. **Entre irmãos de outras terras**, Entrevista realizada pelo Espírito de André Luiz com o Espírito de Gabriel Delanne, RJ: Ed. FEB, 1970.

quando Denis, Delanne, Gustave Geley e Camille Flammarion desencarnam. Subsequentemente, em 1935, desencarnaria o "Pai da Metapsíquica" e simpatizante do Espiritismo Charles Richet; tudo isso aconteceu momentos antes da Segunda Guerra Mundial, quando da ocupação nazista na França por quase um lustro.

Retornemos mais uma vez a Leymarie. Ele fundou a "Librairie Leymarie Éditeurs" e a dirigiu até 1903, e, com o seu desencarne, o espólio foi herdado (novamente em família!) pela viúva Marina Leymarie que assumiu o comando, e, posteriormente, por seu filho, Paul Leymarie. Este, após um breve espaço de tempo em que os negócios ficaram com sua mãe Marina, tornou-se, em 1904, "dono" absoluto dos destinos do Espiritismo até 1914, quando, em função da Primeira Guerra Mundial, abandonou tudo. O que não foi de todo uma catástrofe, pois o Paul Leymarie comercializava até "bolas de cristal" (isso mesmo! "bolas de cristal") pela *Revue Spirite*.

Meyer, um mecenas francês

Com a liquidação da Librairie Spirite, continuou a editoração das obras de Allan Kardec, fazendo do prédio da Librairie Leymarie sede da redação da *Revue Spirite*, até a fundação da "*Maison des Spirites*" (*Casa dos Espíritas*), por Jean Meyer, inaugurada em 25 de novembro de 1923. Antes mesmo de terminar a Primeira Guerra, em 1916, o Jean Meyer, um rico empresário francês, assumiu o combalido Movimento Espírita francês, lembrando que nessa conjuntura ainda estavam encarnados Léon Denis e Gabriel Delanne, que embora sumidades intelectuais e grandes referências doutrinárias; mas "cá para nós", alguém tinha que cuidar dos "negócios" do movimento.

No contexto, Meyer destinou a sua fortuna pela causa do Espiritismo. Ficou com os direitos autorais da *Revue Spirite*. Criou a *Maison des Spirites*, para onde levou o precário material que restou dos documentos e objetos pessoais de Kardec. Este mesmo mecenas fundou o Instituto de Metapsíquica, sob o comando inicial do Gustave Geley, e onde foi gerado o Tratado de Metapsíquica. O curioso é que Charles Richet dizia que o "Espiritismo era inimigo da ciência".

A *Revue Spirite* reunia, nesse tempo, as mais destacadas personalidades do Espiritismo: Gabriel Delanne, Leon Denis, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano, A. Bénezech, Marcel Laurent, M. Cassiopée, General Abaut, Dr. Gustave Geley, Marcel Semezies, Pascal y Matilde Forthuny, Louis Gastin, Henri Sausse, Paul Bodier, Sir. Arthur Conan Doyle, Santoliquido, Rocco, León Chevreuil, Hubert Forestier e outros. Em verdade, Meyer foi uma espécie de "dono" do movimento espírita francês até sua

desencarnação em 1931.³¹

Durante a Segunda Guerra Mundial ocorreu uma desmontagem quase integral do Movimento Espírita francês. Os nazistas ao ocuparem Paris saquearam tudo inclusive *Maison Spirites* e confiscaram livros, documentos de pesquisa, e outros objetos importantes da própria história do Espiritismo na França.

Que nos diz acerca do Espiritismo, na França? Esquadrinhou André Luiz Ao Espírito Gabriel Delanne: “*Não nos é lícito dizer haja alcançado o nível ideal*”,³² redarguiu Delanne acrescentando que “*legiões de companheiros da obra de Allan Kardec reencarnaram, não só na França, mas igualmente em outros países, notadamente no Brasil, para a sustentação do edifício kardequiano*”.³³

Transposição do movimento espírita mundial

Conjectura-se aqui e algures sobre o traslado do Espiritismo para o Brasil. Temos certeza que a transposição da direção do Movimento Espírita mundial, da França para o Brasil, sobreveio após a desencarnação de Léon Denis, no período entre o final da década de 1920 e o início da década de 1930, portanto, coincidindo com o início da missão mediúmica de Francisco Cândido Xavier.

Desta forma, podemos questionar o desempenho de Bezerra de Menezes como justificadora para tal traslado. Até porque, não é difícil comprovar nesse contexto, pois quando Bezerra desencarnou em 1900 a atuação verdadeiramente apostólica de Gabriel Delanne e Léon Denis manteve-se viva por muitas décadas, inclusive durante e após a primeira guerra mundial.³⁴

O Movimento Espírita francês voltou a se recuperar com frouxidão por volta dos anos de 1950 e 1960 em razão do regresso à França de alguns cidadãos que residiam no Norte da África (Argélia, Marrocos) e começaram a retornar para a terra de Kardec arriscando remontar o Movimento Espírita.

Encetaram o projeto, todavia com extrema dificuldade, em função do cenário deixado pela Segunda Guerra. Porém, desataque-se que naquela situação começou a haver uma nova fase de interesses e buscas fenomênicas no campo da parapsicologia e da metafísica; por fim, a própria *Revue Spirite* foi retomada por algumas lideranças a exemplo de Hubert Forestier e André Dumas.

³¹ Donha João. *O legado documental de Allan Kardec: queimado, escondido ou leiloado?* Disponível em: <https://palavraluz.wordpress.com/2016/07/17/arquivokardec/> - acessado em 16/02/2017

³² Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*, Entrevista realizada pelo espírito de André Luiz com o espírito de Gabriel Delanne, RJ: Ed. FEB, 1970.

³³ *Idem.*

³⁴ Marmo Leonardo Moreira. *Os Problemas enfrentados pelo Movimento Espírita após a morte de Allan Kardec e as atuações de Delanne e Denis*, disponível em <http://paespirita.blogspot.com.br/2017/02/os-problemas-enfrentados-pelo-movimento.html> - acessado em 17/02/2017

Sepultamento da *Revue Spirite*

Na década de 1960, Hubert Forestier assume a *Revue Spirite* e torna-se proprietário que, em 1968, chega a registrar a revista em seu nome no órgão de propriedade industrial. Forestier desencarna em 1971, deixando o Movimento Espírita francês na penúria. Seus herdeiros, não sabendo o que fazer de tal herança, vendem tudo por um franco para André Dumas. A essa altura os direitos autorais das obras de Kardec já tinham caducado.³⁵ O resto — muito pouco: o nome da *Revue* e da Societé — ficou nas mãos do Dumas.³⁶

André Dumas, seja por ter mudado suas preferências filosóficas, seja por constatar que o status de espírita não conferia mais prestígio, resolveu liquidar tudo: em 1975, mudou o nome da *Revue Spirite* para *Renaître 2000*, e a Societé para uma tal “sociedade para pesquisa da consciência e sobrevivência”, colocando, dessa forma, duas ou três pás de cal sobre o “espiritismo francês”.³⁷

Na verdade, Dumas foi escritor e dirigente espírita francês, presidente da União Espírita Francesa (UEF) e diretor da *Revista Espírita* na década de 1970. Por muitos anos administrou o legado de Kardec e seus seguidores. No entanto, é mais lembrado (no Brasil) pela mudança do nome desta tradicional instituição espírita, em 1976: União Científica Francofônica para a Investigação Psíquica e o Estudo da Sobrevivência da Alma (USFIPES), em vez de UEF.

Nesse mesmo ano, para desgosto de alguns espíritas brasileiros, a tradicional revista fundada por Kardec deixa de circular. Em seu lugar, Dumas, como citamos acima, lança um periódico denominado o *Renaître 2000*. Segundo ele, as palavras *espírita* e *Espiritismo* se descaracterizaram em seu verdadeiro significado, vinculando-se ao misticismo (roustanguista), ao religiosismo. Por isso a mudança.

O resultado foi a completa marginalização de Dumas e a confusão jurídica com a União Espírita Francesa e Francofônica, fundada por Roger Perez em 1985, pelos direitos da *Revista Espírita*. Dois anos depois a instituição obtém sentença judicial favorável a Perez e a *Revue* volta a circular novamente após 12 anos de interrupção.

Apesar de ser lembrado como uma espécie de traidor, um “Judas” da causa espírita, Dumas foi um dirigente e um intelectual espírita importante na história do Espiritismo francês. Sua visão, laica e filosófica, destoava da grande maioria dos espíritas, notadamente os brasileiros, afeitos a concepções religiosas e sectárias,

³⁵ Domínio público, no Direito da Propriedade Intelectual, é o conjunto de obras culturais, de tecnologia ou de informação (livros, artigos, obras musicais, invenções e outros) de livre uso comercial, porque não submetidas a direitos patrimoniais exclusivos de alguma pessoa física ou jurídica.

³⁶ Donha João. *O legado documental de Allan Kardec: queimado, escondido ou leilado?* Disponível em <https://palavraluz.wordpress.com/2016/07/17/arquivokardec/> - acessado em 16/02/2017

³⁷ *Idem*.

influenciados em demasia pelos cânones roustanguistas da Feb.

Paralelamente, surge na França o Jacques Peccatte dizendo que o próprio Kardec se “comunicou” com o grupo dele, o *Cercle Spirite Allan Kardec*, em 1977, e o mandou ressuscitar o movimento. (sic) Ele o tenta até hoje.³⁸

Mas, pelo lado — digamos — oficial, o Roger Perez, retornando das desativadas colônias africanas, resolveu, certamente com o patrocínio da Feb, retomar as coisas. Conseguiu reaver do André Dumas, na justiça, o nome da *Revue*, e passou a editá-la pela “Federação Espírita Francesa e Francófona” (já extinta), da qual foi fundador. Ali pelo ano 2000 passou os direitos para o CEI – Conselho Espírita Internacional.

Certamente com Roger Perez houve uma breve intensificação do Movimento Espírita francês, porém, a bem da verdade, nunca se recuperou, pelo menos em Paris. Sabemos que hoje há diferentes núcleos espíritas no interior da França, mas evidentemente sem as características daquelas propostas por Allan Kardec.

Propagação espírita de pessoa a pessoa, de consciência a consciência

O Espírito Delanne não acredita que a Europa (especialmente a França) retomará a direção do movimento espírita no futuro, pois o Velho Continente assemelha-se, atualmente, a vasto campo de guerra ideológica, que está muito longe de terminar. Para o Benfeitor a divulgação espírita terá de efetuar-se de pessoa a pessoa, de consciência a consciência. A verdade a ninguém atinge através da compulsão. A verdade para a alma é semelhante à alfabetização para o cérebro. Um sábio por mais sábio não consegue aprender a ler por nós.

Talvez esse processo de propaganda espírita seja moroso demais para a Humanidade, mas, segundo Delanne, uma obra-prima de arte exige, por vezes, existências e existências para o artista que persegue a condição do gênio. Como acreditar que o esclarecimento ou o aprimoramento do espírito imortal se faça tão-só por afirmações labiais de alguns dias?³⁹

Seja no Brasil, seja noutros países, cremos que a pujança da Doutrina dos Espíritos não advirá por meio de um “Espiritismo Oficial”, hierarquizado, elitista, exorbitantemente místico e mercantilista, porém na propagação paulatina da Terceira Revelação de pessoa a pessoa, de consciência a consciência, de ombro a ombro, sem as grilhetas burocráticas dos institutos oficiais de “unificação”, que na

³⁸ Donha, João. *O legado documental de Allan Kardec: queimado, escondido ou leilado?* Disponível em <https://palavraluz.wordpress.com/2016/07/17/arquivokardec/> - acessado em 16/02/2017

³⁹ Xavier, Francisco Cândido e Vieira, Waldo. *Entre irmãos de outras terras*, Entrevista realizada pelo espírito de André Luiz com o espírito de Gabriel Delanne, RJ: Ed. FEB, 1970.

Terra e especialmente no Brasil vivem e revivem os fragorosos vendavais intransigentes do poder curial.

20

ENTREVISTA POLÊMICA DO PRESIDENTE FEB

A Federação Espírita Brasileira (FEB) elegeu no dia 21 de março de 2015, o presidente, trata-se do confrade Jorge Godinho Barreto Nery, membro efetivo do Conselho Superior da instituição.

Jorge Godinho presidiu o Centro Espírita Léon Denis, no Rio de Janeiro, na década de 1970. Profissionalmente, serviu por 48 anos à Força Aérea Brasileira (FAB), em que atingiu o posto de Tenente Brigadeiro, atualmente na reserva.

O presidente eleito discorre sobre vários assuntos, alguns deles claramente polêmicos⁴⁰, conforme entrevista publicada aqui na íntegra:

Jorge Hessen (*A luz na mente*) – Os princípios institucionalizados (burocratizados) da Unificação inibem o ideário da “UNIÃO” espontânea entre os espíritas?

Jorge Godinho (Presidente da FEB) – **O ideário da União, como afirmado, é espontâneo, ou seja, é opção da livre determinação do ser humano, especificamente, dos espíritas. Desta forma, cada um de nós expressamos este sentimento por opção, mas Jesus, nosso Mestre e Guia, convida aos que desejam ser seus discípulos à prática desse ideário da UNIÃO, quando nos recomenda: “Meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem”. Se auguramos ser discípulos do Cristo, então, o ideário de “UNIÃO” será mantido em qualquer circunstância.**

O modelo federativo é importante, porém boa parte dos dirigentes de casas espíritas nem sempre valorizam as ações dos órgãos de Unificação, atribuindo-lhes caráter meramente administrativo, burocrático, com pouco sentido prático. Considerando a sua experiência doutrinária, quais as ações que pretende desenvolver para aproximar a FEB das casas Espíritas?

Antes, ressalto que a organização federativa não é só importante, é o programa ideal da Doutrina Espírita no Brasil. É para a grande obra de unificação que a FEB envida todos os seus esforços, objetivando a vitória de Ismael nos corações. Entretanto, respeitando a livre determinação individual, procuraremos sempre atenuar o vigor das dissensões esterilizadoras, para nos unirmos na tarefa impessoal e comum de educar o pensamento do homem no Evangelho.

⁴⁰ Nota do entrevistador: a posição do atual presidente da FEB no tocante à obra de Roustaing, s.m.j., não é aprovada pela ampla maioria dos espíritas brasileiros que a conhece e sequer é adotada pelo Conselho Federativo Nacional da FEB e pelo Conselho Nacional de Entidades Especializadas da FEB – Nota do entrevistador.

O “Pacto áureo” ainda pode ser avaliado como o grande marco da Unificação?

É o Pacto áureo a expressão mais lúcida de entendimento e concórdia entre os espíritas, que podem divergir nas discussões das ideias, mas que não devem fazer da divergência motivo de discórdia, intolerância e incompreensão. O Pacto áureo veio compatibilizar a vivência da Doutrina dentro do princípio da liberdade, sem jamais deixar de considerar o amor fraterno, a união e a Unificação. Ele foi e será sempre o grande marco da Unificação que consolidou os esforços iniciais de Bezerra de Menezes.

O livro inspirador do “Pacto” (*Brasil coração do mundo...*) conseguirá “UNIR” o Movimento Espírita Brasileiro?

O Livro *Brasil coração do mundo, pátria do evangelho* veio esclarecer as origens remotas da formação da Pátria do Evangelho com informações colhidas nas tradições do mundo espiritual e se destina a explicar a missão do Brasil no mundo moderno. Dessa forma, quando folheamos suas belas páginas e verificamos que o Brasil está destinado a suprir as necessidades materiais dos povos mais pobres do planeta e a facultar ao mundo inteiro uma expressão consoladora de crença e fé raciocinada fica a dedução lógica de que essa tarefa não pode ser uma obra individual ou de personalismos incabíveis, mas daqueles que se propõem a estarem unidos e unificados no Evangelho do Senhor.

Quais os grandes desafios vistos para o Movimento Espírita Brasileiro?

Consolidar a manutenção da União e da fraternidade.

Diante da clara divisão que existe no Movimento Espírita, muitas vezes manifestada em posturas emocionalizadas e radicais, como a FEB deve conduzir objetiva e publicamente o tema Roustaing? Que iniciativas faltam para apaziguar ânimos?

Não devemos esquecer que no Capítulo 22 do Livro *Brasil Coração do mundo pátria do evangelho*, o espírito Humberto de Campos narra que Jesus destacou um dos Seus grandes discípulos, Allan Kardec, para vir à Terra com a tarefa de organizar e compilar ensinamentos que seriam revelados, oferecendo um método de observação a todos os estudiosos do tempo e que o grande missionário, no seu maravilhoso esforço de síntese, contaria com a cooperação de uma plêiade de auxiliares da sua obra, designados particularmente para coadjuvá-lo, nas individualidades de João Batista Roustaing, que organizaria o trabalho da fé; de Léon Denis, que efetuaria o desdobramento filosófico; de Gabriel Delanne, que apresentaria a estrada científica e de Camille Flammarion, que abriria a cortina dos mundos, desenhando as maravilhas das paisagens celestes, cooperando assim na codificação kardeciana no Velho Mundo e dilatando-a com os necessários complementos.

As obras de Roustaing permanecerão sendo republicadas?

Sim. Jamais a FEB deixou de publicá-las, desde a sua primeira edição. Não podemos olvidar que Allan Kardec, dentro da lucidez e do espírito de grandeza que o caracterizam afirmou: proibir a leitura de um livro é dar mostras de que o tememos. A Doutrina Espírita é, por natureza, a doutrina da liberdade, da livre-escolha, nada impõe, nada proíbe. O apóstolo Paulo já recomendava em seu tempo: lede tudo e retende o que for bom.

Como a Casa-Mater do Espiritismo deve enfrentar e proceder ante a proliferação de livros “doutrinários” de conteúdos confusos, especialmente pela Internet ?

De acordo com o Evangelho. Respeitando, a liberdade de pensar e de agir, já que cada um é responsável pelos seus atos e pela sua administração.

Considerando que sobre a FEB repousam muitas esperanças, mas também expectativas, como atuará para se aproximar dos espíritas carentes e pouco instruídos na educação formal, dado que representam expressivo estrato da sociedade brasileira?

Pelo trabalho exercido com humildade e amor, na ação pacífica de educação das criaturas na prática genuína do bem e no exercício da caridade como entendia Jesus, conforme expresso na questão nº 886 de *O Livro dos Espíritos*: “Benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros, perdão das ofensas”.

A inclusão digital apresenta-se como meio propício para que os conteúdos das obras básicas e obras complementares, veiculados pela internet, a fim de que cheguem aos espíritas carentes com evidentes benefícios. Como a FEB poderia auxiliar os Centros Espíritas de periferia nessa questão?

Disponibilizando o acesso a essas obras pelas mais variadas mídias e meios de comunicação existentes e apoiando o Movimento espírita nas ações de auxílio e apoio aos Centros Espíritas.

Será que livros gratuitos na internet gerariam impacto financeiro, em se tratando de uma prática comum atualmente?

É um tema a ser apreciado. Esta iniciativa a FEB já tomou quando disponibiliza obras para download em seu portal.

Será que os livros virtuais não dariam maior visibilidade ao portal da FEB, ou seja, não tornaria o site uma robusta ferramenta de divulgação da Nova Luz para o mundo?

Este é um assunto em estudo na FEB e que merece atenção, porque vem ao encontro da sua finalidade: estudar, vivenciar e divulgar a Doutrina Espírita. Para maiores esclarecimentos, a FEB já mantém um catálogo de e-books de mais de 120 títulos, que será ampliado a cada semana, com a disponibilização de outros títulos, como forma alternativa de acessibilidade ao conteúdo espírita.

Allan Kardec comenta no item 334, cap. XXIX, d’*O Livro dos Médiuns*, que a formação do núcleo da grande família espírita um dia consorciaria todas as opiniões e uniria os homens por um único sentimento: o da fraternidade. Estaria aqui o Codificador formulando alguma programação doutrinária visando à unidade dos espíritas por intermédio de instituições colegiadas?

Entendo que o Codificador, nesse ponto, traz o cunho da caridade cristã, ao alertar os espíritas desejosos de se instruírem e vivenciarem os ensinamentos dos Espíritos a se unirem pelo sentimento de fraternidade, formando um núcleo da grande família espírita pelos laços da caridade.

Na condição de recém-eleito presidente da FEB, considerando o desígnio da “UNIÃO”, e compreendendo que vários membros do CFN tinham a esperança da reeleição do Antônio Cesar Perri, quais as estratégias a serem adotados visando asserenar e aglutinar tais

membros do CFN?

Paciência e serenidade; humildade e amor; sacrifício e devotamento; paz e resignação.

A saída do ex-presidente da FEB comprometerá a coordenação do projeto do CEI? Os novos dirigentes estão em sintonia com o trabalho que o CEI vem realizando?

As instituições permanecem com seus objetivos e finalidades, as pessoas são transitórias e, portanto, os novos dirigentes conscientes desta realidade procurarão a sintonia com o trabalho que vem sendo desenvolvido.

O irmão pretende partilhar com a comunidade espírita, na forma de consultas, audiências ou outros canais de comunicação, com o intuito de colher subsídios para tratar de matérias e temas importantes para o Movimento Espírita, além, obviamente, dos canais e mecanismos formais já existentes?

Estaremos sempre abertos às contribuições que tratem de temas importantes emanadas de todos aqueles que desejam trazê-las pessoalmente ou por intermédio dos meios disponíveis de comunicação.

Como a FEB deve administrar as questões filosóficas e científicas dos fenômenos metafísicos junto às academias e a outras fontes de conhecimento da atualidade?

Não interferindo, nem cerceando a liberdade de pensar e agir de quem quer que seja.

Com o crescente surgimento dessas entidades especializadas (Associação espírita de médicos, juízes, jornalistas, psicólogos etc.) como deve se posicionar a FEB, considerando o aspecto restritivo e até elitista dessas entidades? Aceitar e incentivar, acreditando que se trata de um evento imprescindível?

Quanto a este aspecto a FEB tem posição clara e definida em seu Estatuto ao contemplar dispositivo que abriga as entidades especializadas de âmbito nacional no Conselho Federativo Nacional – CFN, e, como decorrência do crescente aumento, aprovou, em 2014, a criação do Conselho Nacional das Entidades Espíritas Especializadas da Federação Espírita Brasileira – CNE-FEB, como órgão de apoio técnico ao Movimento Espírita Brasileiro.

Numa sociedade mercadológica/mercantil em que eventos espíritas “grandiosos” e pagos em geral se apresentam em números cada vez maiores, qual deve ser a atitude da FEB?

A de prudência e respeito, sem conivência, mas orientada pelo Evangelho.

Suas palavras finais.

Agradeço a oportunidade, desejando que estejamos sempre irmanados numa doce aliança de fraternidade e paz inabaláveis sob o amparo de Ismael e de Jesus.

21

ROUSTAING – O SESQUICENTENÁRIO TÃO AGUARDADO NA FEB

Os quatro evangelhos de J.-B. Roustaing

Um confrade muito querido sugeriu-me escrever sobre a revista *Reformador*, estabelecendo um paralelo entre a elevação dos conteúdos doutrinários veiculados no passado remoto, e a atual insipidez doutrinária e excesso de fotografias de dirigentes publicadas nas suas páginas (autopromoção?).

Outro companheiro informou-me que a FEB – Federação Espírita Brasileira está preparando o lançamento (previsto para o mês de junho de 2016) da nova edição dos *Quatro Evangelhos*, almejando a submissão comemorativa aos 150 anos de lançamento do livro de J.-B. Roustaing. Em face disso, telefonei para o departamento editorial da FEB e fui informado sobre o tal lançamento, em razão disso, deliberei antecipar um manifesto de alerta em face da augurada reedição das obras que representam a ruptura de união ente os espíritas no Brasil.

Augusto Elias da Silva e o Reformador

Percorrendo determinadas narrativas sobre a história da revista *Reformador* inteiramo-nos de que ela foi fundada em 21/1/1883 por Augusto Elias da Silva, um fotógrafo português, num corajoso empreendimento de difusão espírita no Brasil do século XIX. Isto porque, fundar e conservar um órgão de propaganda espírita, na Corte do Brasil era, naquele período, para esmorecer o ânimo dos espíritas mais resolutos. Uma vez que dos púlpitos brasileiros, principalmente dos da Capital, choviam anátemas sobre os espíritas, os novos hereges que cumpria abater.

Escreveu o fotógrafo lusitano o seguinte: “Abre caminho, saudando os homens do presente que também o foram do passado e ainda hão de ser os do futuro, mais um batalhador da paz: o *Reformador*. Com essas palavras inaugurais apresentava-se, no Brasil o novo órgão da divulgação espírita”.⁴¹

O artigo de fundo do primeiro número traçava as diretrizes de paz e

⁴¹ Disponível em <http://febnet.org.br/site/conheca.php?SecPad=3&Sec=188> - acesso em 13/04/2016.

progresso pelos quais se nortearia o informativo, definindo ainda os objetivos que tinha em vista alcançar. Apresentou-se, portanto, o **Reformador** como mais um semeador da paz, apetrechado da tolerância e da fraternidade, desfraldando a bandeira da presumível “união” entre os espíritas. Ótimo!

Até 1888 a redação do periódico funcionou (no ateliê) montado na residência do Elias da Silva. Era um jornal quinzenal composto de quatro páginas e estima-se que sua tiragem inicial era de aproximadamente 300 exemplares, contando com cerca de uma centena de assinantes. A partir de 1902 passou ao formato de revista, inicialmente com 20 páginas e periodicidade bimestral. Na década de 1930 passou a ser mensal, e o número de páginas aumentou gradativamente. Em 1939, a FEB adquiriu e instalou as máquinas impressoras próprias, nas dependências dos fundos do prédio da Avenida Passos. Foi uma decisiva empreitada e graças a essa providência, as edições e reedições de livros espíritas e da revista começaram sua expansão.

Em seguida, com a instalação do complexo gráfico, em 1948, em amplo edifício (atualmente abandonado, arrasado e falido) especialmente construído em São Cristóvão/Rio de Janeiro, a FEB acresceu a propaganda doutrinária. Paradoxalmente, na década de 1970 a FEB “modernizou” as impressões de **Reformador** com as capas coloridas, substituindo inclusive o logotipo e desenho, mas a Revista tomou novo rumo gráfico oferecendo gigantescos espaços de proeminência para as imodestas imagens (fotos) dos diretores febeanos.

Apesar de ser um dos quatro periódicos surgidos no Rio de Janeiro, de 1808 a 1889, que sobreviveram até os dias atuais e o único que nunca teve interrompida sua publicação, todavia diversas vezes desviou-se do programa de estudar, difundir e propagar a legítima Doutrina dos Espíritos sob o seu tríplice aspecto (científico-filosófico-religioso), sobretudo durante a coordenação do editor Luciano dos Anjos.

Em verdade, tudo tem matrizes nos eternos diretores roustanguistas que ininterruptamente (há mais de 100 anos) se revezam na direção da FEB até os dias atuais. Nesse confuso cenário foram infligidos e cedidos espaços fadigosos do periódico a fim de veicular as burlescas teses da metempsicose consubstanciada nos “criptógamos carnudos” (involução), do neodocetismo⁴² consoante propostos nas obras do visionário J.-B. Roustaing, um “após(tolo)” da discórdia! E pelo que sei, desde a primeira edição já são mais de 15 milhões de exemplares publicados pela FEB.

⁴² Os gnósticos-docetas do primeiro século sustentavam que Jesus não tinha realidade física, que o seu corpo era apenas aparente. Sua posição contrariava as teses da encarnação do Cristo, apresentando-o como uma espécie de Deus mitológico, sob a influência das ideias helenísticas. O Docetismo exerceu grande influência em Alexandria, propagando-se a Éfeso, onde o apóstolo João instalara a sua Escola Cristã. João refutou a tese doceta como herética, pois além de não corresponder à realidade histórica, transformava o Cristo num falsário. A fábula dos docetas (como o apóstolo Paulo a classificou) apresentava-se como uma das mais estranhas desfigurações do Cristo, fornecendo elementos ricos e valiosos aos mitólogos para negarem a existência real e histórica de Jesus de Nazaré.

Quartel-general de J.-B. Roustaing

A trajetória centenária do *Reformador* se confunde com a própria história do quartel-general de J.-B. Roustaing, a FEB, da qual tem sido a porta-voz e a representação do seu pensamento. Confrades que não rezam pela cartilha roustanguista, embora sejam coordenadores de uma ou outra área doutrinária da FEB (baixo clero), jamais alcançaram lograr maiores destaques administrativos, sendo “aceitos” de esguelha pelos poderosos diretores (alto clero), todos fanáticos pelo advogado de Bordeaux.

A revista *Reformador*, não raro, expressou várias vezes uma linha editorial e diretrizes a serviço do Evangelho à maneira sorrateira dos fastidiosos volumes dos *Quatro Evangelhos* de Roustaing, tal como ocorreu na presidência do Armando de Assis. Destaque-se que os quatro volumes de Roustaing são estudados sistematicamente nas reuniões públicas realizadas todas as terças-feiras na sede da FEB, em Brasília e na sucursal febeana, sediada na Av. Passos-Rio de Janeiro, e isto diz tudo.

A FEB e UNICAMENTE ELA sucessivamente esteve na dianteira em defesa do roustanguismo. Nessa linha de contrassenso, tem expressado sempre a prevalência das suas verdades docetistas, embaralhadas e camuflada atrás da boa literatura do Chico Xavier e dos clássicos que edita. A FEB acredita que conseguirá catalisar a “unificação” e a unidade da Doutrina; mas em realidade, sempre sucederam e sobrevirão as dissidências (internas e externas) resultantes dos sofismas de princípios insustentáveis pela racionalidade kardeciana.

Para a consubstanciação do projeto da disseminação do docetismo, há mais de um século a FEB vem catequisando à socapa alguns confrades ingênuos. Na volúpia insuperável das interpretações equivocadas dos eternos fascinados pelos *Quatro Evangelhos* vai transformando o caleidoscópico Movimento Espírita Brasileiro numa desordem ideológica sem precedentes inspirados nos vaporosos pilares dos engodos dos *Quatro Evangelhos*.

Com Roustaing narcotizando a mente do alto clero febeano será empreita impraticável evitar a dispersão sistemática e generalizada cada vez mais acentuada dos espíritas, em caminho de desintegração, por força de interferências obsessivas em nível de fascinação. Se a unidade doutrinária foi a única e derradeira divisa de Allan Kardec para o fortalecimento do Espiritismo, a união deve ser a fortaleza inexpugnável da Doutrina Espírita. Em verdade a FEB não conseguiu avançar coisa nenhuma nesse quesito de união entre os espíritas, justamente por que se deixou abater diante dos embustes docetistas, e de outras aberrações doutrinárias contidas na obra do bordelense, razão suficiente para não lograr a unificação, pois desconhece o poderoso antídoto contra os venenos das discórdias e desuniões, a coerência legada

pelas obras codificadas por Allan Kardec.

Herculano Pires ponderou

Herculano Pires na sua sapiência ponderava: “Em os *Quatro Evangelhos* as verdades são sempre contrariadas pelas mentiras, o natural é prejudicado pelo absurdo e o belo é sempre desfigurado pelo horrível. Jesus é fluidificado, purificado e até endeusado; mas também é ironizado, ridicularizado, deturpado e estupidificado”! “Roustaing é o anti-Kardec. Se Kardec é o bom senso, Roustaing é a falta de bom senso”.⁴³

Queira Deus que no futuro não distante ressurja no Brasil o ideário da concepção e fundação de uma CONFEDERAÇÃO ESPÍRITA independente (sem Roustaing, sem misticismos e sem hierarquias).

⁴³ Pires, Herculano. *O Verbo e a Carne*, São Paulo: Ed Paideia, 1972

22

ROUSTAING: UMA ETERNA DESILUSÃO FEBEANA

Reflexões antiroustanguistas por:

José Passini, Astolfo Olegário, Leonardo Marmo, Paulo Neto.

Para o professor José Passini, o Espiritismo, na sua condição de Cristianismo redivivo, não poderia deixar de receber os ataques das forças contrárias ao esclarecimento e libertação do espírito humano. Embora pareça um paradoxo, o volume e a intensidade dos ataques constituem um verdadeiro atestado da legitimidade do Consolador.

A primeira, e talvez a mais forte das investidas, foi a publicação da obra de J.-B. Roustaing, conhecida, em língua portuguesa como *Os Quatro Evangelhos*.

Na obra *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, Roustaing é citado como pertencente à equipe de Kardec. Há aqueles que contestam a autenticidade de tal afirmativa. Entretanto, sabe-se que todo missionário que vem à Terra traz consigo uma equipe, constituída de Espíritos, trabalhadores de boa vontade, mas sujeitos a falhas. Zamenhof veio à Terra com um grupo de Espíritos para a implantação do Esperanto. Dentro dessa equipe, houve um Espírito que falhou. Traiu o grande Missionário, liderando um grupo que apresentou uma versão modificada do Esperanto numa convenção mundial. Sua falha foi tão grande, que foi chamado Judas por uma biógrafa de Zamenhof, tal a repercussão da sua atitude.

Roustaing, embora tenha reencarnado com tarefa definida junto à obra de Kardec, conforme relato de Humberto de Campos na obra *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, foi vítima de Espíritos que se enquadram perfeitamente na classificação de Kardec, como Espíritos pseudossábios, conforme item 104 de *O Livro dos Espíritos*:

Seus conhecimentos são bastante amplos, mas acreditam saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles tem caráter sério, que pode iludir quanto às suas capacidades e luzes; porém, na maioria das vezes isso não passa de um reflexo dos preconceitos e das ideias

sistemáticas da vida terrestre. É uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos. Em meio aos quais despontam a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação, de que não puderam livrar-se.

Roustaing desejou produzir obra própria, tornando-se presa fácil de fascinação. Esse não foi o primeiro, nem o último caso, na Humanidade, da falência de um Espírito pertencente a um grupo de trabalho. Judas, da equipe de Jesus, também falhou.

Esses quatro volumes constituem obra fantasiosa, repetitiva, que, em muitos pontos, contradiz fundamentalmente a Doutrina Espírita. É apresentada em tom professoral, catedrático, que choca frontalmente com a simplicidade, objetividade e limpidez das expressões de Kardec e dos Espíritos que dialogaram com ele.

As citações que fizemos, respostas dos Espíritos mistificadores que orientaram Roustaing, todas em **negrito vermelho** serão referentes à edição de 1971 de *Os Quatro Evangelhos*, que difere um tanto daquela de 1942, da mesma editora, pois que foram suprimidos ataques a Kardec.

Roustaing pretendeu dar nova versão à tese da virgindade de Maria, através de uma pseudogravidez, que teria culminado no aparecimento de um bebê fluídico, surgido de uma gravidez enganosa, de um parto fictício, de uma lactação aparente, de um desenvolvimento físico falso e de uma desencarnação mentirosa.

“Mas, não o esqueçais: todo aquele que reveste a carne e sofre, como vós, a encarnação material humana – é falível.” (pág. 166).

Estaria o Espírito querendo dizer que se Jesus encarnasse estaria sujeito a falhar? Por isso não teria encarnado?

Jesus viveu a vida de um homem normal da sua época: trabalhava, comia, bebia, hospedava-se nas casas das pessoas. Por que mudou completamente seu modo de agir depois da desencarnação? Não há nenhum registro no Novo Testamento que se tenha hospedado em casa de alguém, nem que tenha feito refeições regulares, como fazia. É claro que desejava deixar claro que não mais estava encarnado, que não mais tinha necessidades materiais.

Seu enquadramento na vida terrena, enquanto encarnado é claramente demonstrada na citação abaixo:

E chegando sábado, começou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se admiravam, dizendo: Donde lhe vem essas coisas? E que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos? Não é este o carpinteiro, filho de Maria, e irmão de Tiago, e de José, e de Judas e de Simão? E não estão aqui conosco suas irmãs? (Marcos, 6: 2 e 3).

Mas, embora tivesse poderes para fazê-lo quando encarnado, nunca

atravessou portas fechadas, nem apareceu ou desapareceu subitamente, como o fez depois de desencarnado, demonstrando a imortalidade da alma, apresentando-se apenas com seu corpo espiritual:

E oito dias depois estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé. Chegou Jesus estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio deles, e disse: Paz seja convosco. (João, 20: 26)

Há outro relato de aparecimento, este com desaparecimento também:

E eis que no mesmo dia iam dois deles para uma aldeia, que distava de Jerusalém sessenta estádios, cujo nome era Emaús. E aconteceu que, indo eles falando entre si, e fazendo perguntas um ao outro, o mesmo Jesus se aproximou, e ia com eles. Mas os olhos deles estavam como que fechados, para que não o conhecessem. E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram dizendo: Fica conosco porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão o abençoou e partiu-o, e lhes deu. Abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele lhes desapareceu. (Lucas, 24: 13, 15, 16, 28 a 31).

Se Jesus não teve um corpo físico, como afirma Roustaing, por que passou a agir de maneira tão diferente depois da sua desencarnação?

Roustaing tenta apagar a notável lição de Paulo, no cap. 15 da Primeira carta aos Coríntios, onde o Apóstolo fala claramente em corpo físico e corpo espiritual.

É interessante notar a argumentação de Paulo:

Porque se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou.

Mas alguém dirá: Como ressuscitarão os mortos? E com que corpo virão?.

Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo animal, há também corpo espiritual.⁴⁴

Se Paulo entendesse que Jesus tinha só corpo fluídico, não falaria em ressurreição.

Àqueles que perguntam sobre o que aconteceu com o corpo físico de Jesus – pois que desaparecera do túmulo – pode-se responder com os trabalhos levados a efeito por equipes de cientistas internacionais que estudaram o pano sobre o qual o cadáver de Jesus foi desmaterializado, pano esse conhecido como o *Sudário de Turim*. Constitui ele relíquia ciosamente guardada pela Igreja Católica Romana, que retrata a figura de um homem, de frente e de costas, que sofrera flagelações, tudo coincidindo com o que se conhece sobre Jesus. Mas, os cientistas não chegaram à conclusão alguma sobre como fora gravada a imagem. Declaram que não foi pintura, tintura, queimadura por fogo ou por ácido, nem radiação atômica. Sabemos, nós espíritas,

⁴⁴ Kardec, Allan. **A gênese**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 15, its. 1 e 2.

⁴⁵ DA SILVA, Gelio Lacerda. *Conscientização espírita*, 1ª. edição, SP: EME editora 1995

que seu corpo foi desmaterializado.

Entretanto, não é a tese do corpo fluídico o ponto mais grave da obra. Há afirmativas que contrariam frontalmente as bases doutrinárias do Espiritismo. Vejamos algumas, dentre muitas:

EVOLUÇÃO DO ESPÍRITO:

Com Kardec, em *O Livro dos Espíritos*, aprende-se que o princípio inteligente percorre, durante milênios incontáveis, as trilhas da evolução, antes de atingir o estágio de humanidade. Aprende-se que a consciência moral que caracteriza o ser humano, libertando-o gradualmente do jugo dos instintos, desabrocha lentamente, revelando a perfeição imanente no Ser:

Parece que, assim, se pode considerar a alma como tendo sido o princípio inteligente dos seres inferiores da criação, não?

“Já não dissemos que tudo em a Natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, se individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É, de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito. Entra então no período da humanização, começando a ter consciência do seu futuro, capacidade de distinguir o bem do mal e a responsabilidade dos seus atos. Assim, à fase da infância se segue à da adolescência, vindo depois a da juventude e da madureza.”

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec – questão 607-a

Respondendo a Roustaing, os Espíritos com os quais dialogou, falam numa transformação do instinto em inteligência — num determinado momento — levada a efeito por agentes exteriores e não através do próprio processo evolutivo, o que faz pensar numa espécie de “colação de grau” espiritual. Interessante notar, também, que o Espírito, depois de todas as aquisições individuais retorne ao “todo universal”, onde, certamente, perderia a sua individualidade. Além disso, como teria, um Espírito recém-saído da animalidade ter um perispírito tão sutil a ponto de quase ser invisível aos Espíritos Superiores? Vejamos a pergunta de Roustaing e a resposta dos Espíritos:

“Como é que, chegado ao período de preparação para entrar na humanidade, na espiritualidade consciente, o Espírito passa desse estado misto, que o separa do animal e o prepara para a vida espiritual, ao estado de Espírito formado, isto é, de individualidade inteligente, livre e responsável?”

“É nesse momento que se prepara a transformação do instinto em inteligência consciente. Suficientemente desenvolvido no estado animal, o Espírito é, de certo modo, restituído ao todo universal, mas em condições especiais é conduzido aos mundos *ad hoc*, às regiões preparativas, pois que lhe cumpre achar o meio onde elaboram os princípios constitutivos do perispírito. (...) Aí perde a consciência do seu ser, porquanto

a influência da matéria tem que se anular no período da estagnação, e cai num estado a que chamaremos, para que nos possais compreender, letargia. Durante esse período, o perispírito, destinado a receber o *princípio espiritual*, se desenvolve, se constitui ao redor daquela centelha de verdadeira vida. Toma a princípio uma forma indistinta, depois se aperfeiçoa gradualmente como o gérmen no seio materno e passa por todas as fases do desenvolvimento. Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração. Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós. Tão pálida é a chama que ele encerra, a essência espiritual da vida, que os nossos sentidos, embora sutilíssimos, dificilmente a distinguem.” (1º vol., pág. 308).

Respondendo a Kardec, os Espíritos ensinam que o Espírito emerge lentamente da animalidade, das necessidades materiais, através de sucessivas encarnações, ao longo de milênios sucessivos, que se constituem em oportunidades absolutamente necessárias ao seu progresso. O perispírito, que sempre reveste o Espírito, vai-se modificando com o passar do tempo.

Roustaing se refere ao perispírito como se fosse uma roupagem preparada longe do Espírito que deva usá-la: **“Quando o invólucro está pronto para contê-lo, o Espírito sai do torpor em que jazia e solta o seu primeiro brado de admiração.”**

Afirma, o Espírito que respondeu a Roustaing: **“Nesse ponto, o perispírito é completamente fluídico, mesmo para nós.”** Que perispírito não é fluídico? Seria apenas naquele momento?

Uma vez no período da humanidade, conserva o Espírito traços do que era precedentemente, quer dizer: do estado em que se achava no período a que se poderia chamar ante-humano?

“Conforme a distância que medeia entre os dois períodos e o progresso realizado. Durante algumas gerações, pode ele conservar vestígios mais ou menos pronunciados do estado primitivo, porquanto nada se opera na Natureza por brusca transição. Há sempre anéis que ligam as extremidades das cadeias dos seres e dos acontecimentos. Aqueles vestígios, porém, se apagam com o desenvolvimento do livre-arbítrio. Os primeiros progressos só muito lentamente se efetuam, porque não têm a secundá-los a vontade. Vão em progressão mais rápida à medida que o Espírito adquire mais perfeita consciência de si mesmo.”

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec – questão 609

Os Espíritos, respondendo a Roustaing, afirmam que o Espírito só volta à vida material por castigo. Se é humanizado apenas após cometer a primeira falta, depreende-se que se não houvesse falta não haveria reencarnação. Como Roustaing explicaria a evolução do Espírito? Analise-se seu diálogo com um Espírito:

“(…) para o Espírito formado, que já tem inteligência independente, consciência de suas faculdades, consciência e liberdade dos seus atos, livre-arbítrio e que se encontra no estado de

inocência e ignorância, a encarnação, primeiro, em terras primitivas, depois, nos mundos inferiores e superiores, até que haja atingido a perfeição, é uma necessidade e não um castigo?”

“Não; a encarnação humana não é uma necessidade, é um castigo, já o dissemos. E o castigo não pode preceder a culpa.

O Espírito não é humanizado, também já o explicamos, antes que a primeira falta o tenha sujeitado à encarnação humana. Só então ele é preparado, como igualmente já o mostramos, para lhe sofrer as consequências.” (1º vol., pág. 317)

Em Kardec, aprende-se que o progresso do Espírito é irreversível, o que é racional, pois se não houvesse a irreversibilidade do progresso espiritual não haveria segurança nem estabilidade no Universo.

Podem os Espíritos degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece. Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.”

O Livro dos Espíritos – questão 118

Roustaing admite possa um Espírito que já desempenhou funções elevadas no Mundo Espiritual ser tomado pela inveja, pelo orgulho, etc., o que evidencia uma nova versão para a “queda dos anjos”, conforme a teologia Católica Romana e, também, a Protestante.

“Já tendo grande poder sobre as regiões inferiores, cujo governo aprenderam a exercer, no sentido de que, sempre sob as vistas dos Espíritos prepostos à missão de educá-los e sob a do protetor especial do planeta de que se trate, aprendem a dirigir a revolução das estações, a regular a fertilidade do solo, a guiar os encarnados, influenciando-os ocultamente, muitos acreditam que só ao merecimento próprio devem o que podem e, desprezando todos os conselhos, caem. É a queda pelo orgulho.

Outros, por nem sempre compreenderem a ação poderosa de Deus, não admitem haja uma hierarquia espiritual e acusam de injustiça aquele que os criou, porquanto é Deus quem cria, não o esqueçais. Esses os que caem por inveja.

Até o ateísmo – por mais impossível que pareça – até o ateísmo se manifesta naqueles pobres cegos colocados no centro mesmo da luz. (...) Nesse caso, sobretudo nesse caso, mais severo é o castigo. É um dos casos de primitiva encarnação humana. Preciso se torna que os culpados sintam, no seu interesse, o peso da mão cuja existência não quiseram reconhecer.

Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se, por isso, Espíritos de trevas, são precipitados nos *tenebrosos lugares de encarnação humana*, conforme o grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir.” (1º vol., pág. 311)

Kardec obtém dos Espíritos Superiores resposta que deixa muito claro que o Espírito que atingiu a humanização não retorna jamais às formas animais, o que

contraria frontalmente a teoria da Metempsicose esposada por Roustaing:

Poderia encarnar num animal o Espírito que animou o corpo de um homem?

“Isso seria retrogradar e o Espírito não retrograda. O rio não remonta à sua nascente.”

O Livro dos Espíritos, Allan Kardec – questão 612

Em Roustaing, vê-se que, além de admitir a Metempsicose, afirmam seus interlocutores possa um Espírito voltar à Terra, ou a outros mundos, animando corpos primitivíssimos, como larvas!

“Haveis dito que os Espíritos destinados a ser humanizados, por terem errado muito gravemente, são lançados em terras primitivas, virgens ainda do aparecimento do homem, do reino humano, mas preparadas e prontas para essas encarnações e que aí encarnam em substâncias humanas, às quais não se pode dar propriamente o nome de corpos, nas condições de macho e fêmea, aptos para a procriação e para a reprodução. Quais as condições dessas substâncias humanas?”

“São corpos ainda rudimentares. O homem aporta a essas terras no estado de esboço, como tudo que se forma nas terras primitivas. O macho e a fêmea não são nem desenvolvidos, nem fortes, nem inteligentes.

Mal se arrastando nos seus grosseiros invólucros, vivem, como os animais, do que encontram no solo e lhes convenha.

As árvores e o terreno produzem abundantemente para a nutrição de cada espécie. Os animais carnívoros não os caçam. A providência do Senhor vela pela conservação de todos. Seus únicos instintos são os da alimentação e os da reprodução.

Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos. Poderíeis formar ideia da criação humana, estudando essas larvas informes que vegetam em certas plantas, particularmente nos lírios.” (págs. 312 / 313)

AUTENTICIDADE DA ENCARNAÇÃO DE JESUS:

Kardec mostra Jesus como o modelo mais perfeito para a evolução humana, logo, o seu corpo deveria ter a mesma constituição do corpo daqueles aos quais ele deveria servir de modelo, e seu testemunho basear-se na verdade.

Qual o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo?

“Jesus.”

Qual o caráter do verdadeiro profeta?

“O verdadeiro profeta é um homem de bem, inspirado por Deus. Podeis reconhecê-lo pelas suas palavras e pelos seus atos. Impossível é que Deus se sirva da boca do mentiroso para a ensinar a verdade.”

O Livro dos Espíritos – questões 625 e 924

Roustaing mostra um Jesus que estaria fingindo estar encarnado, desde o seu nascimento até a sua morte, que teria sido também um simulacro, uma verdadeira encenação teatral. Além do mais, ainda o chama de *um Deus milagrosamente encarnado!* (1º vol., págs. 242 / 243):

“(...) um homem tal como vós quanto ao invólucro corporal e, ao mesmo tempo, quanto ao Espírito, um Deus: portanto, um homem-Deus.” (pág. 242)

Aqui, é declarado que o invólucro corporal de Jesus era igual ao de todos nós.

Kardec afirma categoricamente que Jesus teve um corpo carnal e um corpo fluídico, como todos encarnados temos:

A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde a sua concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida. Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias de sua vida, revela caracteres inequívocos de corporeidade. (...) também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido, é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. (...) e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra, ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.

Jesus teve, pois, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.” (*A Gênese*, cap. XV, itens 65 e 66)

Roustaing mostra um Jesus que estaria fingindo estar encarnado, que fingia alimentar-se, desde o seu nascimento. Seria o *guia e modelo* enganando que mamava, que comia, que bebia, que sofria e que desencarnou?

“Quando Maria, sendo Jesus, na aparência, pequenino, lhe dava o seio – o leite era desviado pelos Espíritos superiores que o cercavam, de um modo bem simples: em vez de ser sorvido pelo “menino”, que dele não precisava, era restituído à massa do sangue por uma ação fluídica, que se exercia sobre Maria, inconsciente dela.” (1º vol, pág. 243).

“Os Espíritos superiores que o cercavam em número, para vós, incalculável, todos submissos à sua vontade, seus dedicados auxiliares, faziam desaparecer os alimentos que lhe eram apresentados e que não tinha para ele utilidade. Aqueles Espíritos os subtraíam da vista dos homens, de modo a lhes causar completa ilusão, à medida que parecia ser ingeridos por Jesus, cobrindo-os, para esse fim, de fluidos que os

tornavam invisíveis.” (1º vol, págs. 262/263).

APARIÇÃO DE MOISÉS E ELIAS:

Inegavelmente, as afirmações mais claras a respeito da reencarnação, contidas no Novo Testamento, encontram-se nos Evangelhos de Mateus (17: 10-13) e de Marcos (9: 11), onde se lê que Jesus dialogou com Moisés e Elias no Tabor, diante dos discípulos Pedro, Tiago e João. Questionado quanto à identidade de Elias, o Mestre afirma categoricamente que João Batista foi a reencarnação do Profeta Elias.

Em Roustaing, de maneira fantasiosa e completamente inverossímil, numa tentativa de desacreditar a reencarnação, misturando fatos e fantasias, é declarado que Moisés, Elias e, conseqüentemente, João Batista são o mesmo Espírito, e que ali, no Monte Tabor, um outro Espírito tomou a aparência de Moisés e conversou com Jesus. Vê-se aí, mais uma vez o ilusionismo, para não dizer a falsidade da obra de Roustaing:

“O que, porém, Jesus naquela ocasião não podia nem devia dizer e que agora tem que ser dito é o seguinte: Moisés - Elias - João Batista - são uma mesma e única entidade. Estamos incumbidos de vos revelar isso, porque chegou o tempo em que se tem de “realizar” a “nova aliança”, em que todos os homens (Judeus e Gentios) se têm que abrigar debaixo de uma só crença, da crença - em um Deus, uno, único, indivisível, Criador incriado, eterno, único eterno: o Pai; em Jesus-Cristo, vosso protetor, vosso governador, vosso mestre: o Filho; nos Espíritos do Senhor, Espíritos puros, Espíritos superiores, bons Espíritos que, sob a direção do Cristo, trabalham pelo progresso do vosso planeta e da sua humanidade: o Espírito Santo.” (2º vol., págs 497 / 498)

A obra é volumosa, pesada, extremamente repetitiva, escrita em tom catedrático, pretensioso, que nos remete diretamente a ***O Livro dos Espíritos***, item 104, no magistral estudo que o Codificador faz a respeito da “Escala Espírita”, quando se refere aos Espíritos pseudossábios. São Espíritos pertencentes a comunidades espirituais que teimam em manter erros doutrinários relativamente à interpretação da Mensagem Cristã, para as quais o Espiritismo representa grande perigo por esclarecer a Humanidade.

A respeito desses Espíritos, Emmanuel faz séria advertência, que serve também como alertamento, diante dessa verdadeira “onda editorial” que está alimentando a vaidade de médiuns invigilantes e enriquecendo editoras:

As próprias esferas mais próximas da Terra, que pela força das circunstâncias se acercam mais das controvérsias dos homens que do sincero aprendizado dos espíritos estudiosos e desprendidos do orbe, refletem as opiniões contraditórias da Humanidade, a respeito do Salvador de todas as criaturas.”

Felizmente, a onda de roustainguismo está passando. Mas, como existem ainda muitos volumes dessa obra em bibliotecas e livrarias, animamo-nos a fazer estas anotações.

23

O ROUSTAINGUISMO E SEUS PROBLEMAS

O confrade Astolfo Olegário sempre entendeu que a discussão em torno da obra *Os Quatro Evangelhos*, dada a lume pelo advogado J.-B. Rostaing, devia — e ainda deve — cingir-se exclusivamente aos seus aspectos doutrinários, ou seja, primeiro é preciso conhecer a obra para depois criticar ou defendê-la. Eis o motivo pelo qual, até este momento, jamais tratou do assunto, seja aqui, seja na tribuna.

Alguém, porém, o perguntou que problemas há na referida obra e — caso existam — por que a editora da Federação Espírita Brasileira (FEB) a divulga e tantos nomes ilustres em nosso meio a defendem.

Astolfo explicou que Os adeptos do chamado rostainguismo formam, de fato, um contingente numeroso. Pelo menos é o que informa Luciano dos Anjos em seu livro *Os Adeptos de Rostaing*, publicado em agosto de 1993 pela Associação Espírita Estudantes da Verdade, de Volta Redonda (RJ).

Respondendo à indagação inicial, disse que é fácil perceber na obra de Rostaing a existência de quatro pontos que a tornam incompatível com a Doutrina Espírita exposta nas obras de Kardec, Delanne, André Luiz e Emmanuel. Claro que, excetuados esses problemas, apresenta ela coisas atraentes, especialmente no que se refere à apresentação primorosa que a FEB lhe deu, um cuidado que jamais a editora teve com quaisquer outras obras.

24

OS QUATRO PONTOS A QUE REFERE SÃO ESTES:

I. A tese de que a encarnação não é obrigatória, nem mesmo necessária, e só se dá em caso de queda do Espírito. A evolução da criatura humana, após a passagem do princípio inteligente pelos reinos inferiores da criação, ocorreria, segundo Roustaing, em cidades espirituais nas quais o Espírito reveste tão-somente um corpo fluídico — o perispírito. Se o indivíduo apresentar nessa condição algum defeito a ser corrigido (vaidade, inveja etc.), aí sim, por castigo, terá de encarnar. A reencarnação seria uma consequência dessa primeira encarnação. O assunto é tratado no volume 1, pp. 317 e 321, no volume 3, p. 91, e no volume 4, p. 292, da 8ª edição, de agosto de 1994, publicada pela FEB.

II. Ao ter de encarnar, o Espírito fá-lo-á em um mundo primitivo, encarnando-se aí num corpo rudimentar que viverá, como os animais, do que encontrar no solo. “Não poderíamos compará-los melhor do que a criptógamos carnudos”, diz o livro em seu volume 1, p. 313. Um exemplo conhecido de criptógamo carnudo são as nossas lesmas. O livro de Roustaing está dizendo, portanto, que uma alma humana, depois de viver numa cidade espiritual, encarnará numa forma animal que nem mesmo chegou ao nível dos vertebrados, um ensinamento que reedita a doutrina da metempsicose, rejeitada formalmente pela Doutrina Espírita. O assunto é tratado ainda nas pp. 299 e 312 do volume citado.

III. A encarnação, que normalmente não é necessária, só se dá em caso de queda do Espírito, uma alusão à retrogradação da alma, que o Espiritismo não admite. Os motivos, diz a obra, são diversos e seus resultados, terríveis. “Qualquer que seja a causa da queda, orgulho, inveja ou ateísmo, os que caem, tornando-se por isso Espíritos de trevas, são precipitados nos tenebrosos lugares da encarnação humana, conforme ao grau de culpabilidade, nas condições impostas pela necessidade de expiar e progredir”, eis a lição transmitida na obra em seu volume 1, p. 311.

IV. Afirma Roustaing que Jesus não encarnou para vir à Terra trazer-nos a Boa Nova. Seu corpo teria sido fluídico. Ele fora, assim, um agênere, um Espírito materializado e desse modo se explicariam seu desaparecimento dos 12 aos 30 anos, período do qual ninguém fala, e o sumiço do corpo material nos dias seguintes à crucificação. O assunto é tratado nos quatro volumes da obra, constituindo um dos aspectos mais conhecidos da doutrina roustainguista e, por isso mesmo, o mais criticado.

Allan Kardec examinou em suas obras os quatro assuntos acima focalizados: a encarnação do Espírito como requisito indispensável à evolução espiritual e ao progresso dos planetas; a metempsicose, que rejeitou expressamente; o princípio da não-retrogradação da alma e a natureza corpórea do corpo de Jesus, ao qual dedicou os itens 64 a 67 do cap. XV de seu livro ***A Gênese***.

A conclusão que pode tirar, à vista do exposto, é uma só: os espíritas que apoiam a obra de Roustaing certamente não a leram; pelo menos é o que deve ter ocorrido com escritores importantes que a elogiaram em certa época e depois mudaram de ideia, como os saudosos confrades Carlos Imbassahy e Henrique Rodrigues.

25

OS ERROS METODOLÓGICOS DE ROUSTAING

O Confrade Leonardo Marmo Moreira demonstra que o benfeitor espiritual Erasto afirma em *O Livro dos Médiuns* que "É preferível rejeitar dez verdades a aceitar uma única mentira". Tal assertiva denota prudência e critério para a avaliação de qualquer conteúdo, mais notadamente os que são de origem mediúnica.

A discussão em torno dos pontos controvertidos da obra de Roustaing nos remete não só à avaliação da diferença de conteúdo doutrinário em relação à obra de Kardec mas igualmente à análise da metodologia empregada para a obtenção das mensagens mediúnicas que os dois autores utilizaram na compilação dos seus respectivos textos, pois, obviamente, os dois tópicos supracitados estão intrinsecamente relacionados.

A partir da leitura do prefácio de *Os Quatro Evangelhos* (foto) é possível constatar os seguintes pontos:

ROUSTAING SUPERESTIMOU A CREDIBILIDADE DOS TEXTOS BÍBLICOS.

À semelhança de católicos e protestantes, Roustaing considerou a Bíblia "a palavra de Deus" e tentou explicar absolutamente tudo, sem se dar conta de que muito do que está escrito pode não ter acontecido exatamente da maneira como está narrado nos textos bíblicos. Roustaing consciente ou inconscientemente elaborou uma espécie de Reforma, semelhante à Reforma protestante. Assim, a partir da superestimação da Bíblia, a sua fusão desta com os seus limitados conhecimentos espíritas seria uma temeridade.

Reparem que, ao contrário da codificação kardequiana que nasce como ciência, a proposta roustanguista já nasce como religião, pois se trata de uma nova interpretação da Bíblia a partir da velha tese da infalibilidade dos seus textos. Tanto isso é verdade que a própria estruturação da obra "Os Quatro Evangelhos" é baseada

nessa submissão aos textos bíblicos. Se a obra em questão foi realmente orientada pelos quatro evangelistas, assistidos pelos apóstolos, que foram as principais e mais preparadas testemunhas oculares dos fatos evangélicos, por que os apóstolos não contaram o que de fato aconteceu diretamente, ao invés de se basearem literalmente no que sobreviveu de registro na Bíblia e que, obviamente, sofreu com quase dois milênios de interpolações, adulterações, traduções grosseiras e outros problemas?!

Kardec, ao contrário, parte da análise do fenômeno mediúnico em um estudo criterioso sem nenhuma ideia preconcebida e, em princípio, não utilizando de maneira nenhuma a Bíblia como referencial. Aplicando o método experimental, através de análise qualitativo-quantitativa, por meio de vários médiuns previamente selecionados, busca a chamada "universalidade do ensino dos Espíritos", submetendo todos os autores espirituais ao mais crítico interrogatório e aplicando a mais rigorosa lógica na avaliação do conteúdo das mensagens.

Portanto, a codificação nasce como ciência, para gerar um corpo filosófico como consequência da verdade irrefutável da imortalidade da alma e da comunicabilidade dos Espíritos. E, finalmente, a filosofia espírita repercute nas inevitáveis consequências morais, que constituem o aspecto religioso do Espiritismo. Kardec jamais superestimou os textos evangélicos, o que é explícito tanto em "O Evangelho segundo o Espiritismo" como em "A Gênese". É por essa necessidade de nascimento como ciência e, subseqüentemente, como filosofia antes de se aprofundar o seu aspecto religioso, nesse maravilhoso tríplice aspecto, que o primeiro e principal livro espírita é a obra ***O Livro dos Espíritos*** e o segundo livro publicado, considerado por Kardec como a continuação do primeiro, é ***O Livro dos Médiuns***.

De fato, ao aplicar os princípios espíritas na elucidação dos pontos principais do Evangelho, toda a estrutura doutrinária já estava extremamente sólida, independentemente das inumeráveis controvérsias geradas pelas diferentes interpretações bíblicas. Portanto, o Espiritismo não é uma reforma, como a reforma Luterana, porque não nasce como uma releitura da Bíblia, mas como ciência através do estudo da mediunidade.

ROUSTAING "DECIDIU" QUE ERA NECESSÁRIA UMA NOVA REVELAÇÃO.

A partir da excessiva valorização dos textos evangélicos, Roustaing diz "...senti a impotência da razão humana para penetrar as trevas da letra e, desde então, a necessidade de uma revelação nova, de uma revelação da revelação". Note que, a partir de uma premissa equivocada, o próprio Roustaing decidiu que era necessária uma nova revelação, porque, segundo ele mesmo explica no prefácio de

sua obra, a codificação explicava muito bem os aspectos morais e doutrinários da Bíblia, mas, em sua opinião, não explicava a figura de Jesus. Ora, decidir sobre a necessidade de uma nova revelação não era tarefa para ele, e nem para nenhum de nós, mas sim trabalho da Providência Divina.

Roustaing poderia elaborar o seu trabalho mas daí a defini-lo, aprioristicamente, como a "revelação da revelação" foi um exagero. De fato, essa expressão "revelação da revelação" é repetida exaustivamente tanto no prefácio como na introdução e é quase sempre acompanhada pela expressão "revelação nova", em um esforço evidente para situar a obra realmente como uma revelação divina. Com efeito, na folha de rosto de *Os Quatro Evangelhos* Roustaing define sua obra como sendo "Revelação da Revelação" ou "Espiritismo Cristão", o que poderia sugerir que "há vários tipos de espiritismo" ou, até mesmo, que a Codificação não seria uma obra cristã.

Se Roustaing pretendia que sua obra fosse considerada espírita, tendo mesmo enviado uma cópia para a análise de Kardec, conforme registrado na Revista Espírita, essa definição poderia ser considerada uma invigilância do advogado de Bordeaux.

A título de ilustração vale lembrar que da primeira revelação, personificada em Moisés, até a segunda, personificada em Jesus, foram aproximadamente 2 milênios e de Jesus até a codificação mais 18 séculos. Desta forma, seria muito estranho uma suposta quarta revelação começar a ser elaborada concomitantemente com a terceira revelação, já que a codificação do Espiritismo só seria concluída em 1868 com a publicação de *A Gênese*, bem depois, portanto, do trabalho de Roustaing, que iniciou a confecção de sua obra em 1861 para publicá-la em 1866.

Na mensagem intitulada "Meu Sucessor", em *Obras Póstumas*, Kardec indaga sobre o continuador da obra, em função de já se apresentar com a saúde comprometida, e os Espíritos respondem que não era o momento de que o sucessor aparecesse, pois era necessário que a Codificação ficasse acentuadamente centralizada nas mãos dele, Kardec, para que a obra básica tivesse alta homogeneidade. Segundo o professor J. Herculano Pires, o sucessor em questão se trata de Léon Denis, que ainda era muito moço nessa época. Portanto, nenhuma menção a Roustaing ou a qualquer outro trabalho concomitante à codificação, o que é bastante sugestivo para uma obra que se intitula a "revelação da revelação".

A IGREJA CATÓLICA NAS ANÁLISES DAS OBRAS DE ROUSTAING E KARDEC.

No terceiro tomo da obra *Os Quatro Evangelhos* (p. 65) os autores ensinam

que o futuro espiritual da humanidade estará focalizado na Igreja Católica e no Papa. Eles afirmam o seguinte: "O chefe da Igreja católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se universal, como sendo a Igreja do Cristo, o chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de humildade, cingido de uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante...".

Esse comentário estranhíssimo, para dizer o mínimo, entra claramente em choque com a opinião dos Espíritos que orientavam Allan Kardec.

Para citar apenas uma única fonte, basta ler as mensagens registradas em **Obras Póstumas** intituladas "Futuro do Espiritismo" e "A Igreja". Na primeira o autor espiritual assevera "...cabe-nos retificar os erros da história e apurar a religião do Cristo, transformada, nas mãos dos padres, em comércio e em vil tráfico. Instituirá (o Espiritismo) a verdadeira religião, a religião natural, a que parte do coração e vai diretamente a Deus, sem dependência das obras da sotaina ou dos degraus do altar".

Na segunda mensagem citada é comentado que "Chegou a hora em que a Igreja deve prestar contas do depósito que lhe foi confiado; do modo como praticou os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, da incredulidade, enfim, a que arrastou os homens". E mais à frente o autor é ainda mais incisivo quanto ao futuro da Igreja estabelecendo que "Deus a julgou e reconheceu-a imprópria, de hoje em diante, para a missão do progresso, que incumbe a toda autoridade espiritual". Ainda sobre a Igreja Católica e o futuro da humanidade o Espírito d' E... afirma que a Igreja "acha-se nesta alternativa: ou se transforma e suicida-se, ou fica estacionária e sucumbe esmagada pelo carro do progresso". Como se não bastasse, o autor ainda é mais peremptório asseverando que "a doutrina espírita é chamada a ferir de morte o papado..." e conclui seu artigo com a seguinte frase "A Igreja atira-se, por si mesma, ao precipício".

Essa gigantesca incoerência faz-nos questionar o motivo que levaria o mundo espiritual superior a enviar à Crosta uma terceira e uma quarta revelações se o futuro espiritual da Terra seria guiado pela representante do seu passado, que é a Igreja, com a sua trajetória dominadora, ritualística, inquisidora e obscurantista.

Para que Espiritismo como terceira revelação se a Doutrina Espírita discrepa profundamente da Igreja Católica em inumeráveis pontos?

Por outro lado, as perguntas mais simples e objetivas que surgem são as seguintes: Espíritos de mesma intenção e evolução (supostamente evoluídos intelecto e moralmente) poderiam ensinar conceitos tão discordantes um do outro?! E Roustaing não teria avaliado criticamente o conteúdo da mensagem e suspeitado dessa informação?!

AO CONTRÁRIO DE KARDEC, ROUSTAING UTILIZA UMA ÚNICA MÉDIUM

Roustaing se isolou com a médium Émilie Collignon, evitando o intercâmbio com trabalhadores mais experientes que poderiam elaborar críticas aos textos e indagações mais exigentes e contundentes aos Espíritos orientadores da obra. Roustaing afirma "Mero instrumento, cumpro um dever executando tal ordem, entregando à publicidade esta obra...". Roustaing se mostra muito submisso e passivo em relação aos Espíritos que orientam a obra, o que pode ser facilmente constatado em várias passagens do prefácio da sua obra.

Aparentemente, Roustaing não eliminou nenhum texto, o que explicaria a grande extensão de sua obra de mais de 2.000 páginas em um prazo relativamente curto para um trabalho efetuado com uma única médium. Essa atitude é bem diferente da postura altamente crítica do Codificador. Vale lembrar que médiuns psicógrafos de conhecida credibilidade como Chico Xavier, Divaldo Franco e Raul Teixeira afirmam que "queimaram malas de mensagens" no início de suas tarefas, pois eram apenas exercícios mediúnicos, sem qualidade suficiente para publicar. O próprio Allan Kardec, registra mensagens que ele considerou não condizentes com as assinaturas, mostrando que até mesmo ele estava sujeito às chamadas mistificações. O ponto-chave é que ele identificou essas mensagens como oriundas de Espíritos mistificadores e ainda as aproveitou como recurso didático.

Roustaing não avaliou a potencialidade mediúnic e o conteúdo moral de Madame Collignon

Roustaing assevera no prefácio de sua obra: "O trabalho ia ser feito por dois entes que, oito dias atrás, não se conheciam". Está evidente que Roustaing não avaliou o nível moral de Émilie Collignon e nem sua capacidade mediúnic, pois não a conhecia e em um intervalo de 8 dias começou a obra sem um maior planejamento ou avaliação da viabilidade e dos perigos da empreitada. O critério da avaliação moral do médium é fundamental pois pela sintonia o médium convive predominantemente com os Espíritos que correspondem à sua elevação espiritual.

Emmanuel, em sua obra ***Roteiro***, é categórico, estabelecendo que "não existe bom médium sem homem bom". Todo dirigente de reuniões mediúnicas conhece minimamente a complexidade do fenômeno mediúnic e os riscos que procedimento semelhante à atitude de Roustaing pode acarretar.

ROUSTAING EVOCOU SOMENTE APÓSTOLOS E O PRECURSOR JOÃO BATISTA

A assertiva conhecida no meio espírita de que "o telefone toca de lá para cá" não foi respeitada por Roustaing. Vale consultar a contundente desaprovação do procedimento de evocação nominal direta, enunciada pelo benfeitor Emmanuel na Questão 369 da obra *O Consolador*. Realmente, há riscos óbvios de Espíritos embusteiros usarem nomes de grandes Espíritos para se fazerem mais respeitáveis e aceitos. Por outro lado, quanto mais evoluído é o Espírito, maior número de grandes responsabilidades ele tem no mundo espiritual, que acabam limitando sua capacidade de atender pessoalmente a todas as evocações, principalmente aquelas oriundas de pessoas pouco moralizadas e responsáveis.

São João Evangelista seria coautor tanto da obra de Kardec como da obra de Roustaing?!

São João Evangelista é coautor da codificação, sendo citado até mesmo nos Prolegômenos de *O Livro dos Espíritos*. Entretanto, supostamente, ele também seria coautor da obra *Os Quatro Evangelhos* tanto pela sua condição de Evangelista como também pela sua condição de Apóstolo, tendo sido, inclusive, um dos mais participativos e próximos a Jesus em todo o Evangelho.

Assim sendo, como é que as obras em questão teriam pontos tão divergentes como, por exemplo, a questão da reencarnação, que para a Codificação é necessidade e para *Os Quatro Evangelhos* é castigo e o problema da metempsicose, rejeitada peremptoriamente pela Codificação e admitida pela obra de Roustaing? Essa questão da identidade dos autores merece ser analisada com cuidado pois as obras em questão não tratam de opiniões pessoais de Espíritos, mas de Leis Universais e, ademais, sendo os autores, em princípio, da mais elevada evolução, eles não poderiam divergir tão intensamente em pontos capitais dos ensinamentos.

São João Evangelista não poderia ensinar algo em um lugar e outra coisa em outro, a não ser que em um desses lugares não fosse ele, mas alguém que se fizesse passar por ele, utilizando seu nome, algo bem comum em mediunidade, quando os cuidados fundamentais para a prática segura de tal intercâmbio não são considerados. Admitindo-se tal possibilidade, a credibilidade das informações contidas na obra em questão estaria comprometida.

EM SUMA

Roustaing demonstrou desconhecer as problemáticas da mediunidade, o que

é facilmente explicável haja vista a pressa que ele demonstrou no estudo prévio das obras de Allan Kardec. O próprio Roustaing afirma no prefácio de *Os Quatro Evangelhos* que leu ***O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns*** e um número enorme de obras sobre questões correlatas ao Espiritismo a partir de janeiro de 1861, o mesmo ano que ele começou a elaboração de *Os Quatro Evangelhos*.

Antes disso, ele nem sabia que é possível a comunicação com os Espíritos. Certamente, essas leituras foram superficiais, tendo-se em vista a profundidade do conteúdo das mesmas e o número de obras lidas em um intervalo de tempo reduzidíssimo. Ademais, ler é uma coisa, ao passo que estudar e assimilar é outra completamente diferente, principalmente em se tratando de um assunto com tamanhas nuances e problemas como é a mediunidade.

Desta forma, entende-se por que Allan Kardec considerou a obra *Os Quatro Evangelhos* apenas como opinião pessoal dos seus autores espirituais não podendo ser considerada como parte integrante da Doutrina Espírita, conforme exarado na ***Revista Espírita***. Afinal, *a priori*, "é preferível rejeitar dez verdades a aceitar uma única mentira". "Na dúvida, abstém-te", nos ensina ***O Evangelho segundo Espiritismo*** e a obra de Roustaing apresenta várias dúvidas, incoerências e especulações sem comprovações científicas que não estão em coerência com o pensamento kardequiano.

26

OS QUATRO EVANGELHOS DE ROUSTAING

O confrade Paulo da Silva Neto Sobrinho esquadriou o seguinte sobre Roustaing: Recentemente acabamos de ler o livro *Êxodo*, ditado pelo Espírito Cecília, através da médium Irene Pacheco Machado, que trata especificamente do livro Êxodo constante da Bíblia.

Nele encontramos a afirmação da autora espiritual de que Moisés foi posteriormente as personalidades Elias e João Batista. Até então, não tínhamos nenhuma informação sobre isso e nem nos estudos que fizemos, desde 1987, quando ingressamos no Movimento Espírita, nos lembramos de ter lido algo parecido. Assim, no interesse de conhecer a verdade, pedimos explicações ao Editor, que, muito gentilmente, nos respondeu:

“Com relação ao fato de Moisés e Elias terem aparecido no episódio da transfiguração, apesar de serem o mesmo Espírito, transcreveremos trecho da obra *Os Quatro Evangelhos*, editada pela Federação Espírita Brasileira, Casa Mater do Espiritismo em nosso País, merecedora, portanto, de todo crédito”:

“Moisés, Elias e João sempre foram o mesmo Espírito reencarnado, mas não a mesma personalidade humana, a mesma individualidade terrena. Assim é que, no Tabor, quando da transfiguração de Jesus, um Espírito superior, da mesma elevação que Elias e João, tomou a figura, a aparência de Moisés. Tais substituições se dão quando necessárias — por espíritos da mesma ordem”. (Volume 2, pág. 498).

27

A ESSE RESPEITO, ESCLARECE KARDEC

À medida que os Espíritos se purificam e elevam na hierarquia, os caracteres distintivos de suas personalidades se apagam, de certo modo, na uniformidade da perfeição; nem por isso, entretanto, conservam eles menos suas individualidades. É o que se dá com os Espíritos superiores e os Espíritos puros. Nessa culminância, o nome que tiveram na Terra, em uma das mil existências corporais efêmeras por que passaram, é coisa absolutamente insignificante. (...) O mesmo ocorre todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há presunção de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu.(...).

A questão da identidade é, pois, como dissemos, quase indiferente, quando se trata de instruções gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se mutuamente, sem maiores consequências.

O Livro dos Médiuns, Allan Kardec - item 256

Tudo leva a crer que o Editor está coberto de razão que, por sinal, fez pertinentes colocações baseadas em *O Livro dos Médiuns*, sobre a hipótese do Espírito Elias, na ocasião da transfiguração, ter sido substituído por outro Espírito que assumiu, vamos dizer assim, a aparência dele. Deixaremos para um pouco mais à frente a análise desse ponto.

Parecia que a questão estava resolvida, mas alguma coisa nos dizia que deveríamos ver a opinião de Kardec sobre a obra do advogado Jean-Baptiste Roustaing. Pelo que deduzimos, Kardec teve muito mais bom senso do que a FEB - Federação Espírita Brasileira, já que não aprovou e nem desaprovou (sem isso querer dizer que ele tenha ficado em cima do muro) *Os Quatro Evangelhos*, sugerindo que tudo fosse passado pelo Controle Universal do Ensino dos Espíritos, coisa que, obviamente, somente no futuro poderia ocorrer.

Em janeiro de 1868, data posterior ao lançamento da obra em questão, o Codificador lança o livro *A Gênese*, no qual podemos ver que, num certo ponto, Kardec defende, sem nenhuma sombra de dúvida, que Jesus teve um corpo físico comum a todos nós, habitantes do planeta Terra.

Em *A Gênese*, no capítulo XV, “Os milagres do Evangelho”, encontramos, no item 2, o seguinte parágrafo:

Como homem, tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual, do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível. A sua superioridade com relação aos homens não derivava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava de modo absoluto a matéria e da do seu perispírito, tirado da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres (cap. XIV, nº 9). Sua alma, provavelmente, não se achava presa ao corpo, senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e superior de muito à que de ordinário possuem os homens comuns. (...). (KARDE C, 2007e, p. 354-355, grifo nosso).

Veja bem, caro leitor, que, já de início, Kardec não usa de meias palavras para expor seu pensamento de que Jesus, “como homem, tinha a organização dos seres carnis”. Ora, a tese levantada por Roustaing é a de que Jesus possuía, não um corpo carnal, mas um corpo fluídico, o que é, inevitavelmente, contrário àquilo que disse o Codificador do Espiritismo.

Mais à frente, quando Kardec fala sobre o desaparecimento do corpo de Jesus, ele detalha melhor seu pensamento que, para nós, teve um destinatário certo, qual seja, a obra de Roustaing, especialmente a partir do segundo parágrafo do item 64:

O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.

Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma espécie de agêner. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.

É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos agêneres. (Cap. XIV, nº 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.

A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida.⁴⁵

Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas

⁴⁵ Não falamos do mistério da encarnação, do qual não temos que nos ocupar aqui, e que será examinado ulteriormente.

Nota da Editora: Kardec, em vida, não pôde cumprir esta promessa, visto que, no ano seguinte, ao dar publicação a esta obra, foi chamado à Pátria E espiritual.(KARDEC, 2007e, p. 400-403).

diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo.

Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

Continua, Kardec:

Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação.

Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.⁴⁶

⁴⁶ Nota da Editora: Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que

E arremata categórico:

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência. (KARDEC, 2007 e, p. 403).

Portanto, não dá para conciliar a obra *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing, com o que Kardec desenvolve na codificação da Doutrina Espírita, especialmente no que diz respeito do corpo de Jesus. E chamamos a atenção para o fato de que o livro *A Gênese* foi lançado depois da obra de Roustaing.

Talvez a maioria dos espíritas nem saiba, mas Kardec fez uma análise dessa obra. Vamos encontrá-la na *Revista Espírita*, relativa ao mês de junho de 1866, que vale a pena colocarmos neste estudo, para que tenhamos um esclarecimento maior do assunto.

Passaremos, então, a palavra a Kardec, no texto intitulado “Os Evangelhos Explicados” – Pelo Sr. Roustaing, onde ele comenta os recém-lançados livros:

Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com ajuda de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerado, e que tem, para os Espíritas, o mérito de não estar, sobre nenhum ponto, em contradição com a doutrina ensinada por *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns*. As partes correspondentes àquelas que tratamos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* o são num sentido análogo.

De resto, como nos limitamos às máximas morais que, quase sem exceção, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de diversas maneiras; também foram o assunto de controvérsias religiosas. Foi por esta razão que começamos por ali a fim de ser aceito sem contestação, esperando para o resto que a opinião geral estivesse mais familiarizada com a ideia espírita.

O autor desta nova obra acreditou dever seguir um outro caminho; em lugar de proceder por graduação, quis alcançar o objetivo de um golpe. Tratou, por certas questões que não julgamos oportuno abordar ainda, e das quais, conseqüentemente, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que os comentaram. Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa caminhada sobre o desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, às suas teorias, nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o cuidado de sancioná-las ou de contradizê-las.

Convém, pois, considerar essas explicações como opiniões pessoais aos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, e que, em todos os casos, têm necessidade da sanção do controle universal, e até mais ampla confirmação não poderiam ser consideradas como partes integrantes da Doutrina Espírita.

Quando tratarmos essas questões, o faremos sem cerimônia; mas é que, então, teremos recolhido os documentos bastante numerosos, nos ensinados dados de todos os lados pelos Espíritos, para poder falar afirmativamente e ter a certeza de estar de acordo com a maioria; é assim que fazemos todas as vezes que se trata de formular um princípio capital.

foram registradas por Lucas (24:39): — “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.”(KARDEC, 2007e, p. 403, grifo do original).

Nós os dissemos cem vezes, para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica, para as coisas que não podemos controlar por nossos próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como uma verdade absoluta, se, mais tarde, ela devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?

Dissemos que o livro do S r. Roustaing não se afasta dos princípios de O Livro dos Espíritos e o dos Médiuns; nossas observações levam, pois, sobre aplicação desses mesmos princípios à interpretação de certos fatos. É assim, por exemplo, que dá ao Cristo, em lugar de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, tendo todas as aparências da materialidade, e dele faz uma agênera.

Aos olhos dos homens que não teriam podido compreender, então, sua natureza espiritual, teve que passar EM APARÊNCIA, essa palavra é incessantemente repetida em todo o curso da obra, para todas as vicissitudes da Humanidade. Assim se explicaria o mistério de seu nascimento: Maria não teria tido senão as aparências da gravidez. Este ponto, colocado por premissa e pedra angular, é a base sobre a qual se apoia para explicação de todos os fatos extraordinários ou miraculosos da vida de Jesus.

Sem dúvida, não há aí nada de materialmente impossível para quem conhece as propriedades do envoltório perispiritual; sem nos pronunciar pró ou contra essa teoria diremos que ela é ao menos hipotética, e que, se um dia ela fosse reconhecida errada, a base sendo falsa, o edifício desmoronaria. Esperamos, pois os numerosos comentários que ela não deixará de provocar da parte dos Espíritos, e que contribuirão para elucidar a questão. Sem prejudgá-la, diremos que já foram feitas objeções sérias a essa teoria, e que, na nossa opinião, os fatos podem perfeitamente se explicar sem sair das condições da Humanidade corpórea.

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelos Espíritos sérios.

Se o fundo de um livro é o principal, a forma não é de se desdenhar, e entra também por alguma coisa no sucesso. Achamos que certas partes são desenvolvidas muito longamente, sem proveito para a clareza. Na nossa opinião, se, limitando-se ao estrito necessário, ter-se-ia podido reduzir a obra em dois, ou mesmo em um único volume, teria ganhado em popularidade. (KARDEC, 1993i, p. 190-192, grifo nosso).

Podemos muito bem perceber que Kardec, embora não condene de todo a obra de Roustaing, deixa aberto para o futuro o julgamento. Porém, quanto à questão do corpo fluídico, não deixa de dar sua opinião de que não sancionava essa hipótese, também não deixa de falar da falta de clareza e de objetividade da obra.

Diz, de forma bastante clara, que a obra de Roustaing, por falta de uma confirmação mais ampla, não poderia ser considerada como parte integrante da Doutrina Espírita.

Pensamos que pelo fato da FEB ter editado *Os Quatro Evangelhos* dá a nítida impressão de que a aprova, mesmo ela tendo pontos contrários à Doutrina, o que é lamentável por tratar-se de um órgão instituído para coordenar O Movimento Espírita que, acima de tudo, deveria estar sintonizado com o pensamento do codificador.

Julgamos que a FEB, através de seus dirigentes, deveria dar um esclarecimento objetivo a respeito disso, explicando doutrinariamente por que publica essa obra. Como cabe a ela defender-se, passamos a palavra a FEB, para que, por dever de ofício, se pronuncie a respeito e esclareça qual é realmente a sua posição ante *Os Quatro Evangelhos*, para que não leve as pessoas a pensarem erroneamente a respeito dos pontos, claramente, antidoutrinários que nela se advoga, considerando o que sugere Kardec:

Estas observações, subordinadas à sanção do futuro, não diminui nada a importância dessa obra que, ao lado das coisas duvidosas do nosso ponto de vista, delas encerra, incontestavelmente, boas e verdadeiras, e será consultada proveitosamente pelos Espíritos sérios. (KARDEC, 1993i, p. 192, grifo nosso).

Não podemos deixar de lembrar que se a obra de Roustaing é a “Revelação da Revelação”, então, toda a obra de Kardec fica em posição inferior, o que, obviamente, não faz sentido, porquanto, dois fatos nos chamam a atenção; o primeiro é que os Espíritos Superiores informaram a Kardec que ele voltaria em breve, ou seja, reencarnaria, para completar sua obra, portanto a previsão é que de o próprio Kardec completaria a sua obra, e o segundo é que se João Evangelista aparece entre os Espíritos envolvidos com a codificação espírita, por que motivo ele não avisou a Kardec que para o complemento do “edifício” seria utilizada uma outra pessoa, no caso o Sr. Roustaing?

Hoje, particularmente, possuímos informações que nos faz ter sérias reservas contra *Os quatro Evangelhos*; uma delas, a que mais sobressai, é afirmação de Roustaing que:

(...) O apóstolo Mateus, Marcos, discípulo do apóstolo Pedro, Lucas, discípulo do apóstolo Paulo, e o apóstolo João, que se haviam encarnado em missão para esse propósito, já tinham escrito os Evangelhos, sob a influência e inspiração dos Espíritos do Senhor (...). (ROUSTAING, 1999, p. 84, grifo nosso).

Os evangelistas eram, sem o saberem, médiuns historiadores inspirados, (...). (ROUSTAING, 1999, p. 127, grifo nosso.)

Ora, estudiosos e críticos bíblicos da atualidade nos informam que os nomes constantes nos títulos dos Evangelhos — Mateus, Marcos, Lucas e João — não designam seus autores ((2)), portanto, não condiz com o que se afirma nas obras de Roustaing. Especificamente, no caso de João Evangelista, suposto autor do quarto Evangelho, é informado, em Atos dos Apóstolos, que tanto ele quanto Simão Pedro eram “homens iletrados e incultos” (At 4,13).

Mas, voltando ao nosso assunto inicial sobre Moisés ter sido Elias e posteriormente João Batista, como ainda não houve o “controle universal”, proposto

por Kardec, e por não ter como se considerar como parte integrante da Doutrina Espírita, preferimos ficar somente com o fato de João Batista ter sido Elias, já que, além de ser uma afirmativa de Jesus, foi dito também por vários outros Espíritos.

Agora, vamos analisar a questão da aparição de Moisés e Elias a Jesus, no monte Tabor. Na narrativa de Mateus (17,1-9) está dito que eles conversavam com Jesus, e Lucas (9, 28-36), detalha dizendo que o assunto era sobre a partida de Jesus que se realizaria em Jerusalém. Colocando tudo isso sob um raciocínio lógico e, no pressuposto de que um desses Espíritos esteja substituindo um outro, realmente não compreendemos, pois, segundo está sendo dito, Moisés e Elias são a mesma individualidade; então qual a razão de um Espírito aparecer junto com outro qualquer que lhe toma a aparência, já que, no fundo, ambas aparições estão a representar uma mesma pessoa? Se eles fossem realmente um, deveria, por força da lógica, haver somente a aparição de um só Espírito, uma vez que o próprio interessando já estava pessoalmente lá.

E mais: não há como afastarmos, nem um milímetro, do pensamento de Kardec, quando ele diz: “para nós a opinião de um Espírito, qualquer que seja o nome que traga, não tem senão o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma rigorosa lógica”. (KARDEC, 1993i, p. 191, grifo nosso). Acreditamos que isso também deve ser aplicado para opinião de qualquer espírita ou entidade representativa do Movimento Espírita.

28

MEXEU COM "UM" MEXEU COM
TODOS? UMA REFLEXÃO PRÓ-KARDEC

Certa feita expedi para alguns consagrados escritores espíritas uma atraente “NOTA” assinada por Evandro Noletto e publicada na revista *Reformador*, fazendo alusão à Superioridade da natureza de Jesus conforme contido no Cap. 15 do livro *A Gênese*.

Passados alguns dias o tema provocou alguns retornos interessantes dos consagrados escritores. Mas, mexeu com a cachola de um roustanguista intransigente atual frequentador da FEB.

29

OBSERVEMOS COMO FORAM AS CONFABULAÇÕES:

Jorge Hessen escreveu:

Novos tempos na FEB? Amigos, li o texto conforme link abaixo e adorei, todavia tenho certeza que os roustanguistas febeanos não devem ter deglutido. Vide o texto do Evandro Noletto, editor de *Reformador*, que teve lucidez e coragem para consignar a NOTA abaixo do artigo “Superioridade da natureza de Jesus” transcrito aqui.

Recomendamos a leitura da tal nota (aqui transcrita) assinada pelo editor. link da FEB <http://www.souleitorespirita.com.br/reformador/noticias/superioridade-da-natureza-de-jesus/>

30

SUPERIORIDADE DA
NATUREZA DE JESUS

Os fatos relatados no Evangelho e que foram até agora considerados miraculosos pertencem, na sua maioria, à ordem dos *fenômenos psíquicos*, isto é, os que têm como causa primeira as faculdades e os atributos da alma. Confrontando-os com os que ficaram descritos e explicados no capítulo anterior, reconhecer-se-á sem dificuldade que há entre eles identidade de causa e de efeito. A História registra outros fatos análogos, em todos os tempos e no seio de todos os povos, pela razão de que, desde que há almas encarnadas e desencarnadas, os mesmos efeitos forçosamente se produziram. Pode-se, é verdade, no que se refere a esse ponto contestar a veracidade da História; mas hoje eles se produzem sob os nossos olhos e, por assim dizer, à vontade e por indivíduos que nada têm de excepcionais. Basta o fato da reprodução de um fenômeno, em condições idênticas, para provar que ele é possível e se acha submetido a uma lei, não sendo, portanto, miraculoso.

O princípio dos fenômenos psíquicos repousa, como já vimos, nas propriedades do fluido perispírico, que constitui o agente magnético; nas manifestações da vida espiritual durante a vida corpórea e depois da morte; e, finalmente, no estado constitutivo dos Espíritos e no papel que eles desempenham como força ativa da natureza. Conhecidos estes elementos e comprovados os seus efeitos, tem-se, como consequência, de admitir a possibilidade de certos fatos que eram rejeitados enquanto se lhes atribuía uma origem sobrenatural.

Sem nada prejulgar sobre a natureza do Cristo, cujo exame não entra no quadro desta obra, e não o considerando, por hipótese, senão como um Espírito Superior, não podemos deixar de reconhecê-lo como um dos Espíritos de ordem mais elevada e, por suas virtudes, colocado muitíssimo acima da humanidade terrestre. Pelos imensos resultados que produziu, a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente confia a seus mensageiros diretos, para cumprimento de seus desígnios. Mesmo sem supor que Ele fosse o próprio Deus, mas um enviado de Deus para transmitir sua palavra aos homens, seria mais que um profeta, porquanto seria um Messias Divino.

Como homem, tinha a organização dos seres carnis, mas como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corpórea, de cujas fraquezas não era passível. *A superioridade de Jesus com relação aos homens não resultava das qualidades particulares do seu corpo, mas das do seu Espírito, que dominava a matéria de modo absoluto, e da do seu perispírito, haurido da parte mais quintessenciada dos fluidos terrestres.* Sua alma não devia achar-se presa ao corpo senão pelos laços estritamente indispensáveis. Constantemente desprendida, ela decerto lhe dava dupla vista, não só permanente, como de excepcional penetração e muito superior à que comumente possuem os homens comuns. O mesmo havia de dar-se nele com relação a todos os fenômenos que dependem dos fluidos perispíricos ou psíquicos. A qualidade desses fluidos lhe conferia

imensa força magnética, secundada pelo desejo incessante de fazer o bem.

Agiria como médium nas curas que operava? Poder-se-á considerá-lo poderoso médium curador? Não, visto que o médium é um intermediário, um instrumento de que se servem os Espíritos desencarnados. Ora, o Cristo não precisava de assistência, pois que era Ele quem assistia os outros. Agia por si mesmo, em virtude do seu poder pessoal, como, em certos casos, o podem fazer os encarnados, na medida de suas forças. Que Espírito, aliás, ousaria insuflar-lhe seus próprios pensamentos e encarregá-lo de os transmitir? Se porventura Ele recebia algum influxo estranho, esse só de Deus poderia vir. Segundo a definição dada por um Espírito, Ele era médium. de Deus.⁴⁷

⁴⁷ Kardec, Allan. **A gênese**. Trad. Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. 1. imp. Brasília: FEB, 2013. cap. 15, its. 1 e 2.

31

NOTA DO EDITOR

No livro **Obras póstumas**, o Codificador discorre sobre interessante capítulo acerca da natureza do Cristo, matéria que tem sido debatida exaustivamente desde os primórdios do Cristianismo, sem, contudo, ter sido resolvida em definitivo pelas religiões cristãs até os nossos dias.

Segundo Allan Kardec, foi a divergência das opiniões sobre este ponto que deu origem à maioria das seitas em que se fragmentou a Igreja, visto que os chefes de cada uma delas, embora homens de talento, esclarecidos e versados na ciência teológica, apoiavam suas opiniões mais em abstrações do que em fatos, recorrendo aos dogmas na expectativa de descobrir o que continham de plausível ou de irracional quanto à natureza de Jesus e sobre outros pontos.

Teriam tido mais sucesso se houvessem recorrido às palavras do próprio Mestre, recolhidas pelos evangelistas e publicadas após a sua passagem na Terra. De fato, quem melhor do que o Cristo de Deus para discorrer sobre a sua própria natureza? Como nenhum historiador profano contemporâneo falou a respeito dele, a única fonte confiável para se chegar ao âmago da questão é buscar a letra e o espírito da Boa-Nova. Por isso os autores sacros, ainda de acordo com Allan Kardec, nada mais conseguiram do que girar dentro do mesmo círculo, dar a sua apreciação pessoal, deduzir consequências de acordo com o seu ponto de vista pessoal, comentar sob novas formas e com maior ou menor brilhantismo o amontoado caótico de opiniões contraditórias.

Dentre tantos pontos que a exegese vem explorando, nada tem suscitado mais paixão do que o referente à divindade do Cristo. Seria Jesus o próprio Deus? Os milagres provariam a sua divindade? Como interpretar certas passagens contidas no Evangelho, que supostamente atestariam a ideia de que Jesus e o Pai são expressões de um mesmo Ser divino, coeternos e incriados, iguais em bondade, sabedoria, onisciência, onipotência e justiça em graus superlativos?

Decerto, não foram as palavras de Jesus que autorizaram os teólogos a legislar sobre a sua pretensa divindade, considerando se que em várias passagens da Boa-Nova Ele protesta de forma veemente contra tal aberração. O fato é que, após vinte séculos de lutas e disputas vãs, durante os quais foi posta inteiramente de lado a parte mais

essencial da mensagem de Jesus — o ensino moral — a única que podia garantir a paz para a Humanidade, as criaturas se acham cansadas dessas discussões estéreis, que só perturbação e incredulidade têm gerado, sem que de modo algum tenham satisfeito à razão.

Em favor da união que deve reinar entre os espíritas, deixemos de vez as abstrações que nos dividem, buscando em Allan Kardec a segura orientação, a bússola inviolável que nos fará chegar sem atropelos ao porto seguro. E sobre a natureza de Jesus, objeto desta matéria tão fascinante, como acerca de tantos outros pontos que mereceram a judiciosa apreciação do Codificador da Doutrina Espírita, jamais titubeemos: permaneçamos com ele!

Jesus

Alberto de Oliveira (Espírito)

Quanta vez, neste mundo, em rumo escuro e incerto,
 O homem vive a tatear na treva em que se cria!
 Em torno, tudo é vão, sobre a estrada sombria,
 No pavor de esperar a angústia que vem perto!...
 Entre as vascas da morte, o peito exangue e aberto,
 Desgraçado viajor rebelado ao seu guia,
 Desespera, soluça, anseia e balbucia
 A suprema oração da dor do seu deserto.

Nessa grande amargura, a alma pobre, entre escombros,
 Sente o Mestre do Amor que lhe mostra nos ombros
 A grandeza da cruz que ilumina e socorre;
 Do mundo é a escuridão, que sepulta a quimera...
 E no escuro bulcão só Jesus persevera,
 Como a luz imortal do amor que nunca morre.

32

REPERCUSSÃO

J. S. escreveu:

*Amigo Jorge Hessen; Desculpe-me a demora na análise deste e-mail, mas é que estive muito atarefado, e você melhor do que eu, compreende o que desejo dizer, pois suas atividades são ainda maiores que as minhas. Mas vamos à questão em pauta, pois esta é realmente muito interessante. Trata-se de um confrade esclarecido o Sr. Evandro Noletto, editor de o **Reformador**, que ilhado por Roustanguistas, não se permitiu contaminar, e escreveu um texto muito bom, lógico e racional, sobre a superioridade da natureza de Jesus.*

E como sabemos, os adeptos de Roustaing, na FEB são a maioria, e não devem ter ficado nem um pouco satisfeitos; acredito até que o Evandro seja punido, senão exonerado mesmo. Corajosamente o editor de o reformador, desmistifica o que nos é apresentado em Os Quatro Evangelhos de Roustaing, pois nestes somos informados de que Jesus não viveu na terra revestido de um corpo de matéria, era um agêneres, constituído de um corpo fluídico.

Esta mistificação de Roustaing transforma Jesus no espírito mais mistificador que teríamos conhecido, pois fingiu sofrer com as chicotas, depois fingiu viver uma dor angustiante ao ser pregado na cruz, e mais, mistificou ao derramar sangue no momento da crucificação; pelo que podemos entender um corpo fluídico, não tem em sua constituição o plasma sanguíneo.

Não vou descrever outros misticismos que estão inseridos nos quatro evangelhos de Roustaing, pois já é do conhecimento da maioria, e tornar-se-ia redundante, mas eu fico a me perguntar; será que o Ilmo. Presidente Jorge Godinho, acredita mesmo nesse misticismo grasso que é o Roustanguismo, ou ele se submete tão somente para manter-se no cargo?

Eu desejaria muito que ele me respondesse para que pudéssemos polemizar essa mística absurda que a FEB vem tentando a mais de um século inserir na doutrina espírita, mas infelizmente nosso amigo querido não tem tido disposição para encarar essa empreitada. Jorge Hessen estou enviando meus pensamentos aqui inseridos, também para o Jorge Godinho, pois do contrário seria falar dele, sem que ele soubesse

do que eu estou dizendo a seu respeito, e isso seria uma atitude indigna de minha parte.

Amigo querido, será que um dia o amigo Jorge Godinho vai se dispor a trocarmos ideias a respeito. desse misticismo insustentável de Roustang? Vamos aguardar.

Um forte abraço meu amigão. J. S.

33

O ARTICULISTA E DISCÍPULO DE
ROUSTAING J. LEITE, FREQUENTADOR
DA FEB, MANIFESTOU-SE
“OFICIOSAMENTE” NOS SEGUINTE
TERMOS ABAIXO:

Caro J.S., amigos E.K. e A.O. e a quem mais possa interessar.

Não incluí o Jorge Hessen porque não está nos meus contatos de E-mail e, quando tentei incluí-lo li uma observação de que eu "não estava nos seus contatos, teria que ter autorização para incluí-lo", etc. Lamento, pois, não o contatar diretamente, uma vez que o cito abaixo, embora o não conheça pessoalmente e, sim, principalmente pelos ataques sistemáticos que faz à Federação Espírita Brasileira, a quem sempre critica como "roustanguista".

Quanta bobagem dita por pessoas muito cultas, mas pouco sábias quanto atacam a Federação Espírita Brasileira (FEB) com a pecha de roustanguista e, quando não é por isso, sempre têm algo a criticá-la. Por que não frequentam a FEB, durante um ou dois anos, antes de criticar o chamado roustanguismo da Instituição venerável?

Vão lá, de domingo a domingo. Assistam às aulas da FEB, às explanações de segunda a sexta-feira, às aulas do ESDE e do EADE, compareçam às palestras de terças, sextas e domingos, e vejam se ali é, ao menos citado Roustaing, exceção a eventual citação na reunião pública de terça-feira, ainda assim raramente, quando se evita os assuntos controversos, para depois fazer suas críticas.

Repito: apenas num dia da semana as obras de Roustaing são estudadas, mas evitando-se sempre a polêmica e buscando a consonância dos ensinamentos morais do Cristo ali existentes com os que o Cristo pregou e Kardec comentou, sistematizou e praticou sem polemizar com ninguém. Coisa que falta a muita gente, inconformada por não ter acesso ao poder espiritual que imaginam ter direito, embora jamais tenham exercitado a tolerância e a fraternidade entre seus próprios confrades espíritas.

Jamais se impõe na FEB as obras de Roustaing, e digo isso como quem

frequenta essa Casa há quase quarenta anos. Muito menos se pode dizer que a maioria dos seus dirigentes é roustanguista, menos ainda seus colaboradores. Vão lá, se me consideram mentiroso e roustanguista.

Vejam com seus próprios olhos. Façam mais, visitem o Lar Frederico Fígner, voltado à prática da autêntica caridade, na 910 Norte, em Brasília, ou o Núcleo Espírita Guillon Ribeiro, aos sábados, no período matutino, em Santo Antônio do Descoberto, GO, instituições mantidas pela Federação. Vejam, pessoalmente, em todas as atividades desses núcleos, se a obra de Roustaing ao menos é citada, em qualquer dia da semana. Façam mais, dediquem-se à Instituição Febeana por algumas décadas, como colaboradores em atividades diversas (explanação, monitoração, distribuição de cestas básicas, recepção e acolhimento fraterno, estudo das obras básicas de Allan Kardec, revisões de suas obras, análises de obras propostas para publicação etc. etc. etc.)

Já está na hora de dar um basta aos ataques à FEB e a qualquer instituição espírita, para o bem da Doutrina Espírita. Que é isso? Somos ou não somos espíritas? Se o somos, não nos cabe incentivar a divisão e sim, buscar a união, assumirmos nossa condição de Espíritas cristãos.

Minha família, assim como eu, fomos evangelizados na FEB, e isso nos tem sido motivo de orgulho familiar. Ali, durante mais de trinta anos, proferi palestras e fui monitor do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) e do Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita (EADE). Raríssimas vezes, ao longo desses 37 anos em que lá estou, ouvi falar-se sobre Roustaing, que li na juventude e conheço, por também ter lido, a opinião de Kardec sobre a obra Os quatro evangelhos, atribuídos a Roustaing que, na realidade, não foi psicografada por ele e que, inclusive, é citada por Allan Kardec como obra complementar em seu livro intitulado O espiritismo na sua expressão mais simples.

Não pleiteio e nunca pleiteei cargo na FEB, meu único objetivo é atender o que o Cristo recomendou: "Meus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem". Se ainda não consegui minha transformação moral, como exigir a do meu próximo? Meu objetivo não é e nunca foi a promoção pessoal e sim, aprender e servir sempre, com "Deus, Cristo e caridade" como lema, sem ataque a qualquer instituição espírita e esforçando-me em tratar com urbanidade e respeito meu próximo, seja ele quem for.

Nunca vi Jorge Hessen na sede da Federação Espírita em Brasília e, se ele ali já esteve, nunca nos encontramos. Se ofendi algum de vocês, perdoem-me, não voltarei ao assunto, mas não é desse modo que estaremos trabalhando pela difusão do Espiritismo no Brasil e no mundo. Também não é isso o que Kardec e Jesus esperam de nós. O que Jesus nos pede é que, assim como Ele, sejamos os mais humildes servidores de todos, sem qualquer prurido pelo poder, seja ele material ou espiritual.

"Fraternalmente",

J. Leite

A partir dessa “explosão geniosa” e não reprimida do articulista roustanguista J. Leite, os renomados escritores arrostaram a suscitação, com racionalidade e bom senso conforme podemos observar abaixo:

J.S. escreveu-me:

Jorge Hessen, meu amigo querido;

Eu vou responder, pois esperava ansioso uma oportunidade destas, falando ao J. Leite, estarei a falar a todos os roustanguistas da FEB, e alguns espalhados pretendendo confundir-se como espíritas.

Vou começar um repto respeitoso, atento ao amor, mas amando muito mais o espiritismo, do que a mim próprio, descerei do pedestal de minhas ilusões, e ciente de que eles não têm argumentos lógicos, vou proporcionar-lhes uma oportunidade de perlangar, mas no final os informarei de que eles não fizeram outra coisa que não perlangar.

Amigão, não me respondeu o Jorge Godinho, mas um fã da ideologia deste. Vou aguardar um pouco mais, para receber os pareceres do EK, JP, RC e do AO, pois se eles apresentarem algo, eu apenas corroboro e sequencio as palavras deles, senão eu início, e sabe Deus quando é que isto vai acabar, mas não tenho pressa, pois a eternidade me pertence meu amigo.

Um abraço amigo querido

J. S.

J.A. escreveu-me:

Bom dia amigos, peço que inclua dois companheiros amigos que confiamos e que pensam como nós em seu seletto grupo de amigos que recebem os e-mails A.S. e V.A. aproveito e envio link de um texto de V.A. que postamos para análise dos amigos:

Abraços J.A.

R.C. Escreveu para J.S.

Amigo querido.

Meu nome não foi citado pelo J. Leite, porque sou um "ilustre" desconhecido e isto me honra deveras, porque ser criticado pelo dito cujo seria uma honra inenarrável porquanto só o fato do cidadão dizer que a FEB, UMA VEZ POR SEMANA, estuda Roustaing, prova indiscutível e insofismavelmente que a entidade não pode ser a Casa madrastra do Espiritismo, uma vez que fora de Kardec existe apenas espiritualismo. Kardec é o Codificador da Doutrina dos Espíritos que se contém no Pentateuco vindo à luz desde França até o restante do Mundo, naquela união inquebrantável do Mestre de Lion com a plêiade do Espírito da Verdade.

Não te apoquentes meu amigo e irmão querido. Digladiar com quem ignora a

Verdade preferindo as mazelas dos encantamentos dos desequilíbrios seria o mesmo que se transformar em Don Quixote para esgrimir contra moinhos de ventos. Siga a ponderação de Jorge Hessen e aja como os beduínos no deserto que não ouvem os ladrões enquanto a caravana passa.

Abração. R.K.

Irmãos W. escreveu para J. Leite:

Caro amigo,

Saudações Kardequianas...

O Espiritismo no Brasil está sendo atacado por uma horda de obras e de médiuns mistificadores, que, com o conluio com plano espiritual inferior, buscam mudar os ensinamentos de Kardec. Enquanto isto, a FEB, ao menos 1 dia da semana se dedica ao estudo da obra de Roustaing????!! Já li as obras Os Quatro evangelhos. Nada soma ao Espiritismo; para mim nada representa, somente um cego; não nota esta mistificação...

Pelas minhas pesquisas, Roustaing e a sua médium, dentro do Espiritismo em suas várias fases históricas, antes de chegar ao Brasil, provocou a desunião do seio do mundo espírita; e ainda provoca. Busquemos a união, mais em Cristo/Kardec. Este é o único caminho.

Vamos fazer um grito de união contra a publicação de obras de Roustaing que está no prelo. Veja amigo, J. Leite, o que pode acontecer: o mesmo quando o Espiritismo morreu na França de Kardec. Veja que as forças da destruição estão presentes dentro do Movimento Espírita Brasileiro:

Link:

<https://www.youtube.com/watch?v=zpr6sEOqwsY&list=PLbBAXq8ij9EyQ4cHCMjhY0cNp5pzhHlcl&index=1&t=117s>

A luta segue!

W.

R.C. escreveu: J.S. e demais amigos

Li a mensagem do W. para o J. Leite que você postou.

Gostaria que você passasse para o W que felizmente as Casas Espíritas do interior, vivem e vivificam a obra kardecista em sua plenitude, respeito, acatamento e consideração. Que ele pode ficar tranquilo que Roustaing e a FEB rustenista vão dançar antes do fim deste século. Nossos jovens não se sentem acomodados na perlenga, estudando Kardec com afinco e dedicação, têm demonstrado um conhecimento doutrinário que muita gente antiga sequer passa perto.

Nossa casa é exemplo aqui em.... com os jovens dando verdadeiros shows de conhecimento doutrinário, mais puro e verdadeiro e sempre com Kardec. Usamos aqui a metodologia socrática da Maiêutica que demonstra insofismavelmente que todos têm algum conhecimento de tudo, por mais ignorante que seja. E partindo de um

conhecimento mínimo, discutimos todos, de igual para igual, até concluirmos todos os ângulos de qualquer questão doutrinária que se nos apresente.

Há uma sequiosidade para se chegar à pureza doutrinária, jamais tergiversando com os implantes e outras questões do achismo como sói acontecer com aqueles que se enveredam pelas sendas rustenistas e ou outras baboseiras pelas quais o "crente de araque" quer se introduzir para aparecer. O resultado do estudo através da Maiêutica é fantástico. Na nossa Casa as palestras praticamente não existem, pois tudo se transforma numa discussão tranquila em que todos apresentam seu entendimento enriquecendo o aprendizado de todos.

A FEB, ora a FEB já era. Não manda mais nada. É só um grupelho de fascinados que não se dá conta de que se encontram na contramão da Doutrina, guiados pelos espíritos que os submete aos piores vexames diante da Espiritualidade Maior. Lamentavelmente.

*Estou enviando este e-mail, também para o Hessen, para o E. K. para o J.P.
Abração. R.C.*

J.S. escreveu: Amigo irmão W;

Fico muito feliz com a sua disposição e clareza lógica como você vê o movimento roustanguista tentando se inserir na doutrina espírita. E ainda mais feliz por você compreender o trabalho maravilhoso do Hessen, pois ele é um amigo que tem dedicado sua vida ao movimento espírita. Amigo tenho enviado cartas ao Godinho, tentando um diálogo com o mesmo, mas infelizmente tem sido em vão, iria refutar o J. Leite, mas aconselhado por meus amigos, inclusive pelo Hessen, acabei declinando e não o fiz. Pela lógica que você apresenta, sei que não necessitava de mim, caso o amigo J. Leite queira polemizar, mas se precisar estou a seu dispor.

Você já vem recebendo meus e-mails através do Site Espírita, mas vou inserir seu e-mail pessoal.

*Um abraço do mais fundo do meu coração
S,*

V.A. escreveu para o grupo de meus amigos:

*Caros,
Bom dia!*

Agradeço, desde já, fazer parte deste grupo e de suas reflexões. Ao manifestar-me, procurarei sempre, com respeito, fazê-lo no campo das ideias, trazendo reflexões e comentários sem o propósito de alcançar quem quer que seja (mesmo quando estiver falando de algum posto de destaque). Assim como acolher, analisar e refletir nas críticas decorrentes de nossos comentários

No que diz respeito ao comentário do J. Leite, não pairam dúvidas quanto às

atividades que existem na sede da Federação, assim como a fraternidade com que todos são acolhidos e tratados. Comenta o confrade que, nas dependências da Federação, não se estuda, salvo an passant, as obras de Roustaing.

Entretanto, ainda que seja de forma breve, tais ideias e teorias místicas, são difundidas. Só esse fato já seria tão comprometedor quanto as terapias psicológicas, místicas e outras que temos acompanhado na tribuna espírita. Mas, o mais grave, não é a limitada propagação nas dependências da Federação e sim, sua publicação, por intermédio de diversos livros que utilizam do pensamento de Roustaing como base. Livros adulterados, como Brasil Coração do Mundo e outras obras renitentes no pensamento roustainguista, se somadas, já fizeram muito barulho no movimento espírita.

Talvez, já que falo em gravidade, mais grave ainda do que as edições dessas obras, seja a ausência da Federação em cumprir seu papel como entidade federativa. As atividades doutrinárias em suas dependências, deveriam funcionar como laboratório. Assim nasceu o ESDE, e mais recentemente, o NEPE (que, já morreu). Porém, esse laboratório de estudos, métodos e ferramentas didáticas deveria ter nas Federativas, extensões atuantes. O que se vê? Absolutamente nada. Nada por incompetência da Federação e por falta de proatividade de suas federadas, salvo honradas e diminutas exceções (que na atualidade, encontram-se adormecidas).

A Federação pode até ter atividades fraternas em suas dependências, mas age de forma equivocada, como se fosse um “grande centro espírita”. Não é esse o seu papel. E, naquilo que é o seu papel, ela tem deixado muito a desejar. Está ausente.

Creio que está na hora de dar um basta é na existência de uma Federação que não age como tal, que não tem vivência do que seja um sistema federativo e de sua importância para a propagação e coesão das ideias doutrinárias, respeitando o projeto 1868 e o seu estabelecimento central.

Quando assim me pronuncio, não o faço com o objetivo de “detratar” a Federação. É uma crítica dura, sem dúvida, subjetiva, quer dizer, fruto do meu entendimento e visão do sistema, que pode ser utilizada de forma fraterna, como uma contribuição, ou ser tomada como um desrespeito e aí verem um “inimigo” onde, na realidade, existe apenas um pensamento crítico.

Tenho pessoas muito queridas ao meu coração no movimento de Unificação. Grandes amigos que um dia abrilhantaram essas discussões, mas, por forças políticas, de correntes que não Unem e nem muito menos Unificam, se afastaram.

Não sou contra a Federação. Sou contra sua omissão a pretexto da fraternidade. Sou contra sua conivência diante do que é mais “fácil” executar. Sou contra sua forma oportunista de agir, sou contra sua negligência em Unificar e jogar na lama do descaso ilustres espíritas que por lá porfiaram e que iniciaram suas atividades nas Casas Espíritas.

Fraterno abraço em todos. V. A.

Jorge Hessen escreveu:

V. A.,

Muita paz!

Suas expressões de lógica "indignação" são análogos aos avançados laudos de ressonância magnética. Embrenha-se nas mais intensas regiões e identifica as materializadas metástases doutrinárias provenientes da "cúria candanga" da L2 Norte de Brasília, ou melhor, do centrão espírita "FEB". Reflexão Irretocável!

Parafraseando o antigo pensador espírita: "O Espiritismo caminhará com a FEB, sem a FEB e apesar da FEB e demais federativas..."

V. A. escreveu-me: Caro Hessen,

Paz a todos nós!

A metáfora é perfeita! O tratamento é agressivo e pode deixar sequelas, porém, precisa ser feito o quanto antes, sob pena de sucumbir. O momento exige profundas transformações, que passam pela queda de cláusulas pétreas estapafúrdias, até uma união vigorosa por meio de um diálogo intenso com o movimento espírita, convidando a todos para suas contribuições a benefício da própria propagação doutrinária.

Obrigado!!!

Fraterno abraço! V.A.

R.C. escreveu: Amigo e irmão.

Fico feliz de saber-te contrário às incursões rustenistas nas hostes do Espiritismo. Minhas relações doutrinárias com Hessen, E.K, J.P., J.S. tem-me trazido honra inenarrável, pela capacidade de discernimento de cada um deles no que tange ao Espiritismo. Nasci espírita sob a orientação direta de José Herculano Pires, "o melhor metro que mediu Kardec", mas, devo a estes nossos irmãos o desenvolvimento necessário para jamais tergiversar com a Doutrina Espírita que veio através do Espírito da Verdade diretamente ditado para Rivail.

Herculano, por sua vez, jamais comungou qualquer heresia e principalmente a trazida pela FEB desde que o Movimento Espírita foi dominado pelas trevas que reinam na "sede". Ao revés foi criticado e severamente combatido pelos defensores de Roustaing e da Santa Madre Igreja e seguidores do alfarrábio Os Quatro Evangelhos.

Data a máxima vênia, Espiritismo fora do Pentateuco pode ser, quando muito e com excesso de boa vontade do verdadeiro crente, espiritualismo e nada mais. Ademais, a história já provou e comprovou que a obra rustenista foi ditada por 4 pseudoevangelistas, facciosos e, não fora a incúria de nossos infelizes dirigentes febeanos, desde muito já teria desaparecido. Mas, sem bola de cristal, sem achismos,

podes te fiar que em menos de 50 anos Roustaing e sua claque febeana terão desaparecido, porque a Doutrina advinda do Espírito da Verdade através de Kardec, cobrirá todas as heresias e fantasias que infelizmente ainda infestam o Movimento.

Estou remetendo cópias para os amigos de sempre, inclusive para o meu cunhado.

Leia Kardec, sinta Kardec, viva Kardec que jamais te encontrarás só.

Abraço.

R. C.

J.P. escreveu.

Prezado Irmão, J. Leite,

Conheço, de algum tempo, nosso irmão Jorge Hessen, pessoa estudiosa, que não tem preconceito contra ninguém. Se ele não o incluiu em seus contatos é porque talvez esperasse uma concordância sua. Nada além disso.

Realmente ele, como eu, não concorda, em absoluto, com a postura roustainguista da FEB, que tem agido, veladamente ou não, na defesa dessa obra que tem raízes profundas no clericalismo, além de assumir posições abertamente contrárias à Doutrina Espírita.

Mando-lhe análise que fiz, acompanhada de oito páginas da edição de 1942, que foram suprimidas na de 1971, por conterem ataques de Roustaing a Kardec. Só isso prova a parcialidade de julgamento das sucessivas Presidências da FEB.

Enviei esse material, que ora lhe mando, ao atual Presidente da FEB, que nada me respondeu.

Fui informado que nova edição estava para ser lançada em fins de 2015. Mais tarde, na própria sede da FEB, disseram-me que uma nova edição estava pronta e que seria lançada em outubro de 2016. Estive mais tarde na sede da FEB e nada me informaram. Espero, que para o bem do Movimento Espírita Brasileiro, esse adiamento não tenha fim.

Abraço fraternal

J. P.

34

EIS ROUSTAINING OFENDENDO
ALLAN KARDEC

DO CARACTER E DA IMPORTANCIA

DA

REVELAÇÃO DA REVELAÇÃO

COMO ABRIDORA DA FASE TEOLOGICA

Sua oportunidade "manifesta
e incontestavel"

— — —

Resposta ao artigo de Allan Kardec

(*Revista*, de Junho de 1867).

— — —

Os Quatro Evangelhos, explicados em espirito e em verdade pelos Evangelistas com a assistência dos apóstolos e de Moisés, têm a pretensão de concorrer para o apaziguamento do moderno conflito entre a ciência e a religião, explicando racionalmente o que é a **incarnação do Cristo** na terra, de modo acorde com a ciência e que afasta a eterna questão do milagre por obra do Espírito-Santo.

Em 1861, J. B. Roustaing foi espontaneamente escolhido para começar a obra teologica, cuja fase importante lhe coube abrir (mas que não encerra; ele diz abrir, não esqueçamos esta palavra), pondo em ordem as revelações recebidas a partir do mês de Dezembro de 1861 até ao de Maio de 1865. Em 1866 publicou os tres volumes dos Quatro Evangelhos e ofereceu um exemplar a Allan Kardec, que, na sua *Revista*, em Junho de 1867, apreciou a obra pela maneira seguinte:

"Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Os Evangelhos explicados pelo Sr. Roustaing

“Esta obra compreende a explicação e a interpretação dos Evangelhos, artigo por artigo, com o auxílio de comunicações ditadas pelos Espíritos. É um trabalho considerável e que tem, para os espiritas, o mérito de não estar em contradição, por qualquer de seus pontos, com a doutrina ensinada no Livro dos Espíritos e no dos Médiums. As partes correspondentes às de que tratámos no Evangelho segundo o Espiritismo o são num sentido analogo. Aliás, como nos circunscrevemos ás máximas morais que, com raras excepções, são geralmente claras, elas não poderiam ser interpretadas de maneiras diversas; por isso mesmo jamais fizeram objeto das controvérsias religiosas. Essa a razão que nos levou a começar por aí, afim de sermos aceito sem contestação, aguardando, relativamente ao mais, que a opinião geral se encontrasse familiarizada com a idéia espirita.

“O autor desta nova obra julgou dever seguir outra orientação: em lugar de proceder gradativamente, quiz de um salto atingir o fim. Assim é que tratou de certas questões que ainda não julgáramos oportuno considerar e á respeito das quais, portanto, lhe deixamos a responsabilidade, assim como aos Espíritos que as comentaram. Consequente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, não daremos, até nova ordem, a essas teorias, nem aprovação, nem desaprovção, confiando ao tempo o encargo de as sancionar ou contraditar. Convém, pois, considerar tais explicações como opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas, que, em todo caso, precisam da sanção da apreciação universal e, até confirmação mais ampla, não devem ser tidas como parte integrante da doutrina espirita.

“Quando explanarmos estas questões, fa-lo-emos terminantemente. E’ que então teremos colleccionado documentos bastante numerosos, nos ensinados dados de todas as partes pelos Espiritos, de modo a podermos falar afirmativamente, certo de estarmos acorde com a maioria. Assim procedemos sempre que se cogitou de formular um principio capital. Já o dissemos cem vezes: para nós, a opinião de um Espirito, qualquer que seja o nome com que se apresente, só tem o valor de uma opinião individual; o nosso criterium reside na concordancia universal, corroborada por uma rigorosa logica, no tocante áquilo que não possamos verificar pelos nossos proprios olhos. De que serviria darmos prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, ela pode vir a ser combatida pela generalidade dos Espiritos?”

“Dissemos acima que o Livro do Sr. Roustaing não se afasta dos principios exarados no Livro dos Espiritos e no dos Mediums; as nossas observações, por conseguinte, entendem com a applicação desses mesmos principios á interpretação de certos factos. E’ assim, por exemplo, que aquelle livro dá ao Cristo, em vez de um corpo carnal, um corpo fluídico concretizado, com todas as apparencias da materialidade e dele faz um agêner. Aos olhos dos homens, que então não lhe teriam podido comprehender a natureza espiritual, ele teve que passar, na apparencia, palavra esta que incessantemente se repete no curso inteiro da obra, por todas as vicissitudes da humanidade. Desse modo se explicaria o misterio do seu nascimento: Maria não teria tido mais do que as apparencias da gravidez. Este ponto, estabelecido como premissa e pedra angular, é a base em que o autor assenta a explicação de todos os factos extraordinarios ou milagrosos da vida de Jesus.

“Nada ha nisso, sem dúvida, de materialmente impossivel para quem conhece as propriedades do

envoltorio perispiritual. Sem nos pronunciarmos pró ou contra esta teoria, diremos que ela é, pelo menos, hipotética e que, se um dia, por erronea, viesse a ser reconhecida, o edificio desmoronaria á falta de alicerce. Esperaremos, pois, os largos comentarios que ela não deixará de provocar da parte dos Espiritos e que hão de contribuir para elucidar a questão. Sem a prejudicarmos, adiantaremos que a essa teoria já foram feitas objeções sérias e que, a nosso ver, os factos podem perfeitamente ser explicados sem que se saia da humanidade corporal.

“Estas observações, subordinadas á sanção do futuro, em nada diminuem a importancia da obra que, de par com algumas coisas duvidosas, segundo o nosso ponto de vista, outras contém incontestavelmente boas e verdadeiras e será consultada com proveito pelos espiritas conscienciosos.

“Se a substancia de um livro constitue o principal, a forma não é de desprezar-se e tambem concorre para o seu exito. Achamos que certas partes do trabalho do Sr. Roustaing são excessivamente desenvolvidas e sem utilidade para a clareza. No nosso parecer, se, limitando-se ao estritamente necessario, houvera reduzido a obra a dois ou mesmo a um só volume, ela ganhara em popularidade. — Allan Kardec.”

Em Junho de 1867, já estavamos longe do ano de 1861, epoca em que Allan Kardec dizia, á pagina 123 do Livro dos Mediums: “Não preconizamos, nem criticamos obra alguma, por não querermos de nenhum modo influenciar a opinião que dela se possa formar; trazendo nossa pedra para o edificio, colocamo-nos nas fileiras. Não nos pertence ser juiz e parte e não alimentamos a ridicula pretensão de ser o unico distribuidor da luz; toca ao leitor separar o bom de máu, o verdadeiro do falso.”!!

Tres vezes imprimimos esta linguagem de ouro para bem a conservarmos de memoria.

Aplicando o nosso metodo de critica ao artigo de Junho de 1887, ai vamos encontrar tudo o que apresentamos á consideração dos leitores, a proposito da introdução do Evangelho segundo o Espiritismo. Tudo lá está: o fundo, a forma, o ostracismo, a infalibilidade. E' a applicação do sistema preconcebido a uma obra á que se faz desde logo o mais belo enterro de primeira classe que se pudera desejar.

Na França, em geral, pouco se lê. Os espiritas, habituados, na sua maioria, a aceitar tudo, disseram: O chefe, o mestre certamente applicou a sua contraprova universal aos tres volumes de J. B. Rostaing. Não podemos por conseguinte comprar nem ler uma obra inutil.

Máu grado ao prudente e judicioso emprego que Allan Kardec fazia do seu criterium infalivel (nosso caso o prova), estamos certos de que esse criterium carecia de exatidão. Disse-o por escrito o Sr. d'Ambel, que foi seu secretario e seu medium preferido. E o Sr. Canu, secretario das sessões da Sociedade, homem honesto, natureza franca, não querendo aceitar a responsabilidade do que sabia ser assim, procedeu do mesmo modo, bem como outros espiritos livres, que os imitaram (1).

O que ele chamava a contraprova universal, corroborada por uma rigorosa logica, lhe pregava dessas partidas. Não sómente estava em des-

(1) ALLAN KARDEC não era esclarecido de modo seguro pelo seu criterium e em muitos casos de-
vêra invoca-lo para o ser eficazmente, o que não fez a proposito da Liga do Ensino. Lemos na Revista Espirita suas respostas um pouco autoritarias ás propostas que lhe dirigiu JEAN MACE, presidente e creador dessa Liga, respostas nas quais ele recusava porremptoriamente occupar-se com uma "questão-cuja

acordo com a ciencia moderna, como ainda teria passado por fundas decepções, se vivera bastante para ver provado por R. Wallace, Hare, Varley, Crookes, Webert, Zöllner, etc., que um Espirito, sem ser um agênere, pode tomar um corpo fluídico, concretizado, tangível e no qual se observam a circulação do sangue e todas as apparencias da vida; que esse corpo fluídico se desagrega tão depressa quanto se concretiza, exatamente como o fez durante tres anos o Espirito **Katie King**, enviado secundario, que desempenhava, no seu dizer, uma dolorosa missão, necessaria ao seu adiantamento espiritual.

Allan Kardec, nas suas conversações e nos seus escritos, manifestava a pretensão de acoimar de **Docetismo** (doutrina erronea, falsa e condenada) tudo o que tendesse a provar que o Cristo teve apenas um corpo fluídico durante a sua permanencia na terra. Os **Quatro Evangelhos** de J.

utilidade não via". Toda gente hoje conhece a alta importancia dessa *Liga*.

Seu *criterium* devêra te-lo advertido de que, sob o patronato da *Liga do Ensino*, se fundaram em França mais de seis mil bibliotecas populares, o que houvera dado milhões de leitores ás obras espiritas. Em 1864 o mestre proferiu o seu *non possumus*.

Por efeito das suas idéias preconcebidas, rejeitava os argumentos e as communicações espiritas que, antes de Darwin, afirmavam a verdade da *descendencia do homem*, bem como a selecção e a evolução das especies, afastando assim da sua Sociedade os pensadores.

ALLAN KARDEC não gostava das manifestações fisicas. Com ele aprenderam seus adeptos a lhes ter um santo horror. Pretendia que o corpo de um espirito não podia ser senão *uma apparencia fluídica* e que a nossa mão *nenhuma resistencia experimentaria* tocando a aparição. O que algures fosse feito sobre esse assunto interessante era atirado para a categoria das balelas yankees.

Póde-se ter um *criterium* universal e não saber tudo, nem tudo prever.

D. Roustainig eram diretamente objetivados por essa apreciação.

Nó jornal "La Vérité", Philalète falara de **Docetismo**. Allan Kardec se apoderou desta expressão para applica-la á nossa obra.

Vamos responder a essa pretensão, a essa insinuação que, se não é intencional, prova que o autor do sistema preconcebido não conhecia a doutrina dos Docetas, pois que a considerava semelhante á nossa.

A revelação feita pelos Espiritos Superiores, tendo em vista a obra dos Quatro Evangelhos explicados em espirito e verdade, está de conformidade com as modernas descobertas da ciencia, com todas as asserções dos investigadores que vimos de citar. Allan Kardec ignorava esse facto ou o conhecia superficialmente, assim como não sabia bem o que era o Docetismo.

Esse accouto constituiu a maior preocupação da nossa vida.

Refutaremos a asserção do Sr. Allan Kardec e salientaremos os erros que pululam na correspondencia trocada a tal respeito pelos Srs. de Mirville e Philalète (A. Pezzani, do jornal "La Vérité", Lyon).

Philalète escrevia ao Sr. de Mirville: "Aqui está um escritor espirita que acolhe, de accordo com Espiritos que pretendem ser os ães Apostolos, o Docetismo, isto é, a velha opinião segundo a qual o Cristo não desceu em carne e osso a este mundo, não tendo o seu corpo mais do que as apparencias de um corpo material. Seguir-se-á dai devamos dizer, como vós, que profetisais, no quarto volume da obra que publicastes, o resurgimento do Docetismo, que os Espiritos, autores daquelles ditados, são demónios? Em tal caso perguntaremos: como esses demónios hão podido escrever, de par com semelhante erro, paginas de mais sublime moral, os mais empolgantes comentarios sobre os preceitos evangelicos? Para o triunfo

de um ponto de doutrina, quasi insignificante, iriam eles expor-se a converter os homens e a inspirar o bem? Ora, como Deus nos julga mais pelos nossos atos do que pelas nossas opiniões de boa fé, claro é que o proprio Satanaz houvera conquistado almas para o Céu.

“São Espíritos que, imbuidos desta opinião, a qual, ainda em nossos dias, conta alguns raros aderentes, a quizeram sustentar e fazer triunfar, atraindo seus irmãos para o bem, mediante, excellentes conselhos morais.”

Este artigo do Sr. Philalétès, que se achava sob o imperio da preocupação, que o dominava, de um argumento contra o Demonismo do Sr. de Mirville, foi escrito sem que o autor conhecesse o homem a quem designa por estas palavras: “um escritor espirita”. Sem haver até então lido e meditado suficientemente sobre a obra de J. B. Roustaing, Philalétès lhe atribue, bem como aos Apostolos, o contrario do que estes revelaram. Ele desconhecia o caracter e o alcance dessa revelação.

O escritor espirita sabia, muito antes de ter sido eleito para crear os Quatro Evangelhos, que o Docetismo é um erro velho, colocado por Matter á frente de todas as herezias, segundo a linguagem catolica.

Fôra um ato absurdo de incredulidade e de ignorancia, elevadas á mais alta potencia, aceitar o Docetismo como sendo a Revelação da revelação feita pelos Evangelistas e pelos Apostolos, á guisa de explicação dos Quatro Evangelhos em espirito e verdade e tambem da encarnação do Cristo.

Matematicamente vamos provar á evidencia o que avançamos:

1.º — Precisaremos o que constitue o Docetismo, antiga opinião, erro que surgiu no primeiro seculo da nossa era e que, no segundo, tomou o caracter e as proporções de uma seita, cujo chefe

Jorge Hessen escreveu:

Estimado professor J. P.

Grato pelo carinho de sempre e pelas intensas circunspecções. Suas inteligências doutrinárias são ajuizadas, tranquilas, cordatas, fraternais e adequadas. Em nome do Cristo, muito obrigado! Ah! o "J. Leite", autor da "epístola virtual" citando-me é do time dos confessadamente roustanguistas e não sairá nunca da hipnose doutrinária (ainda mesmo que supostamente eliminando o que ele distingue trechos polêmicos das louvações roustanistas das terças febeana).

O grupo roustanguista febeano é composto pelo Presidente, Vice Presidente e seu poderoso irmão, do Secretário Geral e outros influentes cardeais todos invariavelmente apaixonados pelas obras de Roustaing (conheço a ideologia de todos eles). Enfim, prossigamos em paz e não podemos mais olhar para trás senão tropeçamos e nesta altura do campeonato, cair na área poderá ser marcado o pênalti

pelo Juiz Supremo. (risos)

Forte abraço, amigão

Jorge

E.K. escreveu; Amigos e irmãos em Jesus: paz!

O e-mail do J. Leite, dirigido ao J.S., ao A.O. e a mim, citando Jorge Hessen é uma peça rara.

Comento-a só agora, chegando a poucas horas de, onde, Graças a DEUS, passei alguns dias, com minha esposa. Sem computador. Pelo meu telefone celular, mais ou menos capaz, só recebo e-mails. Daí que “parece” que demorei a me manifestar. Faço-o agora.

Preocupe-me assaz com o e-mail do J. Leite.

Provém de um membro super atuante na FEB. De rara cultura. E sendo da FEB, implicitamente aceita e acata Kardec, mas ao que tudo indica inclina-se paralelamente a aceitar Roustaing. Como muitos outros companheiros que militam na FEB.

Digo que é peça rara porque, ao que saiba, é por primeira vez que alguém com tal cadastro informa que a FEB estuda semanalmente Roustaing.

E diz mais: que em 37 anos de frequência assídua não viu propaganda pró Roustaing. Não bastasse, faz comovente e sincera ode às atividades assistenciais da FEB, nelas incluindo-se vasto repertório de estudos doutrinários, o que me leva a fazer uma continha infantil: semanalmente, 6 dias de Kardec e 1 de Roustaing.

Pinço uma frase inicial no e-mail do J. Leite, após ele citar Jorge Hessen:

Quanta bobagem dita por pessoas muito cultas, mas pouco sábias quanto (sic) atacam a Federação Espírita Brasileira (FEB) com a pecha de roustanguista e, quando não é por isso, sempre têm algo a criticá-la.

Não sou advogado de ninguém, mas não me calo diante dessa frase infeliz. Jorge Hessen é um baluarte, exemplar e mestre da divulgação espírita. Tenho subida honra de tê-lo como amigo, sentimento que se irmana à grande admiração do fôlego que ele desenvolve pró a Codificação.

E indo além: J.S., amigo igualmente querido, é outro servo de Jesus, a serviço do Espiritismo.

J. Leite ignora o e-mail do Hessen, daí que deduzo que o seu sinaliza que não vem exclusivamente dele e sim com aval da FEB. Se estiver enganado, releve-me, mas, a ser verdade, constitui contrafação “coletiva” febeana ao Hessen, pelos artigos em que expõe à FEB (obviamente aos dirigentes dela) como o roustanguismo é prejudicial à essência da Codificação. Nada mais. Simples assim.

Pensar que Hessen e J.S. de alguma forma agridem à abençoada instituição espiritual que é a FEB é reduzir por demais os termos que usam.

Sou amigo também do J. Leite, desde que há dois anos recebi de um amigo uma

crônica dele, “machadiana”, com moldura kardequiana.

Recebi diversos e-mails dele e enviei-lhe outros tantos. Navegamos na fraternidade. Espero que esse laço não se rompa.

Se minha saúde possibilitasse iria a Brasília e daria um jeito dos dois se conhecerem.

No fundo, no fundo, são duas pessoas especiais. Ambos de grande cultura, espíritas dos mais estudiosos, sinceros, fraternais.

Pensando em Jesus e ambos conversando, “olho no olho”, em menos de meia hora os dois desatariam esses nós (seculares, aliás).

Erraria quem dissesse que a dissensão criada a partir de Roustaing alcançou apenas ao Hessen. Não! Penso que muito maior número de pensadores como o Hessen, dentre os quais me incluo intransigentemente, envolveram-se nela e discordam de que seja proveitoso à doutrina dos Espíritos estudar a obra de Roustaing.

Sou dos que nada, absolutamente nada têm contra quem quiser estudar Roustaing. É-lhes direito inviolável.

O que discordo tacitamente é que Roustaing tenha assento nos estudos da FEB, a ponto disso lá ser considerado “cláusula pétrea”.

Concluindo este e-mail, reproduzo dois admiráveis parágrafos do e-mail original do J. Leite (penso exatamente como ele) que “os tempos são chegados...”.

“Já está na hora de dar um basta aos ataques à FEB e a qualquer instituição espírita, para o bem da Doutrina Espírita.

Que é isso? Somos ou não somos espíritas? Se o somos, não nos cabe incentivar a divisão e sim, buscar a união, assumirmos nossa condição de Espíritas cristãos”

Jesus nos abençoe e nos encontre acordados, nenhum de nós permitindo um novo “Getsêmani” doutrinário.

Envio-lhes meu abraço, com minha alma em gratidão e amizade a todos.

E. K.

*(Penitencio-me da prolixidade... É-me inevitável...) - Relembro André Luiz, em **Entre a Terra e o Céu**, cap. 36 “Corações renovados”:*

O capítulo sinaliza e confirma que quando há divergências pessoais e um dos envolvidos se veste de humildade e oferta entendimento e perdão, na forma de caridade, desata-se o nó e na alma brilha o céu da paz sob o sol do Amor, sem as nuvens da mágoa ou do ressentimento.

E.K.

R.C. escreveu: Caríssimo E.K.,

Já estava com saudades dos teus ditos e escritos.

Também me abespinhava de perplexidade diante do que J. Leite escrevera sobre o Hessen. Mas conhecedor da serenidade das grandes almas, Jorge Hessen nem se

abalou, lembrando-me o Cristo de Deus antes do último suspiro: - "Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem".

Também me lembro de Malba Tahan que cantou em versos: os cães ladram enquanto a caravana passa. Não, não te assuste com esta expressão, não estou nominando ninguém como cão e nem que Hessen seja a caravana, mas, que a serenidade do nosso irmão é muito mais vibrante que todos os impropérios que queiram lançar sobre ele ou contra quem não seja roustanguista, ah! isto é.

Então me louvo em ser pequeno, no tamanho e na cultura, pois não foi o que o Cristo disse: Bem-aventurados os pequeninos porque deles é o Reino dos Céus?

Sendo pequeno, qualquer portinhola servirá para que eu entre lá (assim espero, (risos) que não sejam enxergados os meus pecados grandes ou pequenos.

Pelo que conheço o Hessen, ele não se mortificou pelas incúrias lançadas e num vulgar ditado, tenho certeza que o "que vem de baixo, não o atinge".

Oremos por eles e o roustanguismo desaparecerá antes do fim do século XXI, pois tudo é que contra a ordem natural das coisas, fenece e desaparece.

Abração. R.C.

J.S. Escreveu: Amigo R.C.,

Não consegui descobrir a quem você endereça estas palavras, mas posso dizer-te de que estão bonitas e repletas de muita propriedade.

E quando você informa que me deve no campo do conhecimento adquirido, entendo que hajam apreendido alguma coisa ainda que elementar comigo, mas eu também aprendi e muito com você amigo R.C., pois você é um estudioso da doutrina, e se demora atento aos postulados do espiritismo.

Agradeço primeiramente a Deus e a Jesus, e depois a Jorge Hessen por haver nos apresentado um ao outro, pois você é um amigo inesquecível.

Até me pediu para eu não polemizar a mística rustenista, e isto para que eu evitasse fadiga não é mesmo meu amigo? (risos)

Um abração meu amigo. J. S.

J.S. escreveu: Amigo E.K. querido;

Esse é o E.K. que eu conheço, sempre pronto a defender a lidimes, a lógica e racionalidade do espiritismo.

Vamos aproveitar os nossos dias de maturidade, que graças ao bom Deus, não aconteceu apenas no corpo físico, mas também na alma, e vamos desmitificar a nossa doutrina.

Quando formos velhinhos meu amigo, espero já haveremos alcançado a benção de apreciarmos a nossa doutrina maravilhosa, lidima lógica e racional, esparzindo amor e luz a humanidade, então completamente liberta dos misticismos que tentam impingir-

lhe.

Amigo estou pretendendo comprar um helicóptero, e então vou passar uma tarde com você em, me aguarde. (risos)

Parabéns meu amigo. Um abraço.

35

INOCUIDADE FEBEANA E DOS ÓRGÃOS DE “UNIFICAÇÃO” ESPÍRITA NO BRASIL

A era virtual, das redes sociais e de outras plataformas da internet despedaçaram a supremacia da FEB e das federações estaduais.

Em 1978, durante a reunião do CFN - Conselho Federativo Nacional (colégio cardinalício) da FEB, um representante da FEEES - Federação espírita do estado de Espírito Santo defendeu a transformação do CFN (colégio cardinalício) numa Confederação Espírita Brasileira. Porém, Francisco Thiesen, então presidente da FEB, ameaçou pronunciando que a FEB jamais transformaria o CFN (colégio cardinalício) numa Confederação porque o CFN (colégio cardinalício) era um órgão de (“propriedade” da) FEB. Entretanto, afirmou que os presidentes das federações estaduais eram livres para se reunirem fora do CFN (colégio cardinalício) e criarem uma Confederação Espírita Brasileira.

Como no Brasil tudo é peculiar, os dirigentes das federações estaduais continuam achando “delicioso” se submeterem ao autoritarismo febeano. Exceto o brioso Gelio Lacerda da Silva, ex-presidente da FEEES - Federação espírita do Espírito Santo, que narra na obra *Conscientização espírita*,⁴⁸ “a direção da FEB na pessoa do vice-presidente, Sr. Juvanir Borges de Souza, ao término da reunião do Conselho Federativo Nacional (colégio cardinalício), em Brasília, de julho de 1980, me advertiu dizendo que a reforma estatutária da FEEES fechou as portas a Roustaing e que, se não fosse mudado, a FEB cancelaria a adesão da FEEES ao CFN (colégio cardinalício)”.

Lacerda acrescenta que a “FEB vem tomando atitudes arbitrárias e ameaçadoras dessa natureza, isso ao longo de sua existência, sob o olhar dulcificado e complacente dos dirigentes das federativas estaduais. Gelio afirma que com a FEB o movimento espírita vive sob regime de liberdade vigiada”.⁴⁹

Mas Deus é justo. Para quem não sabe, me apraz informar que o ex-

⁴⁸ Da Silva, Gelio Lacerda. *Conscientização espírita*, 1ª. edição, SP: EME editora 1995.

⁴⁹ *Idem*.

prestigioso parque gráfico febeano, localizado em São Cristóvão, Rio de Janeiro, faliu (encerrou suas atividades) por intervenção, obra e graça da Providência divina.

Vivemos novos tempos. Creio que a **era virtual, das redes sociais e de outras plataformas da internet despedaçaram a supremacia da FEB e das federações estaduais**. Hoje em dia, nenhum estudioso ou adepto do Espiritismo necessita dessas entidades antiquadas. Em verdade a Doutrina dos Espíritos tem chegado a incomensurável número de adeptos, graças ao novo paradigma da difusão das obras de Allan Kardec.

Pre vemos uma era de união espontânea, bom ânimo, coragem e sabedoria dos espíritas em torno das obras codificadas por Kardec, e obviamente distantes da chibata da “uniformização”, que é o farol da infausta “unificação” federada. Deste modo, temos observado que afastados das “cúpulas federativas infalíveis” vige maior fraternidade entre os espíritas. Hoje se acolhe e se convive com diversos modos diferentes de abranger, interpretar e vivenciar o projeto da Terceira Revelação.

Como dizia Chico Xavier, “É preciso fugir da tendência à ‘elitização’ no seio do movimento espírita. É necessário que os dirigentes espíritas, principalmente os ligados aos órgãos federativos, compreendam e sintam que o Espiritismo veio para o povo e com ele dialogar. É indispensável que estudemos a Doutrina Espírita junto com as massas, que amemos a todos os companheiros, mas sobretudo, aos espíritas mais humildes social e intelectualmente falando e deles nos aproximarmos com real espírito de compreensão e fraternidade. Mais do que justo evitarmos isso, a ‘elitização’ no Espiritismo, isto é, a formação do ‘espírito de cúpula’, com evocação de infalibilidade, em nossas organizações”.⁵⁰

Ora sabemos que no “espírito de cúpula” e “evocação de infalibilidade”, o primeiro decorre do segundo. Considerar-se “infalível” e superior aos outros é o que caracteriza a prepotência. Chico aponta com coragem que estes problemas estão acontecendo nos “órgãos federativos”. Por que Chico fez tal confissão? Por causa do distanciamento da “cúpula” dos espíritas deserdados. Pela excessiva centralização hierárquica e destruição dos canais de diálogo da maioria das federações com a comunidade pobre dos espíritas de periferia. “Sinceramente, não conseguimos compreender o Espiritismo, sem Jesus e sem Kardec para todos, com todos, e ao alcance de todos, a fim de que o projeto da Terceira Revelação alcance os fins a que se propõe”.⁵¹

⁵⁰ cf. Entrevista concedida ao Dr. Jarbas Leone Varanda e publicada no jornal uberabense o *Triângulo Espírita*, de 20 de março de 1977, e publicada no livro intitulado *Encontro no tempo*, org. Hércio m. C. Arantes, editora IDE, SP, 1979.

⁵¹ *Idem*.



Autores Espíritos Clássicos